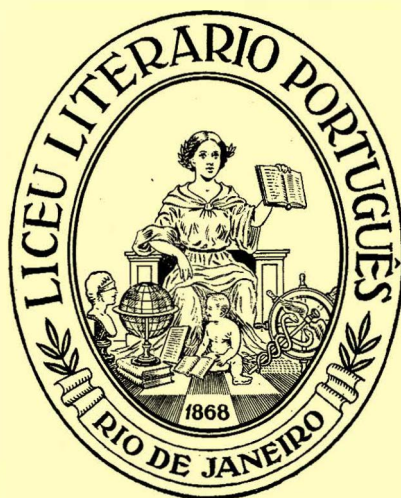


# CONFLUÊNCIA

REVISTA  
DO  
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

*Per multiplum ad unum*



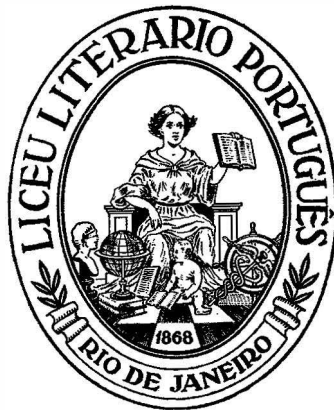
N.º 10 - 2.º semestre de 1995 - Rio de Janeiro

# CONFLUÊNCIA

*Per multiplum ad unum*

*"As annas e padrões portuguezes  
postos em África, e em Ásia, e em  
tantas mil ilhas fora da repartiçam  
das três partes da terra, materiaes  
sam, e pode-as o tempo gastar: però  
nã gastará doutrina, costumes,  
linguagem, que os portuguezes  
nestas terras leixarem."*

(JOÃO DE BARROS, *Diálogo em Louvor  
da Nossa Linguagem*)



N.º 10 - 2.º semestre de 1995 - Rio de Janeiro

# CONFLUÊNCIA

REVISTA  
DO  
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS  
Presidente: Edison Chini

CENTRO DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS  
Diretor: Antonio Gomes da Costa

DIRETORIA DO I.L.P.  
Edison Chini (Presidente)  
Sílvio Elia (Vice-Presidente)  
Gladstone Chaves de Melo  
Maximiano de Carvalho e Silva  
Evanildo Bechara  
Antônio Basílio Rodrigues

CONFLUÊNCIA  
Diretor: Evanildo Bechara  
Comissão de Redação:  
Sílvio Elia  
Gladstone Chaves de Melo  
Maximiano de Carvalho e Silva  
Antônio Basílio Rodrigues

Produção Gráfica  
Editora Lucerna Ltda

Pede-se permuta  
Pídese canje  
On demande l'échange  
Si chiede lo scambio  
We ask for exchange  
Man bitte um Austausch

Endereço para correspondência:  
Liceu Literário Português  
Rua Senador Dantas, 118  
CEP 20031-201 - Rio de Janeiro - RJ  
Brasil

A matéria da colaboração assinada é da responsabilidade dos autores.

Este número de *CONFLUÊNCIA* contou com o apoio especial da Secretaria de Estado da Cultura de Portugal, da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e da Tap – Air Portugal

## SUMÁRIO

	Pág.
Editorial (ANTÔNIO GOMES DA COSTA) .....	5
Homenagem a Jacinto do Prado Coelho .....	9
O Silêncio de Jacinto do Prado Coelho .....	11
Bibliografia de Jacinto do Prado Coelho .....	15
 <b>ARTIGOS</b>	
Lembranças do Professor Jacinto do Prado Coelho (MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA) .....	43
A Pesquisa com Línguas Indígenas Brasileiras – Um Debate (YONNE LEITE) .....	53
O Tratamento Lexicográfico das Variantes (ANTÔNIO GERALDO DA CUNHA) .....	61
A Tradição Gramatical Luso-Brasileira (EVANILDO BECHARA) .....	67
Sobre a Crítica Genética – II (SÍLVIO ELIA) .....	77
<b>TRANSCRIÇÕES</b> .....	93
<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b> .....	111
<b>REGISTRO BIBLIOGRÁFICO</b> .....	119
 <b>RESENHAS CRÍTICAS</b>	
MESSNER, Dieter. <i>Dicionário dos Dicionários Portugueses</i> (A. G. CUNHA) .....	123
 <b>NOTICIÁRIO</b> .....	 125
<b>COLABORADORES DESTE NÚMERO</b> .....	131



## EDITORIAL

### A LUSOFONIA: NOVO TEMPO

Estamos a viver, neste entardecer do século, dias importantes para os povos de Língua Portuguesa. E são importantes, primeiro, porque em alguns países estão em curso acontecimentos internos de mudança e de extraordinário significado político. Como é o caso do Brasil, onde foi implantado, com sucesso, um novo Plano de estabilização monetária, que, tendo embora menos de um ano, já representa resultados inegáveis contra a inflação, enquanto se processam reformas estruturais de grande alcance, que vão desde a definição de um novo formato para o Estado, até às modificações no ordenamento fiscal, na orgânica da previdência, no campo da educação e da saúde, etc. – tudo para que este país chegue à virada do século como uma das maiores potências mundiais. Como é o caso de Angola, que, depois do cessar-fogo e das recentes negociações entre o MPLA e a UNITA, começa finalmente a haver pelo menos a esperança da paz e da reconciliação, depois de 20 anos de guerras e conflitos permanentes. Como é o caso de Moçambique, onde depois das eleições do ano passado abriram-se espaços para a pluralidade e a convivência dos dois movimentos que lutaram pelo Poder desde 1975, sacrificando milhares de vidas e reduzindo o país a um nível de miséria e de sofrimento dos piores do mundo. Ou como é o caso, enfim, da Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe, onde foram definidas situações político-partidárias que tendem a garantir melhores padrões de governabilidade.

Mas são dias importantes também porque, independentemente das mudanças domésticas em cada um dos Estados-membros da lusofonia, que apontam para um ciclo de paz, de desenvolvimento e de promoção social, temos a possibilidade de institucionalizar uma Comunidade que, embora constituída por países geograficamente separados, possuem a Língua, a História e muitas afinidades culturais a dar-lhe a base e o contorno.

Um primeiro sinal de que a lusofonia começa a ganhar no mundo outra dimensão foi dado, há pouco tempo, pela UNESCO, ao adotar o Português como Língua de trabalho. Durante vários anos, envidaram-se esforços para que naquele organismo das Nações Unidas fosse utilizado, juntamente com o Inglês, o Francês, o Espanhol, o Italiano, etc. também o vernáculo. Sempre se arrumavam motivos para o assunto ficar em suspenso. Mas, finalmente, graças sobretudo ao empenho e às diligências do Prof. José Augusto Seabra, primeiro, e depois do Emb. José Aparecido de Oliveira junto ao Secretário-Geral da UNESCO, Federico Mayor, esse objetivo foi atingido, o que não deixa de ser uma conquista de grande significado para os povos lusófonos.

No entanto, a institucionalização formal da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa já adiada por duas vezes será a iniciativa diplomática que virá assinalar a nova posição, no contexto internacional, desse bloco formado pelos 7 Estados onde se fala o idioma de Camões, e induzir novas formas de cooperação e de intercâmbio entre eles.

A União Européia, desde os passos iniciais, com a declaração de 9 de maio de 1950, quando o ministro Robert Schuman afirmava que a Europa não se faria de uma vez, nem iria surgir como uma construção de conjunto, mas através de realizações concretas e progressivas, levou mais de 40 anos para chegar à engenharia do Tratado de Maastricht.

Pois, mesmo assim, poderíamos dizer que apesar dos indiscutíveis avanços para a integração e dos recursos fantásticos que foram mobilizados, a Europa dos "Doze", ou a Europa dos "Quinze", ou a "Europa do Atlântico aos Urais", continua e continuará, longe de ser a unidade que permeava o sonho de seus construtores.

É que pode ser relativamente fácil derrubar as barreiras alfandegárias para liberar a circulação dos produtos; podem ser colocados de parte os nacionalismos que noutros tempos causaram tantas guerras e confrontos; podem ser obtidos financiamentos para as infra-estruturas continentais; ou podem estabelecer-se consensos para acertar políticas comuns na agricultura, nas relações comerciais com outros países, no reconhecimento dos programas de ensino e na destinação de verbas para a pesquisa. No entanto, quando chega o momento de cruzar pontos críticos – como implantar a moeda única ou cerzir uma política externa casada – aí é que se vêem os sinais de fragilidade da União Européia. A Inglaterra diz que a moeda única e a política monetária ditada pelo Bundesbank não têm a sua concordância; e a França, quando chegou a hora de tomar uma posição conjunta na guerra do Golfo, roeu a corda e ficou comprometida com os fundamentalistas de Teerão.

Todavia o mais difícil para que a União se consolide e fortaleça em suas múltiplas vertentes não é o padrão monetário, nem são as diretrizes econômicas ou as divergências pontuais das chancelarias. O nó górdio está no dilema de cada país desistir de seus traços genéticos e individualizantes para se integrar na constelação européia. O idioma é, sem dúvida, a primeira força a puxar em sentido contrário. E depois com a Língua, vêm os "genes" e os "patterns" culturais, as matrizes da História, o cruzamento de etnias, as diferenças religiosas e assim por diante.

Um português pode partilhar com um sueco o consumo da manteiga holandesa, ou concordar em reduzir, para fazer a vontade ao governo e seguir as regras de Bruxelas, o plantio das videiras nas escarpas do Douro. Entretanto, a sua experiência nos trópicos ao correr dos séculos, a sua epopéia e a diáspora pelas sete partidas do mundo, o seu contato e miscigenação com outros povos, vão fazer com que, em questões fundamentais da política externa do continente, a visão desse português não seja a mesma do nórdico.

Delimitar a zona dos eucaliptos, reduzir o grau de acidez do azeite, conviver com produtos e tecnologia, modas e gostos de fora, tudo é possível; mas já é mais complicado substituir ou mudar os valores formativos da identidade de um povo,

uniformizar costumes e hábitos em língua estrangeira, ou assumir novas idiossincrasias em formatos históricos diferentes.

Ora, nesse corte, é que reside a grande vantagem da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. A União europeia, o NAFTA, os "tigres" do Pacífico ou quaisquer outros blocos poderão ter colchetes mais ou menos fortes a ligar os diversos Estados que os formam: colchetes relacionados com interesses econômicos e vantagens comparativas; colchetes impostos pelo determinismo geográfico; colchetes amarrados a interesses da política externa ou da estratégia do poder. Mas haverá sempre uma certa dose de artificialismo nesses conjuntos e o risco da transitoriedade. Por isso costuma-se dizer que a União Europeia é como o casamento: bom, enquanto dura. O próprio MERCOSUL, onde já temos uma presença maior de elementos naturais a lastrear a integração dos 4 países latino-americanos, certamente não possui aquilo a que José Craveirinha chama de "espaço de bula-bula fraternal", como acontece, por exemplo, em relação à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Por muitos modos poderia afirmar-se que, antes de ser, ela já existia: na Língua que falamos, na amizade que distribuímos, na convivência histórica que tivemos, nos valores que partilhamos, no passado comum e no futuro "a haver".

É claro que se voltarmos atrás vamos notar que pecamos pela retórica sentimental em que nos perdemos. Reconhecemos a importância da construção, a convergência de rumos, a solidez dos alicerces, a gama dos interesses entrecruzados, mas ficamos nas declarações e no discurso. "Estivemos vivos, mas não vivemos", como diria Cunha Rego. Contentamo-nos em namorar, sem a fecundação realizada. E já deixamos que outros países saíssem na frente, em ações objetivas, quando certamente fomos os primeiros, pelas afinidades e pelos valores divididos, a ter a percepção de que existia o espaço da lusofonia, com componentes próprios de afirmação e de grandeza, com tudo, para ser uma das grandes forças do mundo já neste final de milênio e no próximo.

Desta vez temos de nos despojar do discurso e das declarações de circunstância, se quisermos efetivamente dar corpo a um projeto que está de alguma maneira atrasado no tempo. E podemos atuar de imediato em dois hemisférios: na concertação política e na cooperação.

No que se refere à primeira, existem dois campos abertos para agir: de um lado, a articulação dos 7 países dentro dos organismos internacionais, para que a lusofonia ganhe peso e tenha voz; e, do outro, os encontros parlamentares e as reuniões periódicas dos membros dos governos para discutir propostas e planos de interesse comum.

No que tange à cooperação, temos um elenco infindável de ações a desenvolver, desde o ensino à ajuda econômica das tecnologias às experiências no setor da habitação, do livro ao campo diplomático. Nessa vertente, se considerarmos o estágio atual dos países africanos, as suas necessidades e os seus desafios, o Brasil e Portugal têm uma responsabilidade maior.

Angola e Moçambique, saindo dos estertores da guerra civil, com carências colossais em todos os domínios, inclusive naqueles que são essenciais à sobrevivência das próprias populações, são dois países que, sozinhos, não têm meios de proceder à própria reconstrução. E logo vão vivenciar um dilema dramático: se sentirem que dentro da Comunidade lusófona encontram apoio e ajuda para o seu crescimento econômico, para o progresso social, para a alfabetização das populações, para a construção de moradias, para a exploração dos recursos naturais, não tenhamos dúvida de que os governos de Luanda e do Maputo manterão os seus países no eixo da lusofonia. Entretanto, se sentirem que não há respostas adequadas para os anseios e as necessidades que os angustiam, acabarão por deslocar os vetores da política externa para outros meridianos de onde possam vir a tirar investimentos e auxílios financeiros. Sacrificam as matrizes generosas e boas da solidariedade lusófona por uma "Realpolitik" que se traduza, ao fim das contas, no ingresso de "fundos".

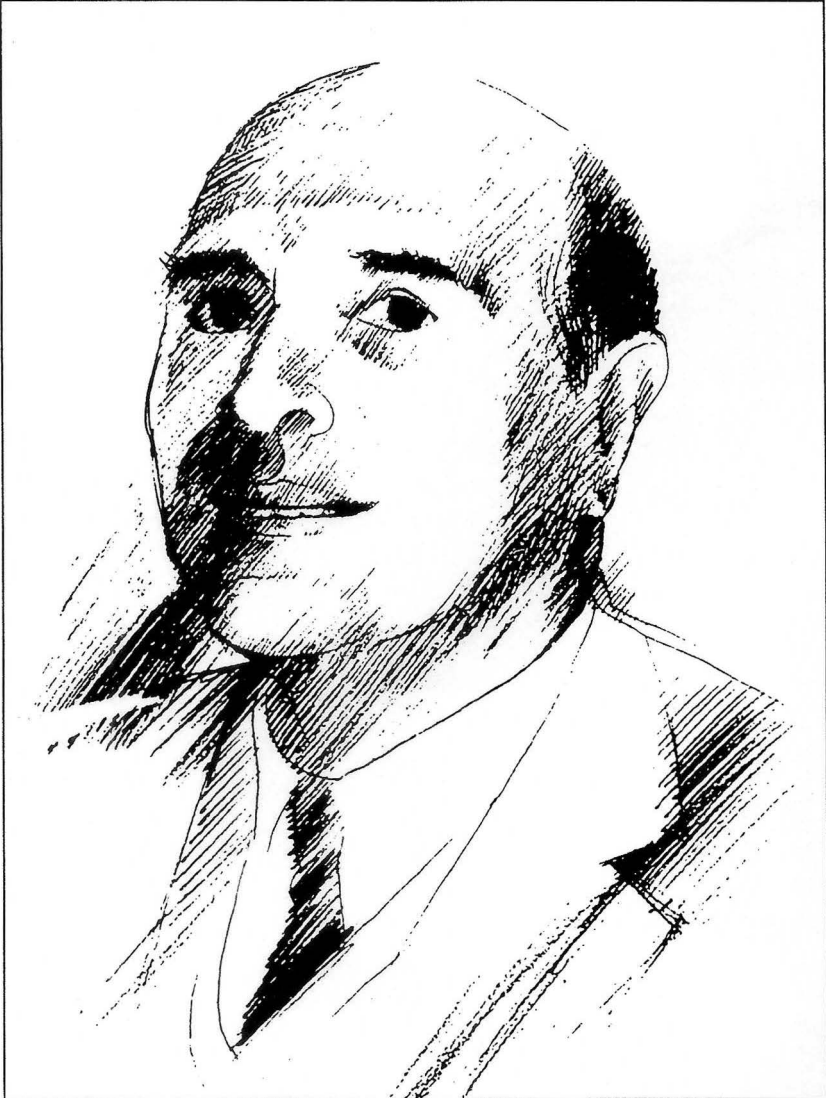
Em escala menor, os dilemas são os mesmos na Guiné-Bissau, cercada por países francófonos e que, por várias vezes, já foi tentada a passar para a zona de influência de Paris.

É a hora, como no verso pessoano, de pensar e de fazer à grande.

A. Gomes da Costa

\*\*\*

**NÚMERO EM HOMENAGEM A  
JACINTO DO PRADO COELHO**



**JACINTO DO PRADO COELHO  
(1920 – 1984)**

## O SILÊNCIO DE JACINTO DO PRADO COELHO

JOSUÉ MONTELLO

Conquanto já esperássemos pelo desfecho inapelável, a morte de Jacinto do Prado Coelho, ocorrida há poucos dias, em Lisboa, deixou-nos tão profundamente consternados, ao impacto da notícia dolorosa, que logo consideramos esse desfecho como um óbito imerecido.

Vi algumas fotografias recentes do querido amigo e mestre, e mais se avivou em mim a crueldade de seu ocaso. Poucos seres humanos me deram, como Jacinto do Prado Coelho, a sensação física e intelectual da robustez saudável. O corpo compacto, o semblante sanguíneo, a firmeza dos passos, a vivacidade da inteligência, a vastidão do saber, tudo nele transparecia vigor e saúde, com algo de outro Jacinto, o do romance de Eça de Queiroz, trazendo em si o vigor das serras, o harmonizado ao saber e ao estilo de vida da cidade.

E eis que de repente todo esse vigor se defaz, para apenas ficar o espírito invencível a debater-se com a enfermidade. Esta, num relance, tocou-lhe a fonte da vida, e só os seus olhos crescidos nos davam a idéia do combate que ali se travava, entre a claridade do grande espírito universal e a doença roaz, implacável, firmemente determinada a impor-lhe a selo de seu silêncio.

Um amigo comum, Luís Forjaz Trigueiros, na carta em que me deu a notícia pungente da morte de Jacinto do Prado Coelho, contou-me que o corpo do mestre, exposto em câmara ardente na Casa da Imprensa, na capital portuguesa, recebeu a homenagem de toda a Lisboa intelectual, que por ali passou, consternada, sabendo que entre aqueles círios acesos estava uma das mais altas figuras da inteligência européia.

Européia, digo bem. Porque Jacinto foi sobretudo um representante maior da cultura ocidental, aquela que vem de Atenas e de Roma, difundindo-se no sentido do Ocidente, e de que somos prolongamento, com os matizes naturais da formação brasileira.

Na notícia biográfica que acompanha o nome e o retrato, de Jacinto do Prado Coelho, no *Anuário da Academia Brasileira* (a que pertenceu, como sócio correspondente), figura esta indicação, após a notícia de que nascera em Lisboa, a 1º de setembro de 1920: "É filho do professor e ensaísta Antônio Diogo do Prado Coelho e pai do professor e ensaísta Eduardo Almeida do Prado Coelho." Ele próprio, Jacinto, professor e ensaísta. E que ensaísta e que professor!

Antes de apertar-lhe a mão pela primeira vez, em Lisboa, já eu era seu amigo, graças à leitura de seus livros magistrais, e graças às atenções de sua pena para com a minha obra de romancista.

Lera-o em 1946, logo que saiu a sua *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, notabilíssimo ensaio crítico, primorosa visão de conjunto da obra do mestre de *Eusébio Macário*, logo perfilado nas estantes especializadas como um monumento do ensaio português. Tinha Jacinto do Prado Coelho, por essa época, 26 anos.

Estreara-se em livro, dois anos antes, com um pequeno estudo sobre *A Poesia Ultra-Romântica*, logo seguido de três outros volumes: *Fialho de Almeida* (1944), *A Educação do Sentimento Poético* (1944) e *A Poesia de Teixeira de Pascoais* (1945).

Toda a sua vida, daí por diante, é um tirocínio contínuo de livros, conferências, palestras, sempre no mundo das letras. E trazendo para cada estudo a contribuição nova de sua visão elucidativa e pessoal. Porque o mestre do ensaio sabia ser o pensador arguto, com o cabedal das idéias próprias, e num estilo que o situa igualmente entre os mestres contemporâneos da prosa de língua portuguesa.

Ouvimo-lo aqui no Brasil em vária oportunidade. No Gabinete Português de Leitura, na Academia Brasileira, na Faculdade de Letras, nos congressos de literatura. Chamavam-no de longe, e ele vinha radiante, com o gosto de se identificar com a vida e os livros brasileiros. Para deixar conosco a lembrança dos aplausos com que lhe acolhíamos as lições.

Devo-lhe os três estudos magistrais com que saudou em Portugal, sucessivamente, *Os Tambores de São Luís*, *Noite sobre Alcântara* e *A Cora de Areia*. Devo-lhe mais o carinho excepcional com que, ao vir pela última vez ao Brasil, alongou sua viagem até São Luís, para conhecer – disse-me ele – o cenário de meus romances.

Não pude vê-lo nessa última viagem ao Brasil, mas com ele me encontrei em Lisboa, na companhia de Luís Forjaz Trigueiros, quando fui vê-lo na Fundação Gulbenkian, a que emprestava a autoridade de seu grande nome como diretor da revista *Colóquio/Letras*, ponto de convergência das letras de língua portuguesa, quer de Portugal e do Brasil, quer de Cabo Verde e de Moçambique, quer dos Açores e de Guiné-Bissau.

Permanentemente atualizado com as idéias e os livros de nosso tempo, Jacinto do Prado Coelho era um primoroso humanista. Em Portugal, depois da morte de Vitorino Nemésio, quem poderia disputar com ele o primado da crítica e do ensaio de conotação universitária? Na hora em que a crítica literária se dividia entre o ensaísmo de jornal e a lição da cátedra, ele soube conciliar esplendidamente as duas vertentes, e esta é certamente a sua mais bela lição como mestre do ensaísmo crítico de língua portuguesa.

Mais do que a compreensão superior de minha obra literária, devo-lhe a afeição do companheiro. Por isso, ao saber de sua enfermidade irreparável, vim para esta coluna, ainda com a emoção da notícia, e disse de público o que ele significava para a cultura contemporânea, valendo-me do pretexto do último livro seu que me

chegara às mãos. Nada escrevi de excessivo no louvor aberto ao seu talento e ao seu vastíssimo saber. E hei de guardar comigo a emoção da carta com que se referiu ao meu artigo de jornal.

Hoje, que ele apenas sobrevive nos seus livros e nas nossas recordações, é bom repetir aqui o que escreveu Machado de Assis em carta a Henrique Chaves, por ocasião da morte de Eça de Queiroz: "Que hei de dizer que valha esta calamidade? Para os romancistas é como se perdêssemos o melhor da família, o mais esbelto e o mais válido. E tal família não se compõe só dos que entraram com ele na vida do espírito, mas também das relíquias da outra geração, e, finalmente, da flor da nova".

Sim, perfeitamente: porque Jacinto do Prado Coelho soube ser grande em face de três gerações" a dos seus mestres, a de seus contemporâneos e a dos seus discípulos.

[O Silêncio de Jacinto do Prado Coelho, de Josué Montello. Extraído do *Jornal do Brasil* - 05/06/84, 1º cad., p. 11.]

\*\*\*



# BIBLIOGRAFIA DE JACINTO DO PRADO COELHO

## I PARTE

### 1. PRIMEIROS ESCRITOS

- 1 "A morte de Estela" [conto], in *Estudantes de Portugal* [Director: Virgílio Pereira da Costa], nº 1, Lisboa, 13 de Junho 1935, p. 3.  
[Assinado Jacinto A. do Prado Coelho. O A. tem então 15 anos incompletos.]
- 2 "Os saltimbancos (Pequeno conto)", *ibid.*, nº 3, 27 de Junho 1935, pp. 1-2.
- 3 "A Pátria e o soldado", *ibid.*, nº 4, 4 de julho 1935, p. 1.
- 4 "Trovas populares", *ibid.*, nº 4, p. 5.
- 5 "A propósito da 'Decadência do Riso'" [de Eça de Queirós], *ibid.*, nº 5, 18 de Julho 1935, p.8.  
[Errata no número seg., p.8]
- 6 "Cinema americano", *ibid.*, nº 6, 1 de Agosto 1935, p. 8.
- 7 "Cantigas do meu ribeiro", *ibid.*, nº 7, 15 de Setembro 1935, p. 2.
- 8 "?" *ibid.*, nº 8, 5 de Setembro 1935, p. 3.  
[3º capítulo de romance de autoria conjunta.]
- 9 "Trovas populares", *ibid.*, nº 10, 3 de Outubro 1935, p. 1.
- 10 "Boa vontade", *ibid.*, nº 10 [11], 10 de Outubro 1935, p. 2.
- 11 "Cartas e postais" [ao "Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director"], *ibid.*, nº 10 [11], p. 8.
- 12 "Um passeio à Lousã", *ibid.*, nº 12, 17 de Outubro 1935, pp. 11-12.
- 13 "Trovas populares", *ibid.*, nº 13, 24 de Outubro 1935, p. 1.
- 14 "A noite" [como], *ibid.*, nº 15, 7 de Novembro 1935, pp. 1-2.
- 15 "O Cruzeiro Amarelo" [crítica de cinema], *ibid.*, nº 16, 14 de Novembro 1935, p.5.
- 16 "Viana da Mota falou-nos. Sensacional entrevista como o nosso redactor Jacinto do Prado Coelho", *ibid.*, nº 16. p. 2.
- 17 "A Portugal" [poesia], *ibid.*, nº 16, p. 10.
- 18 "Mentirosa" [soneto], *ibid.*, nº 17, 21 de Novembro 1935, p. 3.
- 19 "Novelas escolhidas. Prosas íntimas de Jorge Belchior. – I. A uma mulher", *ibid.*, nº 19, 5 de Dezembro 1935, p. 7.
- 20 "Uno veritas" [soneto], *ibid.*, nº 21, 19 de Dezembro 1935, p. 3.
- 21 "Cinema educativo", *ibid.*, nº 22, 9 de Janeiro 1936, p. 1.

- 22 "O significado da Restauração" [conferência], *ibid.*, nº 23, 23 de Janeiro 1936, p.8.  
 23 "Pregunta" [quadra], *ibid.*, nº 24, 30 de Janeiro 1936, p. 1.  
 24 "O significado da Restauração", *ibid.*, nº 24, p. 8.  
 25 "Educar" [artigo de fundo], *ibid.*, nº 25, 13 de Fevereiro 1936.  
 26 "O significado da Restauração" [conclusão], *ibid.*, nº 26, 23 de Abril 1936, p. 7.

## 2. LIVROS. OPÚSCULOS. ANTOLOGIAS

- 27 *Poesia e Verdade em Romain Rolland*, sep. da *Revista da Faculdade de Letras*, t. VII, Lisboa, 1939 [42 pp.].
- 28 *A Poesia Ultra-Romântica*, Selecção, prefácio e notas, 2 vols., Lisboa, Col. Clássicos Portugueses, Liv. Clássica Editora, 1944; 2ª ed., sob o título *Poetas do Romantismo*, 2 vols., mesma editora, 1965.
- 29 *A Educação do Sentimento Poético*, Coimbra, Col. Universitas, Coimbra Editora, Ldª, 1944. [Na sua forma original, este "ensaio crítico-pedagógico" foi apresentado como tese a Exame de Estado, na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1943.]
- 30 *Fialho de Almeida*, Introdução, selecção de textos e notas, Lisboa, Col. As Melhores Páginas da Literatura Portuguesa, Lisboa, Livraria Rodrigues, 1944.
- 31 *A Poesia de Teixeira de Pascoaes*, Ensaio e Antologia, Coimbra, Atlântida, 1945. [Ver nº 123.]
- 32 *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, Coimbra, Coleção Atlântida, 1946 [imp. em Lisboa]; 2ª ed., refundida e aumentada, 1º e 2º vols., Lisboa, Col. Temas Portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982 e 1983; Tiragem especial de 250 exs. encad. [Dissertação de doutoramento em Filologia Românica, na Faculdade de Letras de Lisboa, em Janeiro de 1947.] [Ver nº<sup>os</sup> 395, 406 e 407.]
- 33 *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, Lisboa, edição da *Revista Ocidente*, 1949 [mas só publ. em Janeiro de 1951]; 2ª ed., refundida e acrescentada, Lisboa, Editorial Verbo, 1963; 3ª ed., ref. e acr., mesma editora, 1969; 4ª ed., rev. e act., m. e., 1973; 5ª ed., rev. e act. [1ª ed. brasileira], São Paulo, Editora Verbo S.A./Editora da Universidade de São Paulo, 1977; 6ª ed., rev. e act., Lisboa, Editorial Verbo, 1980; 7ª ed., rev. e act., m. e., 1982. [Inicialmente, saiu também em suplemento da *Revista Ocidente* (vol. XLI, nº 159, Julho 1951 / vol. XLII, nº 166, Fevereiro 1952). [Dissertação apresentada na Faculdade de Letras de Lisboa, em concurso para professor extraordinário da 1ª secção, 2º grupo (Filologia Românica), em Janeiro de 1951. Ver nº<sup>os</sup> 56 e 424.]
- 34 *O infinito absoluto no Romanceiro popular*, sep. da *Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à memória de Francisco Adolfo Coelho*, 11º vol., pub. do *Boletim de Filologia*, Lisboa, 1950, pp. 133-140.
- 35 *Motivos e Caminhos do Lirismo Camoniano*, sep. da *Biblos*, vol. XXVIII, Coimbra, 1952 [22 pp.]. [Conferência proferida a 10 de Junho de 1952 na Sociedade de Geografia.]
- 36 *À margem das "Reflexões" de Matias Aires*, sep. da *Brasília*, vol. VII, Coimbra, 1952 [48 pp.].

- 37 *História Da Cultura e História da Literatura*, sep. da *Revista Filosófica*, Ano II, nº 5, Coimbra, 1952; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 7-46 ("Problemática da História Literária") (2ª ed. [1972], pp. 15-44).
- 38 Comentário à Obra de Ester de Lemos "D. Maria II (A Rainha e a Mulher)", Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1954.  
[Conferência proferida no Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo em 26 de Março de 1954.]
- 39 *Garrett Prosador*, sep. da *Revista da Faculdade de Letras*, t. XXI, 2ª série, nº 1, Univ. de Lisboa, 1955, pp. 18-39; incluído também em *Comemoração do Primeiro Centenário do Visconde de Almeida Garrett (1854-1954)*, Lisboa, Ministério da Educação Nacional, 1959; reprod. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 72-100 (2ª ed., 1977, pp. 57-76). ["Conferência proferida em Novº de 1954 na Faculdade de Letras de Lisboa e integrada na série das comemorações oficiais do Centenário de Garrett".]
- 40 *O Vocabulário e a Frase de Matias Aires*, sep. do *Boletim de Filologia*, t. XV (1954-55), Lisboa, 1955.
- 41 *Relatório do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Lisboa / 1957, sep. das *Actas*, vol. I – Secção III – A literatura – Tema 2 – A natureza e os povos indígenas na literatura portuguesa, Lisboa, 1959, pp. 429-432.
- 42 *Subsídios para o estudo de João Xavier de Matos*, sep. da *Revista da Faculdade de Letras*, III série, nº 1, Univ. de Lisboa, 1957, pp. 305-341 (*Miscelânea de Estudos em honra do Prof. Hernâni Cidade*).
- 43 *O Jogo do Amor e da Glória em "Rodogune" de Corneille*, sep. da *Revista 4 Ventos*, nº 13-14, Braga, 1958.
- 44 *A Musa Negra de Pina e Melo e as Origens do Pré-Romantismo Português*, sep. das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Letras*, t. VII, 1959 [-1962], pp. 109-127.
- 45 *Germes de Romantismo num Poeta Barroco (Pina e Melo)*, sep. da *Revista do Livro*, nº 16, Rio de Janeiro, Dezembro de 1959, pp. 29-38.
- 46 *Situação de Fialho na Literatura Portuguesa*, sep. dos *Annali* do Instituto Universitario Orientale de Nápoles, t. I, nº 1, 1959; reprod. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 204-222 ("Fialho e as correntes do seu tempo") (2ª ed., 1977, pp. 149-161).  
[Ver nº 356.]
- 47 *Plano a que obedece o Dicionário Académico*, apresentado na Sessão Plenária da Academia em 9 de Julho de 1959, sep. do *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. XXXI, Maio a Julho de 1959.  
[Ver nºs 96 e 111.]
- 48 *António Corrêa d'Oliveira*, Palavras proferidas na sessão da Classe de Letras da Academia em 25 de Fevereiro de 1960, sep. do *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, nova série, vol. XXXII, Janeiro e Fevereiro 1960, pp. 62-65; reprod. in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 3 de Março 1960 ("Breve perfil de A. C. de O."), e *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 257-262 ("Perfil de A. C. de O.") (2ª ed. [1972], pp. 211-214).
- 49 *Poetas pré-Românticos*, Seleccção, introdução e notas, Coimbra, Colecção Literária Atlântida, Atlântida, 1961; 2ª ed. melhorada, mesma editora, 1970.
- 50 *O Aproveitamento Estilístico de Algumas Possibilidades Sintácticas do Português*, sep. da *Revista do Livro*, nº 21-22, Rio de Janeiro, Março-Junho 1961, pp. 31-41.

- 51 *La mise-en-relief stylistique de quelques possibilités syntaxiques du portugais*, sep. dos *Annali* do Instituto Univ. Orientale de Nápoles, vol. III, nº 2, Julho 1961, pp. 247-265.
- 52 *Problemática da História Literária*, Lisboa, Col. Ensaio, Edições Ática, 1961; 2ª ed. revista e ampliada, mesma ed., s/d [1972].  
[Ver nºs 37, 48, 139, 145, 177, 190, 206, 212, 216, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 229, 230, 231, 232, 237, 239, 240, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 273, 274, 308, 414.]
- 53 *Alguns Exemplos de "Adynata" na Poesia Popular Portuguesa*, sep. da *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, nº 6, Figueira da Foz, 1961, pp. 634-637.
- 54 *Presença da França nas Letras Portuguesas nos séculos XVIII e XIX*, Comunicação apresentada à Classe de Letras na sessão da Academia de 15 de Março de 1962, sep. do *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, nova série, vol. XXXIV, Março e Abril 1962, pp. 123-149; sep. também da *Revista do Livro*, nº 25, Rio de Janeiro, Março 1964, pp. 77-93.
- 55 *French Influence on Portuguese Literature in the 18th and 19th Centuries*, sep. dos *Proceedings of the IIIrd Congress of the International Comparative Literature Association* Haia, 1962.
- 56 *Notas à margem de Fernando Pessoa*, sep. da *Revista Ocidente*, vol. LXIV, nº 302, Lisboa, Junho 1963, pp. 285-292; **reprod. aum. in *Diversidade e Unidade em F. P.* a partir da 2ª ed., 1963, pp. 211-233, até à 7ª ed., 1982, pp. 209-238.**  
[Ver nºs 33 e 424.]
- 57 *Contos de Camilo Castelo Branco, Seleção*, prefácio e notas, Lisboa, Col. Textos Clássicos, Editorial Verbo, 1963.
- 58 *Elogio Histórico de José Maria Rodrigues*, sep. das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*, t. VIII, Lisboa, 1963 [-66], pp. 7-25.
- 59 *O IV Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada*, Comunicação apresentada à Classe de Letras em sessão de 29 de Outubro de 1964, sep. do *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. XXXVI (1964), pp. 470-482.
- 60 *O Rio de Janeiro na Literatura Portuguesa, Prefácio e antologia*, Lisboa, Comissão Nacional das Comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, 1965.
- 61 *Poetas do Romantismo*, Seleção, introdução e notas, 2 vols., Lisboa, Col. Clássicos Portugueses. Trechos Escolhidos, Livraria Clássica Editora, 1965.
- 62 *Quelques thèmes caractéristiques de la poésie portugaise moderne*, sep. do *Bulletin des Etudes Portugaises*, nouv. série, tome vingt-six, [Lisboa], 1965, pp. 11-43; versão port. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 329-365 ("Alguns temas da moderna poesia portuguesa") (2ª ed., 1977, pp. 241-265).
- 63 *Bocage, Pintor do Invisível*, sep. das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*, t. IX, 1966, pp. 101-121.  
[Ver nºs 65 e 276.]
- 64 *Verso e Frase em "O Sentimento dum Ocidental"*, sep. da rev. *Ocidente*, vol. LXXII, nº 348, Lisboa, Abril 1967, pp. 182-187; **reprod. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 195-203 (2ª ed., 1977, pp. 143-148).**
- 65 *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Col. Problemas, Portugália Editora, 1969; 2ª ed., Lisboa, Col. Temas e Problemas, Moraes Editores, 1977. [Ver nºs 63, 64, 92, 262, 263, 269, 271, 275, 276, 278, 279, 282, 286, 292, 299, 356.]
- 66 *A Literatura Portuguesa, Expressão duma Cultura Nacional*, sep. dos *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. II, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1970, pp. 500-525.

- 67 Francisco Dias Gomes, *Crítico Literário*, sep. da *Revista da Faculdade de Letras*, III série, nº 13, Univ. de Lisboa, 1971, pp. 177-190 (*Miscelânea de Estudos em honra do Prof. Vitorino Nemésio*).
- 68 *Proza di fictiune in Portugalia in secolul al XIX-lea*, sep. da *Revista de istorie si teorie literarã*, t. 23, nº 1, Bucuresti, 1974, pp. 39-49.
- 69 *Influnces françaises dans quelques textes de poètes pré-symbolistes et symbolistes portugais*, sep. de *Actes du VII<sup>e</sup> Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée* [1975?], pp. 399-402.
- 70 *Ensino da Literatura e Crítica Literária* [Palestra no Rotary Clube da Figueira da Foz], Figueira da Foz, Publicação do Jornal *Mar Alto*, 1975.
- 71 *Discurso de recepção de Luís Forjaz Trigueiros, novo académico titular da Classe de Letras*, sep. das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*, t. XVII, Lisboa, 1976, pp. 109-122.
- 72 *Ao contrário de Penélope*, Lisboa, Col. Tempo Aberto, Livraria Bertrand, 1976.  
[Ver nºs 75, 95, 236, 284, 300, 310, 315, 318, 326, 327, 340, 341, 342, 345, 346, 347, 348, 352, 353, 355, 437, 438, 439, 440.]
- 73 *Les relations entre le langage et le réel dans le premier modernisme portugais*, sep. de *Actes du VIII<sup>e</sup> Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée*, Budapeste [1976], pp. 721-723.
- 74 *Conscience civique et conscience littéraire de l'écrivain portugais*, sep. dos *Cahiers roumains d'études littéraires*, nº 2, Bucarest, 1976.
- 75 *Para a compreensão d'"Os Maias" como um todo orgânico*, sep. de *Sillages*, nº 5, Poitiers, 1977; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 167-188.  
[Ensaio apresentado num colóquio sobre Portugal no século XIX que se realizou na Univ. de Poitiers em Maio de 1973.  
Ver nº 345.]
- 76 *Originalidade da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura [e Língua] Portuguesa, 1977; 2ª ed., m. e., 1985.
- 77 *Carlos Nejar; Poeta da Condição Humana*, sep. das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*, t. XVIII, Lisboa, 1977, pp. 69-77.  
[Ver nº 84.]
- 78 *Qualcosa di nuovo su António Mora*, sep. dos *Quaderni portoghesi*, nº 1, Giardini Editori e Stampatori, Pisa, Primavera 1977, pp. 37-43.
- 79 *Herculano Poeta*, sep. das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*, t. XIX, Lisboa, 1978, pp. 365-382.  
[Ver nºs 84 e 366.]
- 80 *Jaime de Magalhães Lima, Discípulo de Tolstoi*, sep. das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*, t. XX, Lisboa, 1979, pp. 305-319.  
[Ver nºs 84 e 369.]
- 81 *Antologia da Ficção Portuguesa Contemporânea*, Seleção, prefácio e notas biobibliográficas de Jacinto do Prado Coelho (com a colaboração de Álvaro Salema), Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa/Secretaria de Estado da Cultura, 1979.
- 82 *As Palavras-chave na Tradução Poética*, sep. da *Biblos*, vol. LVII (Homenagem a M. Paiva Boléo), Coimbra, 1981, pp. 291-297.  
[Ver nº 84.]

- 83 A "*Ilha dos Amores*": *Conjunções e Sissonâncias*, sep. dos *Arquivos do Centro Cultural Português*, t. XVI, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, pp. 181-189. [Ver nº 84.]
- 84 *Camões e Pessoa, Poetas da Utopia*, Lisboa, Col. Estudos e Documentos, Publicações Europa-América, 1984.  
 ["Literatura e Utopia; Camões, hoje; Do 'fraco batel' de Camões; *Os Lusíadas*, obra de poesia; *Os Lusíadas*, obra de pensamento; Camões, a cultura e o poder; Um humanismo de raiz portuguesa; *Os Lusíadas*: uma ética do desejo; A 'Ilha dos Amores': conjunções e dissonâncias; O Velho do Restelo e as contra-dições camonianas; Estruturas conceptuais e narrativas na poesia camonianiana; As palavras-chave na tradução poética; Camões na óptica de Pascoaes; D'*Os Lusíadas à Mensagem*; As relações entre a linguagem e o real em Fernando Pessoa; Pessoa ou A estratégia da razão; O F. P. de Leyla Perrone-Moisés ou A recuperação do *ego* suprimido; Uma 'chave' para F. P.: a 'Outra Coisa'; Portugal imaginário e verdadeiro na poesia portuguesa; Matias Aires e os embustes do amor-próprio; A outra face de Herculano; As Letras na Academia; Jaime de Magalhães Lima, discípulo de Tolstoi; Ruben A.: uma estratégia para o amor; Nemésio: uma espécie de humildade; A dimensão política da obra de Miguel Torga; Agustina: uma leitura da Revolução; Odylo, coração incendiado; Josué Montello: o talento na perfeição; Carlos Nejar, poeta da condição humana".  
 [Ver nºs 77, 79, 80, 82, 83, 100, 101, 112, 360, 366, 368, 369, 371, 374, 376, 379, 380, 382, 385, 386, 388, 394, 400, 402.]

### 3. OUTROS ESTUDOS E TEXTOS EM OBRAS DE AUTORIA CONJUNTA

- 85 "A. P. Lopes de Mendonça", in *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX* [ed. lit. João Gaspar Simões], vol. I, Lisboa, Edições Ática, 1947, pp. 239-259; reprod. in *A Letra e o Leitor*, Lisboa, 1969, pp. 112-137 ("Um crítico do Romantismo: A. P. L. de M.") (2ª ed., Lisboa, 1977, pp. 85-101).
- 86 "O clássico e o prazenteiro em Rosalía", in *7 ensayos sobre Rosalía* (Com R. Carballo Calero, García Sabell, Ramón Piñeiro, etc.), Vigo, Editorial Galáxia, 1952.
- 87 Sobre o Saudosismo, o Simbolismo português, o *Orpheu*, Fernando Pessoa, Garrett, Cesário e Baudelaire, o Porto entre o Romantismo e o Realismo, a novela camiliana, in *Estrada Larga*, vol. I, Porto Editora [1958]; sobre Fialho, *ibid.*, vol. III, s/d. [Ver nºs 208, 210, 213, 214, 215, 218, 226, 235.]
- 88 Numerosíssimos trabalhos in *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, Porto, 1960 (2ª ed.: *Dicionário de Literatura*, Porto, 2 vols., 1969 e 1971) (sete reimp.); colaboração in *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa, 18 vols., Lisboa, 1964-1976; *Dicionário Biográfico Universal de Autores*, Lisboa, Artis-Bompiani, vols. I-III, 1966-1976; *Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, vol. I, 1977.
- 89 "Camilo Castelo Branco", in *Os Grandes Portugueses* [ed. lit. Hernâni Cidade], 2º vol., Lisboa, Arcádia, 1963, pp. 377-384.
- 90 "Teixeira de Pascoaes", *ibid.*, pp. 403-408.
- 91 "As polémicas de Camilo", in *As Grandes Polémicas Portuguesas* [ed. lit. Artur Anselmo], vol. II, Lisboa, Editorial Verbo, 1964 [-67], pp. 73-103.

- 92 "Sobre algumas variantes da *Mensagem* de Fernando Pessoa", in *Homenagem – Estudos de Filologia e História Literária Luso-Hispanas e Ibero-Americanas publicados para celebrar o terceiro lustro do Instituto de Estudos Hispânicos, Portugueses e Ibero-Americanos da Universidade de Utrecht*, Haia, 1966, pp. 161-168; reprod. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 309-319 ("Cronologia e variantes da *Mensagem*") 2ª ed., 1977, pp. 227-234).
- 93 "Sobre a restituição da motivação lexical no português literário", in *Estudos Filológicos* (Homenagem a Serafim da Silva Neto), org. de Leodegário A. de Azevedo Filho, Rio de Janeiro, 1967, pp. 89-93.
- 94 "Entre le Symbolisme et l'Existentialisme; *Húmus* (1917) de Raoul Brandão", in *Actes du V<sup>e</sup> Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée, Univ. de Belgrade/Swets & Zeitlinger, Amsterdam, 1969*, pp. 355-361.
- 95 "Roman et poésie: La formation d'un style chez Vergílio Ferreira", resumo in *Actas do XII Congresso da Federação Internacional de Línguas e Literaturas Modernas*, Cambridge (Inglaterra) [1972], pp. 191-192; reprod. o texto português in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 283-288 ("V. F.: um estilo de narrativa à beira do intemporal").
- 96 "Nota liminar" e "Semântica e estilística lexicais", in *Academia das Ciências de Lisboa, Dicionário da Língua Portuguesa*, volume I (A-Azuverte), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1976. [Ver n<sup>os</sup> 47 e 111.]
- 97 "Discours inaugural de M. Jacinto do Prado Coelho, président du Centre Portugais de l'A. I. C. L.", in *IV Congrès de l'Association Internationale des Critiques Littéraires*, Lisbonne, Mars 30/Abril 2/1976, éd. de l'Association Internationale des Critiques Littéraires et de la Fondation Calouste Gulbenkian, 1977, pp. 9-13.
- 98 "Introdução à sociologia da leitura literária. I – O aspecto objectivo-quantitativo. II – A leitura como criação e como construção: motivações socioculturais dos modos de ler", in *Problemática da Leitura – aspectos sociológicos e pedagógicos*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980, pp. 9-33.
- 99 "Ruven A. moralista – ou uma tática para o amor", in *Ruben A. – In Memoriam Ruben Andresen Leitão*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, pp. 99-104. [Ver n<sup>o</sup> 84.]
- 100 "Os Lusíadas: uma ética do desejo", in *Estudos sobre Camões*, "Páginas do Diário de Notícias dedicadas ao poeta no 4<sup>o</sup> centenário da sua morte", Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Editorial Notícias, 1981, pp. 101-108. [Ver n<sup>os</sup> 84 e 386.]
- 101 "Camões: ideologia e poesia", in *Cuatro lecciones sobre Camoens* (com Alonso Zamora Vicente, José Filgueira Valverde e Vítor Manuel de Aguiar e Silva), Madrid, Fundación Juan March/Cátedra, 1981, pp. 43-70; reprod. in *Camões e Pessoa*, 1984 ("Os Lusíadas, obra de poesia", "Os Lusíadas, obra de pensamento", "Um humanismo de raiz portuguesa" e "O Velho do Restelo e as contradicções camonianas", pp. 37-39, 40-46, 51-54 e 69-76). [Ver n<sup>o</sup> 84.]

#### 4. DIRECÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE OBRAS, DICIONÁRIOS, REVISTAS

- 102 *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, Direcção de ..., Porto, Livraria Figueirinhas, 1960; 2ª ed., sob o título de *Dicionário de Literatura* e o subtítulo de *Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega, Estilística Literária*, 1º e 2º volumes, mesma editora, 1971; 3ª ed. (reimp.), 1º a 5º volumes, 1973; última reimp. (7ª), 1983.
- 103 Camilo Castelo Branco, *Obra Selecta*, Organização, selecção, introdução e notas. – Introdução Geral. Raízes e Sentido da Obra Camiliana. – 2 vols., Rio de Janeiro, Biblioteca Luso-Brasileira. Série Portuguesa, Editora José Aguilar, Ltda., 1960.
- 104 Teixeira de Pascoaes, *Obras Completas*, Introdução e aparato crítico de ..., I vol., Lisboa, Livraria Bertrand [1965]; VI vol. da *Poesia* [1970]; VII vol.: *Prosa I* ["Pascoaes: do verso à prosa"] [1972]; XI vol.: *Prosa V* [1975].  
[Ver nº 315.]
- 105 Obras de Camilo Castelo Branco, Nova edição sob a direcção de ..., Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1965- [80 volumes anunciados].
- 106 Fernando Pessoa, *Obras Completas*, IX – *Quadras ao Gosto Popular*, Texto estabelecido e prefaciado por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ed. Ática, 1965. ["Estrutura e temática das quadras 'populares' de F. P."].
- 107 Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, Textos estabelecidos e prefaciados por Jacinto do Prado Coelho e Georg Rudolf Lind, Lisboa, Edições Ática, 1966. ["F. P., pensador múltiplo"].  
[Ver nº 277.]
- 108 Fernando Pessoa, *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Edições Ática, s/d [1967]. ["Tópicos para uma leitura crítica"].  
[Ver nº 282]
- 109 Direcção literária, com Hernâni Cidade, de *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (a partir do nº 57, Fevereiro 1970, até ao nº 61, Dezembro 1970 – último desta 1ª fase).
- 110 Direcção, com Hernâni Cidade, da Revista *Colóquio/Letras*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (a partir do nº 1, Março 1971, até ao nº 23, Janeiro 1975); direcção a partir do nº 24, Março 1975. – 79 números publicados até Maio de 1984.
- 111 Direcção (e colaboração) do *Dicionário da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa, vol. I, 1976.  
[Ver nºs 47 e 111.]
- 112 Matias Aires, *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, Prefácios, fixação do texto e notas por Jacinto do Prado Coelho e Violeta Crespo Figueiredo, Lisboa, Biblioteca de Autores Portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980. [Jacinto do Prado Coelho: "Reflexões sobre as *Reflexões*".]  
[Ver nº 84.]
- 113 Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego* por Bernardo Soares. Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho, 2 vols., Lisboa, Ática, 1982.



## 5. ARTIGOS. RECENSÕES E NOTAS CRÍTICAS

- 114 "Beatriz. Notas sobre a metafísica da Arte", in *Quinzena Literária* dos Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, nº 1, 15 de Janeiro 1940, pp. 5 e 7.  
[Director: J. H. Saraiva; Redactor principal: Francisco Mata.]
- 115 "Hospital das Letras. *Biografia*, por José Régio" [2ª ed.], *ibid.*, nº 1, p. 8.
- 116 "Hospital das Letras. *A Lírica de Camões*, Sel., explicação e notas por António José Saraiva; *Poema Lusitanos* de António Ferreira, Pref. e notas do Prof. Marques Braga; *O Oriente e o Ocidente*, Ensaio por António da Silva Rego", *ibid.*, nº 2, 30 de Janeiro 1940, p.8.
- 117 "O dinamismo da Educação", *ibid.*, nº 3, 15 de Fevereiro 1940, pp. 3 e 7.
- 118 "Hospital das Letras. O romance em Portugal", *ibid.*, nº 3, p. 8.
- 119 "Nas 'Ondas Curtas'. Uma lição de português" [sobre o soneto de Camões *Doces e claras águas do Mondego*], in *Rádio Nacional*, Ano V, nº 253, Lisboa, 31 de Maio 1942, p.2.
- 120 R. <sup>s</sup> c. <sup>s</sup> de: Daniel Rops, *Mystiques de France*; Emílio Planchard, *A Pedagogia Escolar Contemporânea*; João Gaspar Simões, *Caderno de Um Romancista e Crítica. I*; Vieira de Almeida, *Introdução à Filosofia*; Gil Vicente, *O Velho da Horta* [ed. Almeida Lucas]; P<sup>c</sup> Moreira das Neves, *Inquietação E Presença*, in *Revista da Faculdade de Letras*, t. IX, 2ª série, n<sup>os</sup> 1 e 2, Univ. de Lisboa, 1943, pp. 284-286, 297-300.
- 121 R. <sup>s</sup> c. <sup>s</sup> de Manuel de Paiva Boléo, *Defesa e Ilustração da Língua e O Realismo de Eça de Queiros e a Sua Expressão Artística*; Vergílio Ferreira, *Sobre o Humorismo de Eça de Queirós*; José Osório de Oliveira, *Aspectos do Romance Brasileiro*; João Gaspar Simões, *Ensaio sobre a Criação no Romance*; Feliciano Ramos, *Eugénio de Castro e a Poesia Nova*; Câmara Reys, *As Questões Morais e Sociais na Literatura*; Garrett, *Folhas Caídas e outros poemas* [ed. A. J. Saraiva]; Dámaso Alonso, *La Poesía de San Juan de la Cruz*; D. G. James, *Scepticism and Poetry*; Harold J. Russo, *Morphology and Syntax of the "Leal Conselheiro"*; Vasco Botelho do [de] Amaral, *A bem da Língua Portuguesa e Cultura, Defesa e Expansão da Língua Portuguesa*; Moniz Barreto, *Ensaio de Crítica* [ed. V. Nemésio]; Antero de Quental, *Sonetos* [ed. A. Sérgio], *ibid.*, t. X, 2ª série, n<sup>os</sup> 1 e 2, 1944, pp. 310-319; 334-335; 339, 350-353.
- 122 R. c. de: Joseph Piel, *A Flexão Verbal do Português (Estudo de morfologia histórica)*, *ibid.*, t. XI, 2ª série, nº 4, 1944, pp. 328-329.
- 123 "Pascoaes, cavaleiro do Graal", in *Litoral*, Revista Mensal de Cultura, nº 5, Lisboa, Dezembro 1944, pp. 70-77; reprod. in *A Poesia de Teixeira de Pascoaes*, Coimbra, 1945, pp. 57-65.
- 124 "Dignidade da palavra", *ibid.*, nº 6, Janeiro-Fevereiro 1945, pp. 216-219.
- 125 "Introdução ao estudo da analogia", in *Revista de Portugal*, Série A – Língua Portuguesa, vol. VI, nº 30, Lisboa, Março 1945, pp. 292-296.
- 126 "Analogia e etimologia popular", *ibid.*, vol. VII, nº 31, Abril 1945, pp. 8-15.
- 127 "Alguns casos de repartição semântica", *ibid.*, vol. VII, nº 34, Julho 1945, pp. 190-192.
- 128 "Sobre o purismo e os puristas", *ibid.*, vol. VIII, nº 38, Novembro 1945, pp. 109-111.
- 129 "Originalidade e lugar-comum" in *Aqui e Além...*, Revista de Divulgação Cultural, nº 1, Lisboa, Março-Abril 1945, pp. 9-12.
- 130 "Rodrigues Lobo, poeta bucólico", *ibid.*, nº 2, Maio-Agosto 1945, pp. 36-40.

- 131 "As Ideias e as Formas. – Concepções de poesia. Mallarmé e Góngora. Justificação do gongorismo. Sobre o gongorismo português", in *Ocidente*, vol. XXVIII, nº 93, Lisboa, Janeiro 1946, pp. 40-43.
- 132 "As Ideias e as Formas. – Distracção e diversão. Sábios 'divertidos'. À procura dum equilíbrio", *ibid.*, nº 94, Fevereiro 1946, pp. 113-116.
- 133 "As Ideias e as Formas. – O outro Eça. *O Crime do Padre Amaro*. Anos de plenitude. O José Matias. Qual dos dois o verdadeiro?", *ibid.*, nº 95, Março 1946, pp. 180-186.
- 134 "As Ideias e as Formas. – Os estudos linguísticos em Portugal. A velha Filologia. O idealismo vossleriano. A Geografia Linguística. A nova Linguística", *ibid.*, nº 96, Abril 1946, pp. 247-251 e 255.
- 135 "As Ideias e as Formas. – Gazetas do Romantismo. Herculano e o espírito provinciano", *ibid.*, vol. XXIX, nº 97, Maio 1946, pp. 40-43.
- 136 "As Ideias e as Formas. – O ponto de vista em Literatura. O caso de Camilo", *ibid.*, nº 99, Julho 1946, pp. 174-177.
- 137 "As Ideias e as Formas. – Actualidade pedagógica de Montaigne. O liceu e a vida", *ibid.*, nº 100, Agosto 1946, pp. 257-260.
- 138 "As Ideias e as Formas. – Literatura de viagens. Aventuras de Frei Gaspar [de S. Bernardino]. Composição e estilo", *ibid.*, vol. XXX, nº 101, Setembro 1946, pp. 22-25.
- 139 "As Ideias e as Formas. – Ainda Frei Gaspar. Humanidade. Lugares selectos de reportagem", *ibid.*, nº 102, Outubro 1946, pp. 83-87; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 101-120, os art.<sup>os</sup> sobre Frei Gaspar ("Um viajante do século XVII: Frei G. de S. B.") (2ª ed. [1972], pp. 89-103).
- 140 "As Ideias e as Formas. – O género épico. Ariosto, Tasso, Camões", *ibid.*, nº 103, Novembro 1946.
- 141 "As Ideias e as Formas. – Projecção da França no mundo. O humanismo francês. Diálogo franco-alemão", *ibid.*, nº 104, Dezembro 1946, pp. 215-218.
- 142 "Sobre um aspecto da formação vocabular em português", in *Revista de Portugal*, Série A – Língua Portuguesa, vol. IX, nº 45, Junho 1946, pp. 241-244.
- 143 "Para o estudo da pronúncia do português medieval", *ibid.*, vol. X, nº 50, Dezembro 1946, pp. 217-221.
- 144 R. c. de: Óscar Lopes, *Realistas e Parnasianos*, in *Rumo*, Revista de Cultura Portuguesa, nº 6, Lisboa, Novembro 1946, pp. 284-288.
- 145 "As Ideias e as Formas. – Epopeias da Humanidade. As fontes da *Visão dos Tempos*. Teófilo criticado por Camilo", in *Ocidente*, vol. XXXI, nº 105, Janeiro 1947, pp. 20-23; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 209-218 ("A *Visão dos Tempos* de T. B.") (2ª ed. [1972], pp. 173-180).
- 146 "As Ideias e as Formas. – Do Romantismo ao Realismo. A Questão Coimbrã", *ibid.*, nº 107, Março 1947, pp. 151-155.
- 147 "As Ideias e as Formas. – Para a inteligência dos *Lusíadas*. O carácter nacional. O carácter veraz. O carácter compreensivo. O carácter épico", *ibid.*, vol. XXXII, nº 109, Maio 1947, pp. 24-28.
- 148 "As Ideias e as Formas. – O Realismo através das revistas", *ibid.*, nº 112, Agosto 1947, pp. 192-195.
- 149 "As Ideias e as Formas. – Notas sobre o feitio português", *ibid.*, vol. XXXIII, nº 115, Novembro 1947, pp. 107-109.

- 150 "Bibliografia" – R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> de: Aquilino Ribeiro, *Caminhos Errados*; António Quadros, *Modernos de ontem e de hoje*; Anrique Paço d'Arcos, *Estrada sem Fim*; Manuel de Campos Pereira, *Pecado Antigo*, *ibid.*, nº 114, Outubro 1947, pp. 80-82.
- 151 "Bibliografia" – R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> de: Leonor de Almeida, *Caminhos Frios*; José Manuel, *Novas Canções*; Vasconcelos César, *Poemas Simples*; Ion Creanga, *Recordações da Infância* (trad. V. Buescu e A. R. Mousinho); Bernardim Ribeiro, *História de Menina e Moça* (ed. D. E. Grokenberger), *ibid.*, vol. XXXIII, nº 116, Dezembro 1947, pp. 160-163.
- 152 R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> de: Giuseppe Carlo Rossi, *Breve História da Literatura Italiana*; Julio Martínez Almoyna, *Gramática Espanhola para Portugueses*; Sousa da Silveira, *Textos Quinhentistas*; *Testamento Filosófico de Antero de Quental* [ed. Sant' Anna Dionísio], in *Revista da Faculdade de Letras*, t. XIII, 2ª série, nº 1, Univ. de Lisboa, 1947, pp. 97-99.
- 153 "A perigosa viagem do Padre Godinho", in *Atlântico*, nova série, nº 3, Lisboa, Fevereiro 1947, pp. 40-46.
- 154 "Reflexões sobre a crítica literária. Limitações do racionalismo", in *Diário Popular*, "Artes e Letras", Lisboa, 10 de Setembro 1947. 155 "Crítica e história literária", *ibid.*, 17 de Setembro 1947.
- 156 "Reflexões sobre a crítica literária. A lição de Fernando Pessoa", *ibid.*, 15 de Outubro 1947, p. 4.
- 157 "Peço a Palavra / Actualizar", *ibid.*, 28 de Novembro 1947, pp. 1 e 3.
- 158 "De Maria de França a Camilo", *ibid.*, 31 de Dezembro 1947, p. 15.
- 159 Peço a Palavra / O simples e o complexo", *ibid.*, 30 de Janeiro 1948.
- 160 "Peço a Palavra / Um guia", *ibid.*, 17 de Fevereiro 1948, pp. 1 e 7. [No centenário de Adolfo Coelho.]
- 161 "Peço a Palavra / Humanização do ensino", *ibid.*, 12 de Março 1948, pp. 1 e 11.
- 162 "Peço a Palavra / O último romance de Flaubert", *ibid.*, 17 de Abril 1948, pp. 1 e 7.
- 163 "Peço a Palavra / Os temas comparativos no Centro de Estudos Europeus", *ibid.*, 9 de Julho 1948, pp. 1 e 12.
- 164 "O Povo, criador literário", *ibid.*, 22 de Setembro 1948, p. 19.
- 165 "Peço a palavra / A 'crítica universitária' e a outra", *ibid.*, 26 de Setembro 1948, pp. 1 e 3.
- 166 "Adolfo Coelho", in *Revista de Portugal*, Série A – Língua Portuguesa, vol. XIII, nº 62, Fevereiro 1948, pp. 41-45.
- 168 "À margem das Lições de D. Carolina Michaëlis. O valor expressivo dos sufixos", *ibid.*, nº 66, Lisboa, Junho 1948, pp. 194-196.
- 169 "Evocação de Vila Viçosa", in *Ocidente*, vol. XXXIV, nº 117, Janeiro 1948, pp. 13-15.
- 170 "As Ideias e as Formas. – O bom-senso na literatura portuguesa", *ibid.*, nº 118, Fevereiro 1948, pp. 68-71.
- 171 "Bibliografia" – R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> de: Mário Braga, *Caminhos sem Sol*; Sant'Iago Prezado, *Auto da Pastora Perdida e da Velha Gaiteira e Joaninha dos Olhos Verdes*; Aquilino Ribeiro, *O Arcanjo Negro e Constantino de Bragança, VII Vizo-Reida Índia*, *ibid.*, nº 119, Março 1948, pp. 138-141.
- 172 "Bibliografia" – R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> de: Fernando Amado, *A Caixa de Pandora*; Hipólito Raposo, *Modos de Ver*; Hernâni Cidade, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, 2º vol., *ibid.*, nº 120, Abril 1948, pp. 186-189.

- 173 "As Ideias e as Formas. – Teixeira de Queirós. Os valores positivos da sua obra", *ibid.*, nº 121, Maio 1948, pp. 236-239.
- 174 "As Ideias e as Formas. – Duas palavras sobre Gomes Leal. Saint-Exupéry. A gente nova e o Teatro", *ibid.*, vol. XXXV, nº 123, Julho 1948, pp. 24-27.
- 175 "As Ideias e as Formas. – Solidão e convívio. João de Deus na Cortegana", *ibid.*, nº 125, Setembro 1948, pp. 124-127.
- 176 "As Ideias e as Formas. – A intuição na crítica literária. De Bergson a Thibaudet. Limites do racionalismo", *ibid.*, nº 127, Novembro 1948, pp. 196-200.
- 177 "Orientações da História Literária em Portugal", in *Lusitânia*, Ano I, nº 2, Lisboa, Julho 1948, pp. 21-25; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 47-57 (2ª ed. [1972], pp. 45-53).
- 178 "As Ideias e as Formas. – Relendo a *Castro de Ferreira*. Ideia sobre a vida e o amor", in *Ocidente*, vol. XXXVI, nº 129, Janeiro 1949, pp. 18-22.
- 179 "Bibliografia" – R. c. de: Aquilino Ribeiro, *Cinco Réis de Gente*, *ibid.*, nº 131, Março 1949, p. 157.
- 180 "As Ideias e as Formas. – O Renascimento em Portugal. O novo ideal estético. Nacionalismo literário", *ibid.*, nº 132, Abril 1949, pp. 184-188.
- 181 "*Os Lusíadas*, evangelho nacional (Alocução proferida no dia 10 de Junho na Praça Luís de Camões)", *ibid.*, vol. XXXVII, nº 135, Julho 1949, pp. 15-17.
- 182 "Camões sob o prisma de Aquilino", *ibid.*, nº 139, Novembro 1949, pp. 227-229.
- 183 "O discurso semi-directo no Romancero popular", in *Revista de Portugal*, Série A – Língua Portuguesa, vol. XIV, nº 71, Janeiro 1949, pp. 18-20.
- 184 – "O pastoralismo na moderna poesia portuguesa", in *Rádio Nacional*, Ano XII, nº 602, Lisboa, 5 de Fevereiro 1949, pp. 3 e 7.
- 185 "O lirismo de cunho popular em Andrade Caminha", *ibid.*, nº 605, 26 de Fevereiro 1949, p. 24.
- 186 "Um lírico esquecido: Manuel da Veiga Tagarro", *ibid.*, nº 611, 9 de Abril 1949, pp. 5-6.
- 187 "O Mar e o Império na lírica portuguesa", *ibid.*, nº 619, 4 de Junho 1949, pp. 4 e 11.
- 188 "Cesário Verde, poeta da energia", *ibid.*, 25 de Junho 1949, p. 7.
- 189 R.º c.º de: Augusto César Pires de Lima e Alexandre Lima Carneiro, *Romancero para o Povo e para as Escolas*; Ismael Moya, *Romancero. Estudios sobre materiales de la colección de folclore*, in *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. III, t. I e II, Univ. de Coimbra, 1949-50, pp. 226-235.
- 190 "Camões, poeta do desengano", in *Ocidente*, vol. XXXVIII, nº 146, Junho de 1950, pp. 272-276; in *Estudos*, rev. da Univ. Católica do Rio Grande Sul, nº 45, Julho-Setembro 1950, pp. 83-86; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 83-90 (2ª ed. [1972], pp. 75-80).
- 191 "Aspectos da obra de Fernando Pessoa", in *Estudos*, vol. 10, nº 4, Porto Alegre, Outubro-Dezembro 1950, pp. 81-95.
- 192 "Três notas sobre a sintaxe do Romancero popular", in *Revista de Portugal*, Série A – Língua Portuguesa, vol. XV, nº 85, Maio 1950, pp. 157-160.
- 193 "O problema da génese d'*Os Lusíadas* (A propósito dum livro de Fidelino de Figueiredo" [*A Épica Portuguesa do Século XVI*]), *ibid.*, nº 90, Dezembro 1950, pp. 351-354.

- 194 R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> de: Leo Pap, *Portuguese American Speech*; Ruth Dominovich, *Portuguese Orthography to 1500*; Pierre le Gentil, *La Poésie Lyrique Espagnole et Portugaise à la fin du Moyen Âge*; António Álvaro Dória, *A Vida Rural no Romance Português*, in *Revista da Faculdade de Letras*, t. XVI, 2ª série, nº 3, Univ. de Lisboa, 1950, pp. 212-220.
- 195 R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> de: António Soares Amora, *El-Rei Dom Duarte e o "Leal Conselheiro"*; João de Castro Osório, *Gonzaga e a Justiça*; José Maria Viqueira Barreiro, *El Lusitanismo de Lope de Vega y su comedia "El Brasil Restituído"*; P. Groult et V. Emond, *La Littérature Française du Moyen Âge*; Carlos da Silva Tarouca, *Crónica de D. Dinis e Terão aparecido as Crónicas perdidas de Fernão Lopes? ibid.*, t. XVII, 2ª série, nºs 1-3, 1951, pp. 240-243, 251-252.
- 196 "Sentido do romantismo camiliano", in *Camiliana & Vária*, nº 1, Lisboa, Janeiro-Março 1951, pp. 16-18.
- 197 "Na hora do estudo. Um soneto de Gomes Leal" ["Miserere mei!..."], in *A bem da Língua Portuguesa*, Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa, Ano II, nº 2, Lisboa, Fevereiro 1951, pp. 40-42.
- 198 "Cultura Portuguesa / As lições do Prof. Hernâni Cidade ao serviço do nacional e do humano", in *Diário Popular*, "Artes e Letras", 21 de Março 1951.
- 199 "A nova literatura espanhola / A vitalidade do barroco move-se numa novela moderna", *ibid.*, 27 de Junho 1951.  
[Adolfo Lizón, *Historia de una sonrisa.*]
- 200 R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> de Luís Chaves, *O Romancero e o Teatro Popular do Norte do Douro*; Mariano Baquero Goyanes, *El cuento español en el siglo XIX*, in *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. IV, t. II, Univ. de Coimbra, 1951, pp. 426-430.
- 201 R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> de: Fredi Chiappelli, *Langage traditionnel et langage personnel dans la poésie italienne contemporaine*; Evelyn Esther Uhrhan, *Linguistic analysis of Gongora's baroque style, ibid.*, vol. V, ts. I e II, 1952, pp. 309-311.
- 202 "Notas à edição Ática das *Odes* de Ricardo Reis", in *A bem da Língua Portuguesa*, Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa, Ano III, nº 8, Agosto 1952, pp. 275-277.  
[Cf. Victor Buescu, "Nótula textual às *Odes* de R. R.", *ibid.*, nº 9, Setembro 1952, pp. 374-375.]
- 203 "Ainda o texto das *Odes* de Ricardo Reis", *ibid.*, nº 11, Novembro 1952, p. 425.
- 204 R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> de: Diogo Lopes Rebelo, *Do Governo da República pelo Rei (De Republica Gubernanda per Regem)* [ed. A. Moreira de Sá]; *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias* [ed. Mário Martins, S. J.]; Fernando Lázaro Carreter, *Las ideas lingüísticas en España durante el siglo XVIII*, in *Revista da Faculdade de Letras*, t. XVIII, 2ª série, nºs 1 e 2, Univ. de Lisboa, 1953, pp. 149-155.
- 205 R. c. de: Giuseppe [Carlo] Rossi, *Storia della Letteratura Portoghese*, in *Boletim de Filologia*, t. XIV, fascs. 1 e 2, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1953, pp. 175-181.
- 206 "Camilo n a interpretação de Pascoaes", in *Camiliana & Vária*, nºs 6 e 7, Lisboa, Janeiro 1953 e Maio 1954; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 201-208 (2ª ed. [1972]), pp. 167-172).
- 207 R. c. de: Fialho de Almeida, *Os Gatos* [ed. Costa Pimpão], in *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. VI, ts. I e II, 1953-1955, Univ. de Coimbra, pp. 275-278.
- 208 "O Saudosismo e seus valores individuais", in *O Comércio do Porto*, "Cultura e Arte", 14 de Abril 1953; reprod. in *Estrada Larga*, vol. I [1958], pp. 43-45.

- 209 "Uma literatura da grandeza perdida", *ibid.*, 14 de Julho 1953.
- 210 "Sobre o movimento do *Orpheu*", *ibid.*, de Agosto 1953; reprod. in *Estrada Larga*, vol. I [1958], pp. 157-161.
- 211 "A história literária portuguesa não deve esquecer a Galiza e o Brasil", *ibid.*, 8 de Setembro 1953.
- 212 "Modernismo e Humanismo", *ibid.*, 24 de Novembro 1953; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 295-301 (2ª ed. [1972], pp. 247-251).
- 213 "Garrett perante o Romantismo" – I, *ibid.*, 12 de Janeiro 1954; II, *ibid.*, 9 de Março 1954; III, *ibid.*, 8 de Junho 1954; reprod. in *Estrada Larga*, vol. I [1958], pp. 229-308.
- 214 "Panorama do Simbolismo português", *ibid.*, 9 de Fevereiro 1954; reprod. in *Estrada Larga*, vol. I [1958], pp. 107-111.
- 215 "O Porto e a prosa portuguesa entre o Romantismo e o Realismo", *ibid.*, 1 de Junho 1954; reprod. in *Estrada Larga*, vol. I [1958], pp. 244-247.
- 216 "A novela da 'Menina dos Rouxinóis'", *ibid.*, 10 de Agosto 1954; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 171-177 (2ª ed. [1972], pp. 145-149).
- 217 "Garrett perante o Iluminismo", *ibid.*, 14 de Setembro 1954.
- 218 "Garrett prosador", *ibid.*, 9 de Novembro 1954; reprod. in *Estrada Larga*, vol. I [1958], pp. 317-319.
- 219 "O idealismo de Oliveira Martins", *ibid.*, 23 de Novembro 1954.
- 220 "Vida e poesia em fins da Idade Média", in *Lusíada*, Revista Ilustrada de Cultura, vol. 2º, nº 5, Porto, Julho 1954, pp. 49-55; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 69-82 (2ª ed. [1972], pp. 63-73).
- 221 "Inteligência e Poesia", in *Távola Redonda*, Folhas de Poesia, fascículos 19 e 20, Lisboa, 15 de Julho 1954, pp. 1-2; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 59-67 (2ª ed. [1972], pp. 55-61).
- 222 R. c. de: Ernesto Guerra Da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz. – I. Elementos básicos*, in *Revista da Faculdade de Letras*, t. XX, 2ª série, nº 1, Univ. de Lisboa, 1954, pp. 170-173.
- 223 "Afrânio Coutinho, paladino da crítica estética no Brasil", in *O Comércio do Porto*, "Cultura e Arte", 11 de Janeiro 1955.
- 224 "Cesário e Baudelaires", *ibid.*, 22 de Fevereiro 1955; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 225-232 (2ª ed. [1972], pp. 187-192).
- 225 "Literatura e Psicanálise (A propósito de Camilo)", *ibid.*, 8 de Março 1955; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 189-199 ("Camilo incompreendido") (2ª ed. [1972], pp. 159-166).
- 226 "A obsessão temática em Fernando Pessoa", *ibid.*, 24 de Maio 1955; reprod. in *Estrada Larga*, vol. I [1958], pp. 207-211, e in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 263-271 (2ª ed. [1972], pp. 215-221).
- 227 "Uma feminista do século XVIII, autora dum romance de intenção política: Teresa Margarida da Silva e Orta" *ibid.*, 9 de Agosto 1955.
- 228 "Tradição literária e ideias progressivas num romance iluminístico: as *Aventuras de Diófanes*", *ibid.*, 9 de Agosto e 13 de Setembro 1955; reprod., aum., in *Problemática da História Literária*, Lisboa, 1961, pp. 125-139 ("As *Aventuras de Diófanes*: autoria e sentido da obra") (2ª ed. [1972], pp. 109-120).

- 229 "As confidências do Abade de Jazente", *ibid.*, 22 de Novembro 1955; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 141-146 (2ª ed. [1972], pp. 121-125).
- 230 "Cesário Verde escritor", in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 24 de Fevereiro 1955; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 233-239 (2ª ed. [1972], pp. 193-198).
- 231 "Garrett e os seus mitos", *ibid.*, 24 de Março 1955; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 179-187 (2ª ed. [1972], pp. 151-157).
- 232 "Um clássico da modernidade: Cesário Verde", *ibid.*, 26 de Maio 1955; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 219-224 (2ª ed. [1972], pp. 181-185).
- 233 "Três breves reflexões sobre a nossa época", *ibid.*, 10 de Novembro 1955.
- 234 "O milagre da infância num livro de Natércia Freire" [*Infância de Que Nasci*], in *O Comércio do Porto*, "Cultura e Arte", 10 de Janeiro 1956.
- 235 "O lugar da novela camiliana na história literária", *ibid.*, 27 de Março 1956; reprod. in *Estrada Larga*, vol. I [1958], pp. 433-436.
- 236 "Rosália e as lições do desengano", in *Graal*, nº 2, Lisboa, Junho-Julho 1956, pp. 109-113; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 157-165.
- 237 "O que é vivo na obra de Fialho", in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 25 de Julho 1957; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 241-248 (2ª ed. [1972], pp. 199-204).
- 238 R. c. de: Sílvio Elia, *Orientações da Linguística Moderna*, in *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. VIII, Coimbra, 1957, pp. 261-262.
- 239 "O Livro da Semana. O *Diário* de Sebastião da Gama", in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 25 de Dezembro 1958; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 281-286 (2ª ed. [1972], pp. 229-233).
- 240 "Frei da Natividade e a esperança patética da Restauração", in *Diário de Lisboa*, 22 de Janeiro 1959; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 121-124 (2ª ed. [1972], pp. 105-107).
- 241 R. c. de: Maria de Lourdes Belchior Pontes, *Itinerário Poético de Rodrigues Lobo*, in *Annali* do Instituto Univ. Orientale, t. II, nº 1, Nápodes, 1960, pp. 97-101.
- 242 "Pensamento e estesia em Roberto de Mesquita", in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 31 de Março 1960; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 249-255 (2ª ed. [1972], pp. 205-209).
- 243 "Literatura e Artes Plásticas – A propósito do último livro de Hernâni Cidade", *ibid.*, 17 de Novembro 1960.  
[*Lições de Cultura Luso-Brasileira. Épocas e Estilos na Literatura e nas Artes Plásticas.*]
- 244 "José Anastácio da Cunha", *ibid.*, 15 de Dezembro 1960; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 147-153 ("O amor em J. A. da C.: a volúpia inocente") (2ª ed. [1972], pp. 127-131).
- 245 "Dois livros de Fernando Namora", in *Diário Popular*, "Quinta-feira à tarde", 28 de Abril 1960; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 287-294 (2ª ed. [1972], pp. 235-240).
- 246 "António Ferreira e o Velho do Restelo", in *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, nº 9, Lisboa, Junho 1960, pp. 53-54; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 91-99 (2ª ed. [1972], pp. 81-87).

- 247 "O pecado e a graça na poesia amorosa de Bocage", in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 12 de Janeiro 1961; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 155-161 (2ª ed. [1972], pp. 133-137).
- 248 "O amor e o tempo nas *Folhas Caídas* de Garrett", *ibid.*, 9 de Fevereiro 1961; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 163-170 (2ª ed. [1972], pp. 139-144).
- 249 "José Osório de Oliveira ou Um modo europeu de ser português", *ibid.*, 23 de Março 1961; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 303-309 (2ª ed. [1972], pp. 253-258).
- 250 "Uma nova *História da Literatura Portuguesa*" [de Giuseppe Carlo Rossi], *ibid.*, 14 de Setembro de 1961.
- 251 "Trindade Coelho, poeta", in *O Comércio do Porto*, "Cultura e Arte", 27 de Junho 1961. [No centenário de Trindade Coelho.]
- 252 R. c. de: Luís Forjaz Trigueiros, *Perspectivas*, in *Jornal de Letras e Artes*, Ano I, nº 1, Lisboa, 4 de Outubro 1961.
- 253 R. c. de: António Gedeão, *Máquina de Fogo*, *ibid.*, nº 2, 11 de Outubro 1961.
- 254 R. c. de: Joel Pontes, *O Aprendiz de Crítica*, *ibid.*, nº 8, 22 de Novembro 1961.
- 255 R. c. de: Adolfo Casais Monteiro, *Clareza e Mistério da Crítica*, *ibid.*, nº 14, 3 de Janeiro 1962.
- 256 "Vieira de Almeida e a arte de pensar", *ibid.*, nº 18, 31 de Janeiro 1962.
- 257 R. c. de: Hernâni Cidade, *Luís de Camões – a Obra e o Homem*, *ibid.*, nº 37, 13 de Junho 1962.
- 258 "O humanismo de Matias Aires: entre o cepticismo e a confiança", in *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, nº 17, Lisboa, Fevereiro 1962, pp. 58-60.
- 259 "A poesia confidencial de 'Francília, pastora do Tejo'", in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 1 de Março 1962.
- 260 "Sobre a influência francesa nas letras nacionais", in *O Comércio do Porto*, "Cultura e Arte", 12 de Junho 1962.
- 261 "Pascoaes, poeta do ódio e da justiça", *ibid.*, 27 de Novembro 1962.
- 262 "João de Deus, poeta do Amor-Adoração", *ibid.*, 8 de Janeiro de 1963; reprod. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 190-194 (2ª ed., 1977, pp. 139-142).
- 263 "O monólogo interior em Júlio Dinis" *ibid.*, 12 de Março 1963, e "Ainda o monólogo interior em J. D.", *ibid.*, 14 de Maio 1963; reprod. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 171-189 (2ª ed., 1977, pp. 125-137).
- 264 "O mito romântico do poeta na poesia de Herculano", *ibid.*, 13 de Agosto 1963.
- 265 "Apresentação de Dámaso Alonso", *ibid.*, 18 de Junho 1963.
- 266 "Letras da Galiza. A revista *Grial* e a fase actual do renascimento galego", *ibid.*, 10 de Outubro 1963.
- 267 "Pascoaes e Unamuno", *ibid.*, 22 de Outubro 1963.
- 268 "Fernando Pessoa a caminho do renome internacional", *ibid.*, 10 de Dezembro 1963.
- 269 "Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes", sep. de *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, 4. Band 1964, Münster Westfalen, 1964, pp. 212-231; reprod. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 239-270 (2ª ed., 1977, pp. 175-198).
- 270 R. c. de: Ernesto Guerra Da Cal, *Rio de Sonho e Tempo (1959-1962)*, in *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, nº 27, Lisboa, Fevereiro 1964, pp. 55-56.



- 271 "O nacionalismo utópico de Fernando Pessoa", *ibid.*, nº 31, Dezembro 1964, pp. 53-57; reprod. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 271-285 (2ª ed., 1977, pp. 199-208).
- 272 "Hernâni Cidade e as directrizes da sua obra", in *Diário de Notícias*, 11 de Maio 1965, p.1.
- 273 "O Livro da Semana. Júlia: Uma peça em dois actos de Ruben A.", *ibid.*, "Artes e Letras", 25 de Junho 1964; reprod. in *Problemática da História Literária*, (2ª ed. [1972], pp. 269-274).
- 274 "Humanismo e arte em Fernando Namora", in *O Comércio do Porto*, "Cultura e Arte", 11 de Fevereiro 1964; reprod. in *Problemática da História Literária*, 2ª ed. [1972], pp. 240-245 ("Três livros de F. N.").
- 275 "Sobre o 'José Matias' de Eça de Queirós", *ibid.*, 14 de Abril 1964; reprod. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 223-230 (2ª ed., 1977, pp. 163-167).
- 276 "Bocage: a vocação do obscuro", in *O Tempo e o Modo*, nº 33, Lisboa, Dezembro 1965, pp. 1182-1194; sep. das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Letras*, t. IX, 1966, pp. 101-121 (*Bocage, Pintor do Invisível*); reprod. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 44-71 (2ª ed., 1977, pp. 38-55).  
[Ver nºs 63 e 65.]
- 277 "O problema da sinceridade nos textos em prosa de Fernando Pessoa", in *Cronos – Cadernos de Literatura e Arte*, nº 3, Lisboa [1965?], pp. 3-7; reprod. in F. P., *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, 1966, pp. XXI-XXXVII ("F. P., pensador múltiplo").  
[Ver nº 107.]
- 278 "A temática das quadras 'populares' de Fernando Pessoa" in *O Primeiro de Janeiro*, "Das Artes, das Letras", 26 de Maio 1965; reprod. aum. in F. P., *Quadras ao Gosto Popular*, 1965 ("Estrutura e temática das quadras 'populares' de F. P.") e *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 299-308 (2ª ed., 1977, pp. 219-225).
- 279 "O Amor de Perdição – romance do pundonor?", *ibid.*, 22 de Setembro 1965; reprod. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 138-143 (2ª ed., 1977, pp. 103-106).
- 280 "O Pré-Romântico" [Bocage], in *O Comércio do Porto*, "Cultura e Arte", 24 de Agosto 1965.
- 281 "O que dizem as cartas dos escritores portugueses" [André Crabbé Rocha, *A Epistolografia em Portugal*], *ibid.*, 11 de Outubro 1966.
- 282 "À margem das ideias estéticas de Fernando Pessoa – 1. Um homem de espírito europeu", in *Diário Popular*, "Quinta-feira à tarde", 10 de Novembro 1966 e 17 de Nov. 1966; reprod., aum. e alt., in F. P., *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, 1966, pp. XVII-XXXIV ("Tópicos para uma leitura crítica"), e *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 286-298 ("As ideias estéticas de F. P.") (2ª ed., 1977, pp. 209-217: "Sobre as ideias estéticas de F.P."). [Ver nºs 65 e 108.]
- 283 "O mundo original de Raul Brandão no ponto de partida: a *História dum Palhaço*, "Quinta-feira à tarde", 16 de Março 1967.
- 284 "*presença*, quarenta anos depois / A Crítica", *ibid.*, 14 de Dezembro 1967; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 259-263 ("A crítica presencista").
- 285 "A parte do ficcionista na obra de Raul Brandão" in *Jornal do Comércio*, "Letras, Artes, Actualidades", Lisboa, 25/26 de Março 1967.
- 286 "Regresso a Eça de Queirós: a tese de *A Cidade e as Serras*", in *O Comércio do Porto*, "Cultura e Arte", 8 de Agosto 1967; reprod. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 231-238 (2ª ed., 1977, pp. 169-174).
- 287 "Ele [António Nobre] e Alberto de Oliveira", *ibid.*, 26 de Setembro 1967.

- 288 R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> de: Giuseppe Tavani, *Repertorio metrico della Lirica galego-portoghese* e José G. Herculano de Carvalho, *Teoria da Linguagem – Natureza do Fenómeno Linguístico e a Análise das Línguas*, in *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, nº 46, Dezembro 1967, pp. 66-68.
- 289 R. c. de: Ernesto Guerra Da Cal, *Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz* [trad. port.], in *Tempo*, Jornal Universitário de Informação, nº 12, Lisboa, Dezembro 1967.
- 290 "Fernando Pessoa traduzido e estudado em Itália" [sobre a ed. de Luigi Panarece], in *Diário Popular*, "Quinta-feira à tarde", 4 de Janeiro 1968.
- 291 "A Galiza: Língua e visão do mundo", *ibid.*, 25 de Janeiro 1968.
- 292 "A letra e o leitor", in *A Capital*, "Literatura & Arte", 3 de Abril 1968; reprod., ampl., in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 3 ss.
- 293 "Crítica 'impressionista' e crítica 'universitária'", *ibid.*, 24 de Abril 1968.
- 294 "Camilo, o grande esquecido? Apontamento sobre um comentário de José Régio", *ibid.*, 17 de Julho de 1968.
- 295 R. c. de: Isabel de Almeida, *Ressurreição do Sal* [poesia], *ibid.*, 26 de Junho 1968.
- 296 À margem de *O Instinto Supremo*. Ferreira de Castro, professor de humanidade", *ibid.*, 21 de Agosto 1968.
- 297 "Em torno do romance português: da *Presença* aos nossos dias", in *O Comércio do Porto*, "Cultura e Arte", 9 de Janeiro 1968.
- 298 "O *Quincas Borba* de Machado de Assis: uma vitória da inteligência", *ibid.*, 26 de Março 1968.
- 299 "Uma obra viva: *Húmus*, de Raul Brandão", in *Contravento*, nº 1, Lisboa, Agosto de 1968, pp. 21-23; reprod. in *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 320-328 ("O *Húmus* de Raul Brandão: uma obra de hoje") (2ª ed., pp. 235-240).
- 300 "Casticismo e humanidade na obra de Miguel Torga", in *Diário de Notícias*, 21 de Abril 1969; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, Lisboa, 1976, pp. 271-273.
- 301 "Afonso Lopes Vieira ficcionista" [sobre a novela *Marques*], in *O Comércio do Porto*, "Cultura e Arte", 11 de Novembro 1969.
- 302 R. c. de: *Arquivos do Centro Cultural Português da Fundação Gulbenkian*, vol. I, in *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, nº 56, Dezembro 1969, p. 161.
- 303 R. c. de: Ruy Belo, *Homem de Palavra(s)*, *ibid.*, nº 57, Fevereiro 1970, p. 79.
- 304 R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> de: Guilhermino César, *O Embuçado do Erval – Mito e Poesia de Pedro Canga*, e Sophia de mello BreynerAndresen, *Contos Exemplares* (3ª ed.), *ibid.*, nº 58, Abril 1970, pp. 76 e 78.
- 305 R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> António Quadros, *Franco-Atirador (Ideias, Combates e Sonhos)*, e Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras* [ed. de H. Cidade Moura], *ibid.*, nº 59, Junho 1970, pp. 71 e 74.
- 306 R.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> de: Urbano Tavares Rodrigues, *A Palma da Mão*, e Orlando Ribeiro, *Variações sobre Temas de Ciência*, *ibid.*, nº 61, Dezembro 1970, pp. 78 e 79.
- 307 "Duas palavras apenas" [homenagem a José Régio], in *Diário Popular*, "Letras & Artes", 8 de Janeiro 1970.
- 308 "Primeira leitura de *Um Infinito Silêncio* (Prémio Alves Redol 1970)", in *Diário Popular*, "Quinta-feira à tarde", 21 de Janeiro 1971; reprod. in *Problemática da História Literária*, 2ª ed. [1972], pp. 274-280 ("*Um Infinito Silêncio* de António Rebordão Navarro").

- 309 "Duas palavras de apresentação" [co-autoria de Hernâni Cidade], in *Colóquio/Letras*, nº 1, Março 1971, pp. 5-6.
- 310 "Um conto de Camilo: 'História Duma Porta'", *ibid.*, nº 1, pp. 20-29; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 117-129.
- 311 R. c. de: Leodegário A. de Azevedo Filho, *Estruturalismo e Crítica de Poesia*, *ibid.*, nº 1, pp. 99-100.
- 312 R. c. de: Maria Ondina [Braga], *Amor e Morte*, *ibid.*, nº 2, Junho 1971, pp. 86-87.
- 313 R. c. de: Alberto Ferreira e Maria José Marinho, *Bom Senso e Bom Gosto (Questão Coimbrã)*, *ibid.*, nº 2, pp. 90-91.
- 314 R. c. de: Adriano Coutinho Lanhoso, *Camilo visto por Freitas Fortuna, Seu Amigo e Seu "Irmão"*, *ibid.*, nº 3, Setembro 1971, pp. 87-88.
- 315 "As biografias de Pascoaes. Um modo de revelação", in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 8 de Julho 1971; reprod. in Teixeira de Pascoaes, *Obras Completas*, VII volume, *Prosa I* [1972], pp. 16-28 ("Introdução"), e *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 237-240 ("Pascoaes: do verso à prosa. A biografia, modo de revelação"). [Ver nºs 72 e 104.]
- 316 "O Cristo da boca irónica 'aparecido' a Pascoaes", in *A Capital*, "Literatua & Arte", 7 de Julho 1971.
- 317 "A propósito da heteronímia de Fernando Pessoa", *ibid.*, 15 de Setembro 1971.
- 318 "A tradução literária: da teoria à prática", *ibid.*, 15 de Dezembro 1971; reprod., *cf alter.*, in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 67-71 ("VI. A tradução literária").
- 319 "A literatura como provocação – O grupo do *Orpheu*" (1) e (2), in *O Comércio do Porto*, "Cultura e Arte", 10 de Agosto 1971 e 24 de Agosto 1971; "La littérature comme provocation: la génération d'*Orpheu* (1915)", in *Actes du VIe Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée*, Estugarda, 1975, pp. 343-346.
- 320 R. c. de: Maria da Glória Teixeira de Vasconcelos, *Olhando para trás vejo Pascoaes*, in *Colóquio/Letras*, nº 5, Janeiro 1972, pp. 92-93.
- 321 R. c. de: Maria Adelaide Godinho Arala Chaves, *Formas de Pensamento em Portugal no Séc. XV*, *ibid.*, nº 7, Maio 1972, pp. 93-95.
- 322 Apresentação de "Fragmentos inéditos de Fernando Pessoa", *ibid.*, nº 8, Julho 1972, p. 49.
- 323 "Crítica literária e *mass media*", *ibid.*, nº 8, pp. 69-71.
- 324 R. c. de: Ofélia Milheiro Caldas Paiva Monteiro, *A Formação de Almeida Garrett. Experiência e Criação*, *ibid.*, nº 8, pp. 91-93.
- 325 R. c. de: António Pina Coelho, *Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*, *ibid.*, nº 10, Novembro 1972, pp. 82-83.
- 326 "Vergílio Ferreira: um estilo de narrativa à beira do intemporal", in *A Capital*, "Literatura e Arte", 12 de Setembro 1972; versão franc., resum., in *Actas do XII Congresso da Federação Internacional de Línguas e Literaturas Modernas*, Cambridge (Inglaterra) [1972], pp. 191-192; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 283-288.
- 327 "Cesário Verde, poeta do espaço e da memória", in *A Capital*, "Literatura e Arte", 21 de Junho 1972; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, Lisboa, 1976, pp. 195-198.
- 328 "Saudação a Ferreira de Castro", in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 31 de Maio 1973.
- 329 R. c. de: Vimala Devi e Manuel de Seabra, *A Literatura Indo-Portuguesa*, in *Colóquio/Letras*, nº 12, Março 1973, pp. 94-96.

- 330 R. C. de: Jean-Michel Massa, *A Juventude de Machado de Assis (1839-1870)*, *ibid.*, nº 13, Maio 1973, pp. 92-93.
- 331 R. c. de: Luís Forjaz Trigueiros, *Monólogo em Éfeso*, *ibid.*, nº 15, Setembro 1973, pp. 84-85.
- 332 R. c. de: José-Augusto França, Introdução ao *Camões* de Garrett, *ibid.*, nº 16, Novembro 1973, p. 88.
- 333 R. c. de: Giuseppe Tavani, *Da Pessoa a Oliveira* (antologia), *ibid.*, nº 17, Janeiro 1974, pp. 90-91.
- 334 [Sobre o movimento de 25 de Abril na criação literária], *ibid.*, nº 19, Maio 1974, p. [5]. [Assinado também por Hernâni Cidade.]
- 335 R. c. de: Camilo Castelo Branco, *Páginas Quase Esquecidas* [ed. Alexandre Cabral], *ibid.*, nº 19, pp. 87-88.
- 336 Apresentação de "Textos inéditos de Fernando Pessoa", *ibid.*, nº 20, Julho 1974, pp. 54-55.
- 337 R. c. de: Eugénio Lisboa, *Crónica dos Anos da Peste – I*, *ibid.*, nº 20, pp. 90-91.
- 338 "José Osório de Oliveira, dez anos depois", *ibid.*, nº 22, Novembro 1974, pp. 80-81.
- 339 "Excertos do Elogio de Dámaso Alonso" [no seu doutoramento *honoris causa* pela Univ. de Lisboa], in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 17 de Janeiro 1974.
- 340 "Gomes Leal e Baudelaires", *ibid.*, 14 de Fevereiro 1974; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 203-207 ("O estudo das influências: um poema de Gomes Leal").
- 341 "Acção, caracteres e valores duma novela de Camilo: *Vingança*", *ibid.*, 7 de Março 1974; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 131-134 ("Uma novela de Camilo: *Vingança*. 1. 'Fábula', caracteres e valores").
- 342 "Maria Browne: uma voz de dor e de revolta em 1850", *ibid.*, 28 de Março 1974; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 145-147 ("Maria Browne: dor e revolta").
- 343 "A longa luta, o exemplo" [homenagem a Natércia Freire], *ibid.*, 4 de Abril 1974.
- 344 "Na literatura também aconteceu milagre" [José Luandino Vieira, *No Antigamente na Vida*], *ibid.*, 6 de Junho 1974.
- 345 "Tempo e espaço n'Os Maias de Eça de Queirós", *ibid.*, 18 de Julho de 1974; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 172-177 ("Para a compreensão d'Os Maias como um todo orgânico. II: "O tempo e o espaço"). [Ver nºs 72 e 75.]
- 346 "Raul Brandão: a consciência burguesa de culpa", *ibid.*, 22 de Setembro 1974; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 227-233.
- 347 "Um homem simples junto do povo", *ibid.*, 17 de Outubro 1974; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 289-292 ("Fernando Namora: quando a ficção é testemunho").
- 348 "A compreensão da literatura em Adolfo Casais Monteiro", in *República*, Lisboa, 24 de Julho 1974; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 265-269.
- 349 [Sobre a morte de Hernâni Cidade], in *Colóquio/Letras*, nº 23, Janeiro 1975, pp. 5-6.
- 350 R. c. de: Fernando Mendonça, *A Literatura Portuguesa no Século XX*, *ibid.*, nº 23, pp. 87-88.
- 351 [Homenagem a Hernâni Cidade], *ibid.*, nº 24, Março 1975, pp.7-9.
- 352 "De Verlaine a Camilo Pessanha e a Fernando Pessoa", *ibid.*, nº 26, Julho 1975, pp. 78-81; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 209-214.

- 353 "Armindo Rodrigues: uma visão dialética em poesia", *ibid.*, nº 27, Setembro 1975, pp. 68-70; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 293-297.
- 354 R. c. de: Maria Lúcia Lepecki, *Eça na Ambiguidade*, *ibid.*, nº 27, pp. 81-83.
- 355 "Crítica literária e meios de comunicação social", in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 3 de Janeiro 1975 e 9 de Janeiro 1975; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 73-80.
- 356 "Fialho e a cultura do fim do século", in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 6 de Fevereiro 1975; reprod., s/ indic., de *A Letra e o Leitor*, 1969, pp. 219-222 ("Fialho e as correntes do seu tempo") (2ª ed., 1976, pp. 159-161).  
[Ver nºs 46 e 65.]
- 357 "Os escritores na encruzilhada", *ibid.*, 29 de Maio 1975.  
[Sobre o I Congresso dos Escritores Portugueses.]
- 358 "A violência e a palavra", in *Diário Popular*, "Quinta-feira à tarde", 30 de Outubro 1975.
- 359 "Lembrança de Ruben A. / O narciso generoso", in *Colóquio/Letras*, nº 29, Janeiro 1976, pp. 9-11.
- 360 "As relações entre a linguagem e o real de Fernando Pessoa", in *Diário Popular*, "Letras & Artes", 6 de Janeiro 1977.  
[Ver nº 84.]
- 361 "Opinião / Vasco Gonçalves e o gonçalvismo", in *Diário Popular*, 5 de Abril 1977.
- 362 "A função política do independente", *ibid.*, 9 de Setembro 1977.
- 363 R. c. de: Helder Macedo, *Nós. Uma Leitura de Cesário Verde*, in *Colóquio/Letras*, nº 37, Maio 1977, pp. 88-89.
- 364 R. c. de: Luiz Amaro de Oliveira, *Amor de Perdição* (ed. didáctica), *ibid.*, nº 38, Julho 1977, pp. 90-91.
- 365 R. c. de: Mário Garcia, *Teixeira de Pascoaes. Contribuição para o Estudo da Sua Personalidade e para a Leitura Crítica da Sua Obras*, *ibid.*, nº 40, Novembro 1977, pp. 85-86.
- 366 "A propósito dum centenário. Herculano poeta: cambiantes e tensões", in *Colóquio/Letras*, nº 41, Janeiro 1978, pp. 5-18.  
[Ver nºs 79 e 84.]
- 367 R. c. de: Aníbal Pinto de Castro, *Narrador, Tempo e Leitor na Novela Camiliana*, in *Colóquio/Letras*, nº 41, Janeiro 1978, pp. 88-90.
- 368 "Nemésio: uma espécie de humildade" [sobre a morte de V. N.], *ibid.*, nº 42, Março 1978, p. 5-6.  
[Ver nº 84.]
- 369 "Jaime de Magalhães Lima, discípulo de Tolstoi (no sesquicentenário de Leão Tolstoi)", *ibid.*, nº 46, Novembro 1978, pp. 84-88.  
[Ver nºs 80 e 84.]
- 370 R. c. de: Joaquim Veríssimo Serrão, *Herculano e a Consciência do Liberalismo Português*, *ibid.*, nº 46, Novembro 1978, pp. 98-99.
- 371 "D'Os Lusíadas à Mensagem", in *Abril*, Revista de Reflexão Socialista, nº 5, Lisboa, Junho 1978, p. 2-6.  
[Texto lido na Biblioteca Nacional de Lisboa, no recital de poesia por Diogo Dória, em Abril de 1982.  
Ver nº 84.]

- 372 "Opinião / Democracia ou Partidocracia?", in *Diário Popular*, 19 de Setembro 1978.  
[Sobre o programa do III Governo Constitucional.]
- 373 "Tradução e crítica", in *Diário Popular*, "Letra & Artes", 26 de Outubro 1978.
- 374 "A dimensão política da obra de Miguel Torga", *ibid.*, 1 de Fevereiro 1979.  
[Discurso lido na sessão de homenagem a M. T. em 26 de Dezembro 1978.  
Ver nº 84.]
- 375 "Opinião / Pedras polidas", in *Diário Popular*, 19 Março 1979.  
[Sobre o momento político.]
- 376 "Josué Montello: O talento da perfeição", in *Diário Popular*, "Letras & Artes", 30 de Agosto 1979.  
[Ver nº 84.]
- 377 R. c. de: Alfredo Bosi, *O Sr e o Tempo da Poesia*, in *Colóquio/Letras*, nº 49, Maio 1979, pp. 97-98.
- 378 R. c. de: Alexandre Cabral, *Estudos Camilianos – I*, *ibid.*, nº 50, Julho 1979, pp. 89-91.
- 379 "Odylo, coração incendiado" [Odylo Costa, Filho], *ibid.*, nº 51, Setembro 1979, pp. 42-43  
[Ver nº 84.]
- 380 "*Os Lusíadas*, hoje", in *O Jornal*, Lisboa, 16 de Junho 1979.  
[Ver nº 84.]
- 381 "Opinião / Carta a um padre meu amigo. Como votar em Dezembro", *ibid.*, 9 de Novembro 1979.
- 382 "Camões, a cultura e o poder", *ibid.*, 4 de Junho 1980.  
[Ver nº 84.]
- 383 "Outro tempo e outra verdade" [Homenagem a José Gomes Ferreira], in *Colóquio/Letras*, nº 53, Janeiro 1980, p. 33.
- 384 "Celebrar Camões", *ibid.*, nº 55, Maio 1980, pp. 5-6.
- 385 "Do 'fraco batel' de Camões", in *Silex*, Revista de Letras e Artes, nº 3, Lisboa, Julho 1980, pp. 3-4.  
[Ver nº 84.]
- 386 "*Os Lusíadas*: uma ética do desejo", in *Diário de Notícias*, Página "Camões", 10 de Junho 1980; reprod. in *Estudos sobre Camões* [de autoria conjunta], 1981, pp. 101-108.  
[Ver nºs 84 e 100.]
- 387 "Surpreendente instinto político", in *Diário de Notícias*, 10 de Dezembro 1980.  
[Depoimento sobre a eleição presidencial.]
- 388 "*Os Lusíadas*: uma obra aberta", in *Camões*, nºs 2/3, Lisboa, Setembro-Dezembro, 1980, pp. 43-43.  
[Texto lido, em versão francesa, num congresso de escritores realizado em Sófia, 1980.  
[Ver nº 84.]
- 389 "Dez anos depois" [no aniversário da revista], in *Colóquio/Letras*, nº 60, Março 1981, pp. 5-6.
- 390 "Sobre António Ramos Rosa" [na entrega do Prémio da Crítica referente a 1980], *ibid.*, nº 60, pp. 69-70.
- 391 N.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> a: Jorge Listopad, *Secos e Molhados*; Paulo Bandeira da Cruz, *O Evangelho consoante João da Silveira Severino*; Edla van Steen, *Viver e Escrever*; D. Francisco M. de Melo, *Cartas Familiares* [ed. Maria C. Morais Sarmento]; Alexandre de Gusmão,

- Cartas* [ed. Andréa Rocha]; VV. AA., *Para Uma História das Ideias Estéticas em Portugal*, *ibid.*, nº 62, Julho 1981, pp. 77-79.
- 392 N. c. a: Moreira das Neves, *Legendas Latinas em Trovas Populares*, *ibid.*, nº 63, Setembro 1981, p. 73.
- 393 N. c. a: José Bento, *Notas para Uma Edição Crítica do "Só"*, *ibid.*, nº 64, Novembro 1981, p. 78.
- 394 "Fernando Pessoa ou A estratégia da razão", in *JL – Journal de Letras, Artes e Ideias*, Ano I, nº 2, Lisboa, 17-30 de Março 1981.  
[Ver nº 84.]
- 395 "Sexo e artes demoníacas em Camilo", *ibid.*, nº 20, 24 de Nov.-7 de Dez. 1981, pp. 12-13; reprod. in *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, 2ª ed., 2º vol., 1983, pp. 188-198 ("O sexo reprimido; A sensualidade nos retratos femininos; Prazer e pecado").
- 396 N.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> a: Nuno Júdice, *Poesias de Guerra Junqueiro*; Mª M. Tavares Ribeiro, *Teorias e Teses Literárias de A. P. Lopes de Mendonça*; Francisco Costa, *Diálogos Estéticos*; Eça de Queirós, *Página de Jornalismo* [ed. A. Pinto de Castro], in *Colóquio/Letras*, nº 65, Janeiro 1982, pp. 67-70.
- 397 N.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> a: Arnaldo Saraiva, *Fernando Pessoa e Jorge de Sena; Vida e Feitos de Júlio César* [ed. Mª H. Mira Mateus]; F. Lopes, *Crónica de D. João I* [ed. Teresa Amado]; Gil Vicente, *Auto da Índia* [ed. Osório Mateus]; Camões, *Auto dos Anfitriões* [ed. Clara Rocha]; A. J. da Silva, *Guerras do Alecrim e da Manjerona* [ed. Mª L. Ferraz]; Mário Martins, *Vida e Morte de Galaaz*, *ibid.*, nº 67, Maio 1982, pp. 87-88.
- 398 N. c. a: *In Memoriam Ruben Andresen Leitão*, *ibid.*, nº 68, Julho 1982, p. 61.
- 399 N.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> a: G. Güntert, *Fernando Pessoa – o Eu Estranho*; Cesário Verde, *Poesia Completa e Cartas Escolhidas* [ed. C. Felipe Moisés]; F. de Mello Moser, "*Misericórdia*" na *Tradição Medieval e Renascentista*; *Poesias de Antero* [ed. Mª Madalena Gonçalves]; Mª T. Arsénio Nunes, *A Poesia da "Presença"*; *Contos de J. R. Miguéis* [ed. Margarida Barahona]; Carlos Reis, *Textos Teóricos do Neo-Realismo Português*; Paulo Morão, *Poemas de Eugénio de Andrade*, *ibid.*, nº 69, Setembro 1982, pp. 63, 65-66, 68.
- 400 "O Fernando Pessoa de Leyla Perrone-Moisés ou A recuperação do ego suprimido", *ibid.*, nº 71, Janeiro 1983, pp. 61-66.  
[Ver nº 84.]
- 401 N. c. a: Antonio Carreño, *La dialéctica de la identidad en la Poesía Contemporánea – La persona, la máscara*, *ibid.*, nº 71, pp. 85-86.
- 402 "Uma 'chave' para Fernando Pessoa: a 'Outra Coisa'", *ibid.*, nº 74, Julho 1983, pp. 65-67.  
[Sobre o livro de Linhares Filho, *A "Outra Coisas" de F. P.*  
[Ver nº 84.]
- 403 N. c. a: Jesus Bello Galvão, *Eles em Mim (Ensaio – I)*, *ibid.*, nº 74, p. 71.
- 404 N. c. a: VV. AA., *Estão a Assassinar o Português!*, *ibid.*, nº 75, Setembro 1983, pp. 88-89.
- 405 N.<sup>s</sup> c.<sup>s</sup> José Blanco, *Fernando Pessoa – Esboço de Uma Bibliografia* e Luiz Piva, *A Linha Visível*, *ibid.*, nº 76, Novembro 1983, pp. 62-63, 64.
- 406 A 'ironia romântica' em Camilo", in *JL – Journal de Letras, Artes e Ideias*, Ano II, nº 52 [53], 1-14 de Março 1983, p. 20; reprod. in *Introdução ao Estudo da novela Camiliana*, 2ª ed., 2º vol., 1983, pp. 286-290 ("A 'ironia romântica'").
- 407 "O romance histórico de Camilo", in *Boletim da Casa de Camilo*, III série, nº 1, Vila Nova de Famalicão, Fevereiro 1983, pp. 7-9; reprod. in *Introdução ao Estudo da Novela*

*Camiliana*, 2ª ed., 2º vol., 1983, pp. 57-61 ("A novela histórica de Camilo: uma apreciação de conjunto").

- 408 N. c. a: Carlos d'Alge, *O Exílio Imaginário*, in *Colóquio/Letras*, nº 77, Janeiro 1984, p. 82.
- 409 R. c. de: Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux, *Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura*, *ibid.*, nº 77, pp. 87-89.
- 410 N. c. a: Alexandrino E. Severino, *Fernando Pessoa na África do Sul – A Formação Inglesa de F. P.*, *ibid.*, nº 78, Março 1984, p. 86.

## 6. PREFÁCIOS E TRADUÇÃO

- 411 Prefácio de: A. Luiz Gomes, *Viver em Beleza na Terra e no Céu* (Conferência), Lisboa, Livª Portugália, 1954, pp. 11-15.
- 412 [Philippe Van Tieghem], *Literatura Francesa*, 2º volume da série *História Ilustrada das Grandes Literaturas*, Tradução, Prefácio e Notas, Lisboa, Editorial Estúdios Cor, 1956.
- 413 Prefácio de: Ernesto Guerra Da Cal, *Lua de além-mar (1939-1958)*, Vigo, Editorial Galáxia, 1959, pp. 9-11 ("Limiar").
- 414 Introdução a: *Poesias Escolhidas (1942-1952)* de Natércia Freire, Lisboa, Portugália Editora, 1959; reprod. in *Problemática da História Literária*, 1961, pp. 273-280 ("A poesia de N. F.") (2ª ed. [1972], pp. 223-228).
- 415 Prefácio de: Judit Beatriz de Sousa, *Gesto Suspenso*, poemas, Lisboa, Editora Lux, 1962.
- 416 Nota Preliminar a: Camilo Castelo Branco, *Novelas do Minho*, 2º vol., 8ª edição, conforme a 1ª, única revista pelo autor, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, Ldª, 1965, pp. I-XV.
- 417 Nota preliminar a: Camilo Castelo Branco, *Coração, Cabeça e Estômago*, 5ª edição, conforme a 2ª, última revista pelo autor, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, Ldª, 1967.
- 418 Nota Preliminar a: Camilo Castelo Branco, *Esboços de Apreciações Literária*, 5ª edição, conforme a 1ª, única revista pelo autor, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, Ldª, 1969, pp. 5-23.
- 419 "Apresentação" de: *Histórias de Poucas Palavras*, de Maria Eulália de Macedo, Lisboa, Edições Ática, 1971.
- 420 Prefácio de: Urbano Tavares Rodrigues, *Uma Pedrada no Charco*, 4ª ed. rev., Lisboa, Liv. Bertrand, 1973.
- 421 Prefácio de: Roberto de Mesquita, *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Lisboa, Col. Poesia, Edições Ática, 1973 ("R. de M. e o Simbolismo").
- 422 Prefácio de: Fernando Pessoa, *Lírica* [Sel. de poemas em tradução russa], Moscovo, Ed. Hudogestvennaia Literatura, 1978.
- 423 Introdução a: Luís Viana Filho, *A Vida de José de Alencar*, Porto, Col. Figuras do Passado, Lello & Irmão – Editores, 1981, pp. XVII-XI.

## 7. POLÉMICA [AMIGÁVEL]

- 424 "A propósito de Fernando Pessoa Carta aberta a António Quadros", in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 26 de Setembro 1963.  
[Cf. António Quadros, "O Livro da Semana. *Notas à margem de F. P. de J. P. C.*", *ibid.*,



15 de Agosto 1963.]  
[Ver n<sup>os</sup> 33 e 56.]

- 425 Resposta a Alfredo Margarido "Sobre as posições políticas de Fernando Pessoa", in *Colóquio/Letras*, n<sup>o</sup> 23, Janeiro 1975, p. 68.  
[Cf. Alfredo Margarido, art. cit., *ibid.*, pp. 66-68.]
- 426 Resposta a Giuseppe Tavani "A propósito duma antologia" [*Da Pessoa a Oliveira (La Moderna Poesia Portogbese)*], *ibid.*, n<sup>o</sup> 25, Maio 1975, p. 69.  
[Cf. Giuseppe Tavani, art. cit., *ibid.*, pp. 67-69.]
- 427 "A propósito de 'A Função da Academia'. Carta aberta ao Dr. Raul Rêgo", in *A Luta*, Lisboa, 9 de Fevereiro 1977, p. 8.  
[Cf. Raul Rêgo, "Resposta a Jacinto do Prado Coelho", *ibid.*]
- 428 "A edição do *Livro do Desassossego*. Uma carta de Jacinto do Prado Coelho", in *Persona*, n<sup>o</sup> 8, Porto, Março 1983, p. 41; "Critérios de ordenação do *L. do D.*", *ibid.*, n<sup>o</sup> 9, Outubro 1983, pp. 66-67; "Última réplica", *ibid.*, n<sup>o</sup> 9, p. 70.  
[Cf. Arnaldo Saraiva, "A edição do *l. do D.*", *ibid.*, n<sup>o</sup> 7, Agosto 1982, pp. 58-60; Georg Rudolf Lind, "O *L. do D.* – um breviário do decadentismo", *ibid.*, n<sup>o</sup> 8, pp. 21-27, e "Mais uma vez: os critérios de ordenação do *L. do D.*", *ibid.*, n<sup>o</sup> 9, pp. 68-69.]

## 8. DEPOIMENTOS. ENTREVISTAS

- 429 "Falam os Escritores. Jacinto do Prado Coelho enaltece a actual literatura portuguesa e deplora a falta de um convívio intelectual elevado, generoso e cordial", in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 1 de Março 1956.
- 430 Depoimento no Inquérito "Que é Poesia? / Dê uma definição de Poesia", in *Jornal de Letras e Artes*, Ano I, n<sup>o</sup> 10, Lisboa, 6 de Dezembro 1961.
- 431 Resposta ao Questionário de Proust, *ibid.*, n<sup>o</sup> 44, 1 de Agosto 1962.
- 432 "Um inquérito aos intelectuais portugueses: Que dez primeiros livros aconselharia a um jovem de 18 anos que pretendesse formar uma biblioteca?", in *Diário Popular*, "Quinta-feira à tarde", 22 de Novembro 1962.
- 433 Inquérito: "A morte de um grande escritor" [Aquilino Ribeiro], in *Rorrei do Ribatejo*, Santarém, 8 de Junho 1963.
- 434 Depoimento em Inquérito à Crítica Literária: "Escrever crítica é, para mim, o termo final dum processo de conscientização, um modo de tirar todo o partido do que na obra contribui para meu enriquecimento interior", in *Jornal de Letras e Artes*, Ano II, n<sup>o</sup> 66, 2 de Janeiro 1963.
- 435 "Os escritores falam do que pensam", in *Diário de Notícias*, "Artes e Letras", 15 de Junho 1967.
- 436 "Quais os seus projectos literários? / Teixeira de Pascoaes e Raul Brandão", in *Diário Popular*, "Letras, Artes", 14 de Janeiro 1971.
- 437 "Depõe um professor de literatura. (1) Para uma renovação da literatura", in *A Capital*, "Literatura & Arte", 6 de Outubro 1971; sob o título "O ensino da literatura portuguesa ao nível superior e sua orientação em função do ensino secundário", in *Boletim do Gabinete Português de Leitura*, n<sup>o</sup> 21, Porto Alegre, 1971, pp. 145-161 [Comun<sup>s</sup> ao I Encontro de Professores de Língua e Lit. Portuguesas, Coimbra – 1970]; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976, pp. 45-71 ("Como ensinar literatura").

- 438 "Depõe um professor de literatura. Directrizes actuais para o estudo da literatura", *ibid.*, 20 de Outubro 1971; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976.
- 439 "Depõe um professor de literatura. Orientar a leitura: objectivo número um, quer no Liceu, quer na Universidade", *ibid.*, 10 de Novembro 1971; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976.
- 440 "Depoem professor de literatura. (4) Ensinar a ler, mas como?", *ibid.*, 24 de Novembro 1971; reprod. in *Ao contrário de Penélope*, 1976.
- 441 "Um inquérito do *Diário Popular*: A que se deve a ignorância do estrangeiro em relação à literatura portuguesa? / Um velho tema / Ainda não temos, por estranho que pareça, um Instituto do Livro", in *Diário Popular*, "Quinta-feira à tarde", 4 de Maio 1972.
- 442 Depoimento no inquérito "Radiografia da Universidade. Que foi? que deve ser?", in *Diário Popular*, 7 de Junho 1975.
- 443 "Não valerá mais que um bombardeiro?", in *Expresso*, Lisboa, 6 de Dezembro 1975 [supl. "40 anos após a morte de Fernando Pessoa", p. I].  
[Sobre a aquisição, pelo Estado, do espólio de F. P.]
- 444 Cristina Baptista, "Jacinto do Prado Coelho: a Academia das Ciências quer estar hoje na primeira linha", *entrevista*, in *Diário Popular*, "Letras & Artes", 15 de Abril 1976.
- 445 Depoimento na série de artigos "Há uma cultura de esquerda?", in *Diário Popular*, "Quinta-feira à tarde", 14 de Outubro 1976.
- 446 Depoimento em "Inquérito à Crítica Literária em Portugal, in *Defesa de Espinho*, "Encontro", Supl. de Divulgação Cultural, nº 8, Espinho, 10 de Dezembro 1976.
- 447 "Como do espólio de Camões...", in *Informação Cultural*, Nova série, nº 1, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 30 de Novembro-6 de Dezembro 1979; reprod. in *Diário Popular*, "Letras & Artes", 13 de Dezembro 1979 ("Pessoa em sossego").  
[Sobre o espólio de F. Pessoa e o *Livro do Desassossego*.]
- 448 "Inquérito. Portugal e a 'crise': "Nostálgicos mas coesos", in *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano II, nº 27, 2-15 de Março 1982.
- 449 J. L. Gavilanes Laso, "Una convivencia sin recelos. Conversación con el Profesor Jacinto del Prado Coelho", in *El Adelanto*, Salamanca, 27 Marzo 1982.
- 450 Vilson Brunel Meller, "Jacinto do Prado Coelho: O Intercâmbio Cultural entre Brasil e Portugal deixa muito a desejar", in *A União*, "Correio das Artes", João Pessoa (Brasil), 10 de Outubro 1982.
- 451 "Lutar até ao fim, num país bloqueado", in *Loreto 13*, Jornal da Associação Portuguesa de Escritores, nº 2, II série, 31 de Dezembro 1983, p. 2.  
["Mensagem de Jacinto do Prado Coelho, lida por Joel Serrão na sessão comemorativa do X Aniversário da A. P. E."]
- 452 Afonso Praça, "Entrevista. Jacinto do Prado Coelho: 'Hoje, a ficção é tudo e não é nada...'", in *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano III, nº 83, 7-13 de Fevereiro 1984.

## 9. CURRICULUM VITAE

- 453 *Curriculum Vitae* de Jacinto Almeida do Prado Coelho, Doutor em Letras, Professor extraordinário efectivo da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1952.  
[Apresentado para concurso ao lugar de Professor Catedrático de Filologia Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dezembro de 1952).]

**ADENDA****3. OUTROS ESTUDOS E TEXTOS EM OBRAS  
DE AUTORIA CONJUNTA**

- 454 "Herculano poeta. Uma imagem em negativo", in *Alexandre Herculano, Ciclo de Conferências Comemorativas do I Centenário da Sua Morte (1877-1977)*, Porto, 1979, pp. 99-117.  
[Ver n<sup>os</sup> 79, 84 e 366.]

**5. ARTIGOS. RECENSÕES E NOTAS CRÍTICAS**

- 455 "A estética da prosa de Fialho", in *O Comércio do Porto*, "Cultura e Arte", 7 de Maio 1957.  
[Ver n<sup>os</sup> 46, 65 e 356.]
- 456 "Intervenção / Um imenso vazio", in *Abril*, Revista de Reflexão Socialista, n<sup>o</sup> 1, Lisboa, Fevereiro 1978, pp. 28-29.

**8. DEPOIMENTOS. ENTREVISTAS**

- 457 Edmundo Perdiz, "O Prof. Jacinto do Prado Coelho à *Voz do Povo*: 'A força da esquerda não pode ser subestimada'", in *Voz do Povo*, VI ano, 2<sup>a</sup> série, n<sup>o</sup> 278, Lisboa, 21 de Dezembro 1979.

[Esboço de Bibliografia por Luís Amaro in: *Afecto às Letras – Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, pp. 673 - 707.]

\*\*\*

## LEMBRANÇAS DO PROFESSOR JACINTO DO PRADO COELHO

Maximiano de Carvalho e Silva  
UFF

Desde que passei a dedicar-me de modo especial ao estudo da Literatura Portuguesa, o nome de Jacinto do Prado Coelho esteve sempre presente na minha lembrança, por múltiplas razões, algumas delas óbvias. Como ele era autor (desde cedo) de obras de fundamental importância, tomei conhecimento ao longo dos anos de boa parte dos livros e artigos em que divulgou suas idéias de renovador dos estudos literários: *A Educação do Sentimento Poético* (1944), *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana* (com edições em 1946 e 1983), *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (1949/1973), *Obra Seleta de Camilo Castelo Branco* (1960), *Problemática da História Literária* (1961/1972), *A Letra e o Leitor* (1969), *Ao Contrário de Penélope* (1976), *A Originalidade da Literatura Portuguesa* (1977), *Camões e Pessoa*, *Poetas da Utopia* (1983). Acompanhei com real admiração o seu trabalho de organizador de edições com textos cuidadosamente estabelecidos e comentados (Camilo, Teixeira de Pascoais, Matias Aires, Fernando Pessoa, entre outros); de principal diretor e autor de verbetes de um precioso *Dicionário de Literatura* (portuguesa, brasileira e galega), cuja primeira edição é de 1969; e de co-diretor, ao lado de Hernâni Cidade, a quem votava o maior apreço, da esplêndida revista *Colóquio/Letras*, editada em Lisboa pela Fundação Calouste Gulbenkian. Sempre via eu com satisfação que os inúmeros trabalhos com que enriquecia a bibliografia portuguesa tinham benéfica repercussão nos outros países de língua portuguesa, cuja literatura tanto ajudou a divulgar.

Um aspecto da atuação de Jacinto do Prado Coelho me sensibilizou de modo particular. Tendo recebido de seu pai a herança de um profundo interesse pelos estudos da vida e obra de Camilo Castelo Branco, passou com o tempo da posição de simples leitor à de analista e comentador da literatura camiliana, de que se tornou um dos mais lúcidos intérpretes, como se vê nas páginas tão densas da *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*. Preparou, como se sabe, para a editora Aguilar os dois volumes da *Obra Seleta* do romancista, com excelentes notas biobibliográficas e estudos prévios que os tornaram de consulta obrigatória ainda hoje. Esse interesse camiliano era um traço que nos unia: também o tenho como herança paterna, pois meu pai pertenceu à geração de camilianistas das primeiras décadas deste século, em permanente rivalidade com os devotos de Eça de Queirós.

Meu contato pessoal inicial com o professor Jacinto do Prado Coelho se deu em 1972, nas circunstâncias a que me referirei em seguida.

Primeiramente, como membro da Comissão Especial designada pelo Ministro da Educação para organizar e dirigir as comemorações brasileiras do quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas*, coube-me a coordenação de um ciclo de conferências que se realizariam no Rio de Janeiro em agosto daquele ano, com a participação de ilustres camonistas brasileiros e portugueses. Em reunião da Comissão, apresentei a proposta dos nomes dos conferencistas, que foi aprovada com pequenas alterações: entre os brasileiros estavam os de Artur César Ferreira Reis, Pedro Calmon, Cleonice Berardinelli, Gladstone Chaves de Melo, Guilhermino César e Celso Cunha; e entre os portugueses os de Hernâni Cidade, Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Vitorino Nemésio, Jacinto do Prado Coelho, Maria de Lourdes Belchior Pontes e José G. Herculano de Carvalho. Essa relação de nomes diz bem dos propósitos que nos nortearam de celebrar em alto nível o grande acontecimento cultural que nos congregava naquele momento. Como em todos os casos, por carta foi feito o convite aos professores portugueses: dois deles, todavia, não puderam aceitá-lo – Prado Coelho e Maria de Lourdes Belchior – diante de compromissos anteriores que impediam a sua vinda ao Brasil, segundo as explicações que nos deram.

No mesmo ano de 1972 teria eu a esperada oportunidade de um primeiro encontro com Jacinto do Prado Coelho, como tanto desejava. Contribuiu para isso o fato de a Comissão Especial designada pelo governo português para organizar as comemorações camonianas em Portugal ter incluído em seu programa a realização em Lisboa de uma I Reunião Internacional de Camonistas, do dia 15 ao dia 18 de novembro. De acordo com os entendimentos prévios entre as duas comissões, estabeleceu-se no Brasil que uma delegação nos representaria nesse encontro de camonistas, da qual fiz parte na honrosa companhia dos professores Pedro Calmon (Vice-Presidente da Comissão brasileira) e Gladstone Chaves de Melo (então Adido Cultural do Brasil em Lisboa). Foi assim que, fazendo a minha primeira viagem a Portugal, pude afinal apresentar-me em Lisboa a Jacinto do Prado Coelho, que como membro da Comissão portuguesa coordenava sob a presidência de Hernâni Cidade as atividades dessa importante Reunião de especialistas em estudos camonianos, de Portugal, do Brasil e de vários outros países. Apesar da cordialidade dos nossos contatos, não foi fácil ao professor Prado Coelho abrir um espaço no programa para que eu me desincumbisse de uma tarefa de que à última hora fora encarregado pelo professor Artur César Ferreira Reis (Presidente da Comissão brasileira): fazer numa das sessões um relato do que vínhamos realizando com o propósito de celebrar as glórias do Poeta e de favorecer com outros meios o estudo da sua vida e obra. Afinal, graças às instâncias de Pedro Calmon, foi-me facultado falar, em sessão sob a presidência de Prado Coelho, que me ouviu com toda a atenção. Daí até o encerramento do congresso, pude ainda comunicar em sessão plenária que já estava na fase final de impressão a terceira edição (fac-similada) de *Os Lusíadas Comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias*, planejada como homenagem nossa aos grandes camonistas portugueses do passado; e na sessão final ver aprovada, com os aplausos entusiásticos dos presentes, duas propostas assinadas pelos três integrantes da delegação brasileira: a de que a II Reunião fosse realizada no Brasil, sob o patrocínio da Universidade Federal Fluminense – UFF e da Fundação Casa de Rui Barbosa – FCRB (instituições que eu ali estava representando oficialmente); e a de que

se criasse, com sede dupla – em Portugal e no Brasil – o Instituto Camões, a que caberia daí por diante levar avante as iniciativas de promover e difundir os estudos camonianos. Terminada a Reunião, ainda tive alguns breves encontros com o professor Jacinto do Prado Coelho, de quem guardara tão forte impressão.

A nossa aproximação maior se deu em 1973, pelos motivos que exporei em seguida. De volta ao Brasil, ficou em minha cabeça como uma obsessão o compromisso assumido de organizar a II Reunião Internacional de Camonistas, e no meu entender o mais depressa possível, enquanto estivesse eu na direção do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense e do Centro de Pesquisas da Fundação Casa de Rui Barbosa. Depois de obter o assentimento do Reitor da Universidade e do Presidente da Fundação, tomei a iniciativa de organizar o que denominei Programa Especial UFF–FCRB, comemorativo do quarto centenário da cidade de Niterói (sede da Universidade) e do cinquentenário da morte de Rui Barbosa, obtendo para atender aos gastos financeiros o apoio de dois órgãos do Ministério da Educação e Cultura: o Departamento de Assuntos Culturais – DAC (sob a direção do Dr. Renato Soeiro, que de perto acompanhara a minha atuação como membro da Comissão Especial do quarto centenário de *Os Lusíadas*) e a Coordenação do Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior – CAPES (sob a direção do Dr. Celso Barroso Leite). Nesse Programa estava prevista a realização de dois congressos internacionais concomitantes: a II Reunião Internacional de Camonistas e o Congresso Internacional de Filologia Portuguesa (este com a finalidade principal de tratar dos grandes problemas da Crítica Textual aplicada aos textos em língua portuguesa). Da Comissão Diretora do Programa que eu tive a honra de presidir também fizeram parte a meu convite – como Vice-Presidente o professor Sílvio Edmundo Elia, na qualidade de representante do corpo docente da UFF, e como Secretário o Dr. Irapuan Cavalcanti de Lyra, Diretor Executivo da FCRB – com os quais dividi as responsabilidades de levar a bom termo o referido Programa.

Na hora de relacionarmos os professores e pesquisadores nacionais e estrangeiros que seriam os nossos convidados especiais, surgiu logo em primeira cogitação o nome de Jacinto do Prado Coelho: merecia por muitos motivos essa homenagem, inclusive pelas demonstrações e exemplos que permanentemente nos dava de valorização da cultura e da literatura brasileira. Ao redigir o convite, fiz uma tentativa de engajá-lo nos debates sobre Crítica Textual, pois me parecia que, afeito ao trato com os textos de todas as épocas, tendo plena consciência do problema da fidelidade textual e múltiplas experiências de preparar edições ou textos críticos, podia trazer ao Congresso Internacional de Filologia Portuguesa uma contribuição nova, de alta relevância (o que aliás se confirmaria em plenitude). Para envolvê-lo, em minha carta-convite datada de 16 de maio de 1973, depois de explicar que fizéramos a opção de usar a palavra Filologia no sentido de Crítica Textual, tomei a liberdade de dizer:

O Congresso, portanto, se destina ao estudo e debate dos problemas comuns dos que se dedicam à Crítica Textual, à preparação de edições críticas. Uma de nossas finalidades é contribuir para a retomada do trabalho filológico, relegado a segundo plano nos dias atuais – enfim, repetindo palavras do professor Herculano de Carvalho em *Crítica*

*Filológica e Compreensão Poética*, "uma chamada de atenção para a necessidade inadiável de se retomar finalmente, em bases realmente científicas e atualizadas, a tarefa inacabada da edição crítica e do comentário filológico dos textos literários dos nossos escritores". Muito nos alegraria a apresentação de comunicações sobre temas como "Filologia e Linguística", "Filologia e História", "Filologia e Literatura" – que acrescentassem outros elementos à comprovação de que o trabalho filológico é o primeiro a ser feito, para as conclusões seguras no campo dos estudos afins, mormente no que diz respeito a textos mais antigos. Tudo isto – que o prezado amigo, pela formação que teve, sabe muito bem, e de experiência própria – me senti obrigado a repetir, para deixar bem claros os nossos propósitos.

A sua comunicação poderia referir-se a um dos itens do Congresso de Filologia: seria a oportunidade para ir mais além nas considerações que faz em seus estudos, quando toca de passagem em problemas filológicos. (Alguns exemplos apenas: em *Problemática da História Literária*, 2ª edição, refere-se à edição de *Aventuras de Diófnanes* – INL, 1945 – como "bastante imperfeita", e aí está um texto que pela sua importância mereceria um outro tratamento; em *A Letra e o Leitor* – menciona a edição crítica das *Novelas do Minho* [de Camilo Castelo Branco], publicada pelo Centro de Estudos Filológicos [Lisboa], mostrando como é valioso o registro das variantes para a análise da evolução do autor (p.170); na mesma obra, o capítulo "Cronologia e Variantes da Mensagem" [de Fernando Pessoa] evidencia as conexões entre o trabalho filológico e os estudos literários).

No parágrafo seguinte da mesma carta, esclareci todavia ao professor Prado Coelho que a ele cabia a escolha do tema da sua comunicação, seja para o Congresso de Filologia, seja para a Reunião de Camonistas. E assim lhe disse:

No temário da II Reunião Internacional de Camonistas, procuramos pôr em destaque quatro pontos para dar ênfase aos mesmos, mas não queremos de modo algum tolher a liberdade dos nossos convidados especiais. Assim sendo, se a sua comunicação for sobre um tema camoniano, não faremos qualquer objeção ao que nos propuser.

Jacinto do Prado Coelho respondeu sem demora à nossa convocação, declarando que escolhera para a sua comunicação o tema "Filologia e Literatura: o Estudo de Variantes", o que me agradou imensamente. Meses mais tarde, em outubro, às vésperas do Congresso, enviou-me o longo e muito bem documentado texto da mesma, que eu li com avidez, sentindo logo que o tratamento da matéria por parte de um grande Mestre em estudos literários despertaria vivo interesse, como de fato se verificou. Fiz ver a Prado Coelho que reservaria tempo para que a comunicação fosse lida na íntegra, como notável contribuição à valorização de uma das tarefas básicas da Crítica Textual. Em resposta, numa carta com data de 26 de outubro, ele diria:

Ainda bem que lhe pareceu de interesse a minha comunicação; e seu parecer autorizado tem para mim grande valor; e sensibilizou-me o desejo que manifesta de que o texto seja lido na íntegra.

Jacinto do Prado Coelho chegou ao Rio de Janeiro no dia 10 de novembro, na companhia de sua esposa D. Dália. Os encontros de especialistas em estudos camonianos e em Crítica Textual, como se estabelecera, realizaram-se de 12 a 18 de novembro: a maior parte das sessões no salão de cinema da Reitoria da UFF (Niterói); duas sessões no Real Gabinete Português de Leitura; e a festa de encerramento dos trabalhos nos salões da Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro). Foi na sessão da tarde do dia 13, com a presença de mais de quinhentas pessoas, que Jacinto do Prado Coelho leu o seu extenso trabalho, que como eu esperava foi ouvido com a maior atenção, não só por parte de outros ilustres convidados nossos, como por parte do público tão numeroso, em que estavam inclusive muitos alunos da Universidade: uma providência tomada pela direção do Congresso – a distribuição prévia de cópias xerográficas do texto bem datilografado e revisto dessa como de todas as outras comunicações – permitiu o acompanhamento sem dificuldade do que expôs o ilustre Mestre. Com efeito, no final dos congressos, a avaliação dos seus resultados mostrou que a longa comunicação que ele fizera sobre a importância das edições críticas como propiciadoras do estudo das variantes de uma obra literária era tida como um dos pontos mais altos de tudo o que se passara naqueles dias. Para que se tenha idéia do que foi essa sessão do Congresso de Filologia, basta dizer que, na hora dos debates, falaram sucessivamente para louvar o orador e fazer comentários sobre o tema em exame os professores Gladstone Chaves de Melo, que presidiu a parte final da sessão, Paul Teyssier (Paris) como debatedor designado pela mesa, Luciana Stegagno Picchio (Roma), Arnaldo Saraiva (Porto) e Hernâni Cidade (Lisboa). Este último emocionou os ouvintes pelo tom de sinceridade e humildade que imprimiu às suas observações sobre a evolução dos métodos de estudos literários em Lisboa, na cadeira de Literatura Portuguesa: sobre as mudanças profundas que se deram do tempo de Teófilo Braga (de quem foi aluno) para o seu tempo e para o tempo presente, em que via o seu antigo assistente Jacinto do Prado Coelho tomar novo rumo, colocando-se portanto muito à frente de Teófilo Braga e dele próprio Hernâni Cidade com a análise que fazia das variantes para melhor compreender o processo da criação literária. Terminadas as sessões dos congressos, houve um almoço de conagração em Niterói, num clima da maior cordialidade: surpreendeu-me então o amigo Jacinto do Prado Coelho, na hora dos discursos de despedida, com as emocionadas palavras de agradecimento que dirigiu a minha mulher, Dirce, cuja atuação discreta mas constante e eficaz muito nos auxiliou para o êxito da programação social: com esse gesto de pura fidalguia comprovou ter estado atento a tudo, e se tornou credor da minha particular estima. Já de Portugal, a 9 de dezembro, assim expressou numa carta a impressão que lhe ficara dessa vinda ao Brasil:

Conservo as melhores recordações dos nossos congressos de Niterói – um duplo êxito, de que deve orgulhar-se. Depois, eu e minha mulher prosseguimos excelente viagem por São Paulo, Salvador e Recife, sempre carinhosamente recebidos. Regressamos no dia 27. Mas, claro, novos e múltiplos trabalhos me esperavam. Hoje mesmo vou para Coimbra, para



mais um doutoramento em Literatura Portuguesa – o do [Aníbal] Pinto de Castro.

Em 1976, ao incluir como primeiro capítulo do livro *Ao Contrário de Penélope* o texto da comunicação com o título alterado para "Variantes e Variações", revelou mais uma vez as suas impressões de então, numa dedicatória a Luciana Stegagno Picchio, com a seguinte nota final: "lembrando o Congresso de Niterói".

Reencontrei o grande Mestre no ano de 1974, em minha segunda viagem a Portugal como "bolseiro" (ou bolsista, como se diz no Brasil) do Instituto de Alta Cultura que lá ia completar pesquisas sobre a história da Crítica Textual para um trabalho que fazia por encomenda do professor Herculano de Carvalho. Deveria ter viajado no final de abril de 1974, mas a mudança da vida política do país com o movimento de 25 de abril me fez adiar a viagem. Passei três meses em Portugal – de maio a agosto – sem poder fazer o que desejava, num ambiente convulsionado em que muitas paixões dominavam os cidadãos portugueses. Meus contatos com Jacinto do Prado Coelho foram poucos, e espaçados: na verdade, não tinha condições de dar-me muita atenção, porque se defrontava com terríveis problemas de acomodação aos novos tempos na Universidade de Lisboa, e tais preocupações o absorviam quase que por completo. Foi, estou certo, uma fase extremamente difícil e penosa em sua vida.

Nos anos seguintes, continuei a acompanhar a sua trajetória, e continuei a ser leitor dos seus artigos ou livros. Só em novembro de 1980, porém, pude revê-lo, por ocasião da III Reunião Internacional de Camonistas, promovida pela Universidade de Coimbra. Os convidados ficamos todos hospedados pela Universidade no Palácio de São Marcos, e foi lá, principalmente na hora do café da manhã, que conversei com ele sobre coisas do nosso interesse comum. Presidi a sessão em que ele tratou do tema "Estruturas Conceptuais e Narrativas na Poesia Camoniana", ouvindo em seguida de um dos debatedores duas ou três ásperas objeções ao que ele dissera, às quais respondeu com toda a serenidade. Concluída a Reunião, em que com o seu apoio se decidiu que a Reunião seguinte seria em Ponta Delgada, sob o patrocínio da Universidade dos Açores, do ilustre amigo recebi amável convite para um encontro com os seus assistentes na Universidade de Lisboa, em data que me anunciaria em breve, aos quais eu faria uma exposição sobre os meus planos de trabalho como professor de Crítica Textual na Universidade Federal Fluminense: quis assim – suponho – dar uma prova efetiva de apreço e amizade e de como considerava relevante dar à ciência filológica o lugar que lhe cabe no ensino universitário. Meses mais tarde, em carta de 14 de maio de 1981, escrita em Monte Estoril, explicaria:

Os assistentes, meus alunos nos seminários de pós-graduação, que ouviram a sua palestra na Faculdade, ainda por vezes me falam dela – e verifico que contribuiu para avivar neles a consciência da importância da Crítica Textual.

Nos últimos dias da nossa permanência em Lisboa em 1980, Jacinto do Prado Coelho e D. Dália ainda fizeram questão de proporcionar a mim e a minha mulher um passeio de carro e um almoço na região de Sesimbra: disseram-nos eles então que se lembravam com muitas saudades dos nossos encontros em Niterói.

Tudo isto vale a pena mencionar, para realçar a nobreza de espírito do grande Mestre que agora homenageamos.

Naquele mesmo ano de 1980, recebeu o professor Jacinto do Prado Coelho um convite do nosso Real Gabinete Português de Leitura para organizar a edição do manuscrito autógrafo do romance *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, ali conservado como verdadeira relíquia: era um plano antigo da instituição. O convite não foi aceito, sob a alegação de que já assumira outros compromissos inadiáveis e de que tal projeto o afastaria das suas atividades habituais: mas indicou o meu nome ao Presidente do Gabinete, Comendador Antônio Rodrigues Tavares, como pessoa capaz de levar a bom termo esse empreendimento editorial. Quando retornei ao Brasil, fui logo chamado pelo Comendador Tavares, de quem então ouvi que me desejava confiar o encargo de cuidar dessa edição: por coincidência, era um antigo sonho meu, e no primeiro semestre de 1981 uma turma do currículo de formação de revisores críticos e preparadores de texto no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, depois dos estudos teóricos de Crítica Textual dos semestres anteriores, teria como prática a organização de um plano de edição crítica. Por conseguinte, tudo vinha a calhar... Com plena liberdade de ação, cuidei do planejamento da edição do manuscrito camiliano, tomando no entanto a decisão de não simplesmente reproduzi-lo fac-similarmente, mas de apresentar em confronto com o mesmo uma edição crítica, trazendo em pé de página as variantes dos sete textos comprovadamente da responsabilidade do romancista (desde o manuscrito datado de 1861 até a quinta edição impressa em 1879). Em carta de 24 de fevereiro de 1981, de tudo dei notícia ao amigo Prado Coelho, cujo nome já era familiar aos meus alunos, levados a ler inicialmente as notas sobre Camilo e sua obra no *Dicionário de Literatura* de que era o principal organizador. No meu plano inicial, imaginei até que ele e Josué Montello fariam para essa edição estudos histórico-literários sobre o *Amor de Perdição* e sua repercussão em Portugal e no Brasil, respectivamente: ambos porém não puderam aceitar os convites que lhes foram endereçados pela direção do Gabinete Português de Leitura, por terem de atender a outros compromissos naquele momento. Quando a edição afinal foi publicada em 1983, preparada no Brasil e impressa pela editora Lello no Porto, trazia a excelente introdução que a meu pedido fez para ela o professor Aníbal Pinto de Castro, Catedrático de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, e um dos maiores intérpretes da obra camiliana: sem demora, Jacinto do Prado Coelho (em carta a Aníbal Pinto de Castro) e Josué Montello (em artigo no *Jornal do Brasil*) se manifestaram com carinho sobre o significado desse empreendimento editorial para o qual colaboraram brasileiros e portugueses com o mesmo empenho de valorizar os estudos camilianos.

Foi na já mencionada carta de 14 de maio de 1981 que o professor Jacinto do Prado Coelho me perguntou se estava disposto a fazer uma revisão crítica da edição dos *Sonetos de Camões* que acabara de publicar a professora Cleonice Bernardinelli, pois queria que eu me tornasse colaborador da revista *Colóquio/Letras*. Respondendo-lhe em seguida, fiz-lhe ver contudo as dificuldades para fazer o que ele desejava:

Estou tentando desincumbir-me da tarefa, o mais depressa possível. Todavia, não é fácil, como talvez o fosse em outras circunstâncias, tratar da matéria, porque a referida edição tem provocado aqui vivos e apaixonados debates, num tom que muito me desagrada, envolvendo-se nele pessoas estimáveis, mas às vezes radicais ou facciosas em seus julgamentos... Minha recensão deve ficar entre os extremos dos que negam o valor da contribuição dessa edição dos *Sonetos* ao progresso dos estudos camonianos, e dos que a elogiam irrestritamente: vejo muitos méritos no que realizou a professora Cleonice, e defeitos que de modo algum desmerecem os propósitos fundamentais da ilustre autora. Procurarei dizer tudo isto da melhor forma, e, recebida e lida a recensão, o prezado amigo fica à vontade para julgar da conveniência de acolhê-la na revista, considerando o conteúdo e a extensão da minha análise crítica. [Carta de 3 de julho de 1981.]

Em outubro, enviei a recensão, sob duas formas: uma resumida, em duas páginas; a outra extensa e pormenorizada, em várias páginas. Tendo dado ao professor Prado Coelho a liberdade de escolher a que cabia nos limites da revista que dirigia, resolveu ele incluir em *Colóquio/Letras* a versão resumida, e com a minha autorização publicar na revista *Arquipélago*, da Universidade dos Açores (onde tinha devotados admiradores e amigos) a versão mais completa como se vê no número V, de janeiro de 1983, p. 303-314. Prado Coelho assim agradeceu a remessa do meu trabalho:

Muito obrigado pela sua carta e pelas duas versões da recensão dos *Sonetos de Camões!* Tenho pena de que a versão mais extensa não seja publicada aqui ... mas a versão breve ... sairá na *Colóquio/Letras*. Tem as características que eu esperava: bom critério, equilíbrio, clareza, isenção. [Carta de 14 de outubro de 1981.]

Nos anos de 1982 e 1983, continuei a manter correspondência com o professor Prado Coelho, e a trocar com ele a oferta de livros, nossos e de outros autores. A 26 de maio de 1983, anunciando-lhe a fundação da Sociedade Sousa da Silveira / Centro de Estudos de Língua Portuguesa e de Crítica Textual para a comemoração do centenário de nascimento do filólogo e lingüista brasileiro, disse-lhe no início de uma breve carta:

Com grande alegria, recebi há algum tempo a segunda edição (primeiro volume) da sua *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana* – por coincidência, na mesma semana em que adquiri num antiquário o livro *Espiritualidade e Arte de Camilo*, de A. do Prado Coelho. Temos este traço em comum: o interesse pela obra camiliana é também [no meu caso] herança paterna; por isso, dedico a meu pai a edição do *Amor de Perdição*, já em fase final de impressão.

Esperava encontrar-me com ele durante a IV Reunião Internacional de Camonistas, de 12 a 17 de junho, em Ponta Delgada (Ilha de São Miguel), onde Jacinto do Prado Coelho era aguardado para receber muitas homenagens e demonstrações de carinho por parte dos amigos e dos dirigentes da Universidade dos Açores. Seu estado de saúde, bem grave, não permitiu o seu comparecimento a essa Reunião. Na

comunicação que lá apresentei – um breve histórico da evolução dos estudos camonianos em Portugal e no Brasil – achei oportuno manifestar de público a minha homenagem particular de quem tanto reconhece a valor das suas obras mais importantes de história, crítica e análise literária. Voltando a Lisboa, não pude ir a sua casa: não estava em condições de ser visitado.

A 11 de fevereiro de 1984, às voltas eu também com problemas graves, e não tendo notícias exatas do estado de saúde do meu prezado amigo, ainda lhe escrevi para noticiar que estava publicada a edição crítica do *Amor de Perdição* por mim organizada, e que ele seria convidado pela direção do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, juntamente com Aníbal Pinto de Castro, para serem os oradores principais da solenidade de lançamento dessa edição, prevista para o mês de março. De fato, o convite lhe foi feito – mas não pôde ter resposta afirmativa, como já se supunha.

Pouco mais de três meses depois, lia eu contristado e emocionado o registro feito com destaque pelo jornalista Carlos Meneses, em *O Globo* do dia 1 de junho, da morte de Prado Coelho, ocorrida a 19 de maio em Lisboa. O jornalista, realçando o papel de pioneiro do grande Mestre em vários campos de trabalho, acentuou entre os mesmos:

Foi ele um dos primeiros críticos e ensaístas a eliminar, com adequados e novos instrumentos de pesquisa e de análise, o fosso tradicionalmente aberto entre os estudos lingüísticos e os estudos literários.

A 5 de junho, na sua seção do *Jornal do Brasil*, sob o título "O silêncio de Jacinto do Prado Coelho", traduziu o escritor Josué Montello em palavras repassadas de muita emoção o que representava para o mundo de língua portuguesa a morte desse eminente professor e escritor que "foi sobretudo um representante maior da cultura ocidental"; e frisou, referindo-se às suas vindas ao nosso país:

Ouvimo-lo aqui no Brasil em vária oportunidade. No Gabinete Português de Leitura, na Academia Brasileira, na Faculdade de Letras, nos congressos de literatura. Chamavam-no de longe, e ele vinha radiante, com o gosto de se identificar com a vida e os livros brasileiros. Para deixar conosco a lembrança dos aplausos com que lhe acolhíamos as lições.

Por tudo isto, é justíssima a homenagem que agora lhe presta a direção do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, dedicando-lhe este número da revista *Confluência* para assim demonstrar que Jacinto do Prado Coelho é uma forte presença em nossa lembrança, pela atuação que teve em Portugal e no Brasil, sempre na defesa e divulgação dos altos valores da comunidade lusófona.

\*\*\*

## A PESQUISA COM LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS UM DEBATE

Yonne Leite  
CNPq/UFRJ

Neste momento em que abro esta seção de debate sobre a pesquisa com línguas indígenas brasileiras, gostaria de prestar meu tributo à memória do Prof. Joaquim Mattoso Camara Jr. São transcorridos 25 anos de seu falecimento e, em outras ocasiões, diferentes homenagens lhe foram prestadas. Esta que aqui fazemos agora não é uma formalidade. Foi Mattoso Camara quem, como idealizador do Setor Lingüístico do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, reformulou, na década de 60, a pesquisa com línguas indígenas brasileiras. Durante 10 anos com ele mantive um convívio diário muito enriquecedor. Graças à sua ação, ao respeito que a comunidade acadêmica lhe devotava, ao reconhecimento que gozava no plano nacional e internacional, as línguas indígenas brasileiras foram inscritas como um objeto de estudo válido, hoje institucionalizado.

Minha iniciação nessa área de pesquisa se deu como sua estagiária no Museu Nacional. Duas das debatedoras que aqui se encontram, Bruna Franchetto e Marcia Dámaso Vieira, são pesquisadoras do Museu Nacional e lá iniciaram sua pesquisa de campo, a primeira com a língua Kuikuro (família Karibe) e a segunda com a língua Asurini (família Tupi-Guarani). Tania Conceição Clemente de Souza, professora-adjunta da UFF, também iniciou sua pesquisa com o Bakairi (família Karibe) no Setor de Lingüística do Museu Nacional. Assim Mattoso Camara abriu um espaço e instituiu um campo de trabalho que continua a florescer. E, embora cada uma de nós aqui presente tenha perspectivas de trabalhos diferenciadas e histórias de vida diversas, unem-nos, em um período de nossa trajetória, as salas, a biblioteca e o ambiente estimulante de trabalho do Museu Nacional. Espaço que nos foi legado por Mattoso Camara.

Como de praxe deveria começar a tratar do tema aqui proposto segundo uma perspectiva histórica, procurando estabelecer os devidos cortes ou cronológicos ou

---

\* Sociedade Brasileira de Língua e Literatura – XXVII Congresso Brasileiro de Língua e Literatura U.E.R.J. – 24 a 28 de julho de 1995.

epistemológicos ou paradigmáticos que norteiam as pesquisas com línguas indígenas brasileiras.

O primeiro obstáculo a transpor é determinar esses cortes. O que é passado em termos dos estudos das línguas indígenas brasileiras? Seria o passado tanto a documentação oriunda dos missionários católicos da colônia, ou a dos viajantes, etnólogos, membros da Comissão Rondon, juntamente com os estruturalistas? Ou o corte se daria no estruturalismo e a época contemporânea abrangeria tanto os trabalhos do S.I.L. quanto as recentes teses de doutorado feitas numa perspectiva gerativista? Enfim, há uma linha atual homogênea de pesquisa com línguas indígenas brasileiras ou esse é um campo pluralista?

Para Mattoso Camara, em seu clássico livro *Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras*, o novo, o promissor, o rompimento com o passado reside no advento do estruturalismo. O passado compreende vários vocabulários e informações gramaticais assistemáticas, provenientes de recolhas de etnólogos como Curt Nimuendaju, Karl von den Steinen, Theodor Koch-Grunberg, para citar apenas os mais conhecidos, assim como a produção jesuítica de Anchieta e Filgueira, ambas sobre o Tupinambá ou sobre "a língua mais usada na costa do Brasil". A essa pode-se juntar a documentação sobre o Guaraní Antigo produzida pelos Pe. Montoya, Pe. Bernal e Pe. Bolaños. A ação catequética permitiu toda uma literatura religiosa em língua nativa, com catecismo, teatro, textos de doutrina cristã, dicionários.

É voz corrente acatada achar que esses trabalhos têm pecado de origem. No caso dos etnólogos e viajantes, a falta de uma formação específica em linguística e o caráter fragmentário da documentação. Já a produção jesuítica peca por seu caráter utilitário de conversão e pela utilização do que se identifica como um modelo latino de gramática. Segundo Mattoso Camara criou-se "um Tupi jesuítico sensivelmente distanciado das línguas Tupi naturais..." (p. 104) tendo havido uma simplificação da fonética, a regularização da gramática e a adulteração de suas categorias genuínas e do valor dos morfemas. Além disso, teriam em seus dicionários adaptado toda a semântica à "visão cósmica ocidental".

Seriam essas críticas justificáveis? Esse quadro mudou com o estruturalismo? São essas as perguntas que me surgem de imediato.

Em primeiro lugar, discordo da crítica feita ao trabalho dos padres católicos. O material que nos foi por eles legado, apesar de suas imperfeições, permite reinterpretações e reanálises. Prova disso é o *Curso de Tupi Antigo* do Pe. Lemos Barbosa, feito com base no trabalho jesuítico dos séculos anteriores, que apesar de todos os avanços presumíveis de nosso conhecimento, continua sendo a melhor obra de referência para as línguas da subfamília Tupi. Não pode, pois, ter havido uma simplificação ou regularização da gramática nativa, nem seu aprisionamento nas categorias clássicas do latim, pois nelas se encontram informações preciosas, na maioria das vezes desprezadas nos trabalhos dos estruturalistas, como a ordem sintagmática livre, as modificações morfofonêmicas, os dois tipos de construções causativas, a incorporação nominal ao verbo. Esses fenômenos não se encontram todos no latim. Quanto aos dicionários, o único atual que tem uma organização por tópicos – seriam campos semânticos – é o de Françoise Grenand para o Wayãpi. Desconheço, até a

presente data, dicionários que levem em conta a visão do mundo dos grupos nativos. No mais das vezes os dicionários produzidos, após o advento do estruturalismo, não passam de listas vocabulares com os itens arrolados em ordem alfabética. E, quando arrolados por tópicos, esses tópicos são os mesmos das culturas ocidentais, tais como, partes do corpo, fenômenos da natureza, plantas, animais, termos de parentesco.

A crítica feita ao trabalho dos jesuítas se embasa na corrente relativista do estruturalismo, praticada em graus variáveis, segundo a qual cada língua seria um sistema de relações específico e único, com categorias próprias, indicativas do recorte do mundo externo. O *leit motif* do estruturalismo foi enfatizar as diferenças. E mais ainda, pensamento, visão do mundo e linguagem seriam interdependentes. Não haveria um homem pensante que teria precedência sobre o homem falante. O pensamento estaria colado à linguagem. Todos devem ter em mente a imagem de Saussure do fluxo do pensamento sendo recortado pela língua, cada língua produzindo um recorte diferente. O espírito humano universal do racionalismo desaparece no estruturalismo.

Em segundo lugar, uma lingüística "pura" jamais foi praticada entre nós. O estruturalismo não mudou a finalidade utilitária da lingüística. E, muito menos, o seu uso para fins catequéticos. Sabemos que a prática estruturalista se fixou em nosso País pela ação dos membros do Summer Institute of Linguistics, que é uma instituição missionária, cujo propósito em descrever uma língua indígena é o de reduzi-la a uma escrita para a tradução da Bíblia. Concomitantemente ao trabalho de descrição desenvolve-se um processo de alfabetização bilingüe. Esse modelo – sem fins catequéticos – é amplamente usado mesmo por não-estruturalistas e leigos. Cabe ao lingüista fornecer o alfabeto e confeccionar cartilhas. A participação de lingüistas em projetos e programas educacionais é considerada uma obrigação – a atitude politicamente correta – de todo aquele que desenvolve pesquisa lingüística com populações indígenas no Brasil. E o que se chama "retorno", o que damos em troca pelo fornecimento de dados, por ocuparmos um tempo e um espaço que não é nosso, para realizarmos um trabalho de natureza acadêmica que reverterá em nosso próprio benefício. O propósito dessa alfabetização feita por leigos não é catequético. Ninguém quer traduzir a Bíblia. O que se quer é oferecer a essas populações minoritárias um mecanismo e um conhecimento que lhes permita defender seus interesses em pé de igualdade com a população majoritária envolvente. Mas o modelo amplamente utilizado foi desenvolvido por missionários protestantes.

O modelo estruturalista, ao se fixar entre nós, tinha como propósito 1) produzir descrições integrais das línguas, abarcando os níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico, além da confecção de dicionários bilíngües 2) promover, baseado nessas descrições, a classificação genética dessas línguas (vide *O Setor Lingüístico do Museu Nacional*. Publicações Avulsas n° 49, Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ, 1965). Nenhum desses objetivos se cumpriu na extensão desejada, no período em que vigorou no mundo acadêmico o paradigma. Somente em 1986, começou a ser publicado o *Handbook of Amazonian Indian Languages* agora em seu terceiro volume, o similar do *Handbook of North American Indian Languages*,

organizado por Franz Boas datado de 1942. E a produção que se encontra nesses três volumes não é brasileira, mas de membros do Summer Institute of Linguistics.

A classificação genética também não avançou muito. O ideal era o de se aplicar o método comparativo clássico, com a reconstrução de cada estágio. Tem-se para a família Tupi-Guarani, seguindo essa metodologia, a classificação proposta por Miriam Lemle (*Internal Classification of the Tupi-Guarani Linguistic Family Tupi Studies I*, 1971). E, para as línguas Jê, os trabalhos de Irvine Davis (1966, 1968). Aryon Rodrigues aventou a possibilidade de relação entre o Tupi e o Jê (1978) e entre o Tupi e o Karibe (1985), contrariando a ambiciosa proposta de Greenberg, que une o Jê e o Karibe ao grupo Pano (1987). Porém essas propostas estão muito aquém das expectativas iniciais e não foram continuadas, a não ser no caso Tupi para o qual Cheril Jensen fez uma reconstrução morfológica. O trabalho de Lemle se restringiu à reconstrução fonológica.

Se considerarmos o final dos anos 60 como o ponto de ruptura da academia com o estruturalismo e o início da ascensão do novo paradigma – o gerativismo de Chomsky –, vê-se que a produção estruturalista está pelo menos 15 anos atrasada.

Avaliando-se o que foi feito no período em que realmente vigorou, pode-se dizer que o estruturalismo nos legou os três volumes do *Handbook* e mais uma gramática do Hixkariana de D. Derbyshire. Compulsando-se coletâneas feitas pelo S.I.L., dissertações de mestrado e trabalhos arquivados inéditos verifica-se a predominância da fonologia, o que era de se esperar, pois essa foi a pedra de toque do estruturalismo. E mais, trata-se de uma produção voltada para a confecção de cartilhas. Segundo Pike, como o título de seu clássico manual revela, a Fonêmica é uma técnica de redução da fala à escrita. A Fonêmica, na perspectiva estruturalista, é a primeira etapa indispensável para uma descrição, a pedra fundamental sobre a qual se assentam os demais andares do edifício que é uma gramática.

Ao contrário das descrições dos jesuítas, cheia de exemplos e de textos, a produção estruturalista se caracteriza por fórmulas, a língua estando muito pouco presente. Um exemplo extremo desse estado de coisas é a Gramática Guajajara de Bendor Samuel. Ao tentar fazer, juntamente com Marcia Dámaso Vieira, uma análise tipológica das línguas Tupi-Guarani, deparamo-nos com uma total ausência de dados, nas várias descrições existentes, sobre as orações dependentes, construção ergativa, incorporação nominal, fenômenos centrais nas línguas Tupi. Salvam-se, em todo o material, os 40 textos na língua Asurini, material inédito arquivado no Setor de Linguística.

Apesar de oficialmente morto, o estruturalismo ainda vigora na grande maioria das pesquisas atuais. Isso porque, lidamos com línguas não-descritas e torna-se indispensável uma primeira etapa durante a qual se depreendam as unidades fonológicas, morfológicas e sintáticas.

Daí a minha dúvida inicial em estabelecer períodos cronológicos em que há um passado já superado e um presente em que só agem as novas diretrizes. Parece-me mais que os paradigmas estão justapostos e a falência epistemológica não implica necessariamente a morte da prática metodológica anterior. Ainda se tem como



alvo fazer uma classificação genética, procuram-se fatos inusitados e diferentes e muitas descrições atingem apenas o nível observacional.

O conhecimento factual, sem dúvida alguma, ampliou-se. Sabe-se hoje da riqueza do vocalismo Jê, do retrocesso da nasalização em algumas línguas Tupi-Guarani, da existência de línguas tonais bastante diversificadas. Sabemos também que tanto a tipologia ergativa, quanto a ativa e a nominativa aqui têm expressão.

No estruturalismo, a tipologia parece ter sido a corrente mais promissora que permitiu identificar os fenômenos morfossintáticos a serem retomados no paradigma gerativista.

Fixemo-nos por um instante na tipologia ativa e ergativa.

Por língua de estrutura ativa entende-se aquela nas quais os sujeitos dos verbos transitivos têm a mesma forma dos sujeitos dos verbos intransitivos ativos. Já nos verbos intransitivos de estado, o sujeito se expressa pela mesma forma do objeto dos verbos transitivos. Em geral essas formas são as mesmas dos marcadores possessivos. Há, assim, uma cisão na categoria sujeito dos verbos intransitivos. As línguas Tupi-Guarani e as Jê têm essa tipologia. Porém nas línguas Tupi-Guarani, esse padrão é exclusivo das orações independentes e só se torna patente quando a 3ª pessoa está envolvida, quer como sujeito, quer como objeto. Nas línguas Jê o padrão é menos restrito. Nas línguas Tupi há um padrão ergativo com marcação de caso explícito do agente do verbo transitivo nas construções causativas. Nas língua Jê, um padrão ergativo é encontrado nas orações em tempo passado. Como se vê há diferenças entre as várias línguas, embora o fenômeno seja o mesmo.

Se examinarmos as línguas do tipo ergativo, diferenças também são encontradas. Por línguas de tipologia ergativa se entendem aquelas em que o agente da oração transitiva é singularizado por uma marca explícita de caso, enquanto o sujeito da intransitiva e o objeto não são marcados, tendo a mesma forma. Há, também aí, uma cisão na categoria sujeito, só que em moldes diferente do encontrado nas línguas de estrutura ativa. A cisão aqui se dá entre sujeito de transitiva de um lado e sujeito de intransitiva de outro. Nas línguas ergativas, geralmente são os sintagmas nominais que são marcados para caso, enquanto nas ativas o sintagma não é marcado, é neutro, e a expressão da atividade se faz por formas diferentes das marcas referenciais de pessoa verbal. Encontra-se o tipo ergativo nas famílias Karíbe e Pano. E, dentro de uma mesma família, há diferenças. Nas línguas Karíbe, o Kuikuro, o Makuxi e o Bakairi são línguas ergativas. No entanto a ergatividade Kuikuro e Makuxi difere radicalmente da ergatividade em Bakairi. Enquanto que, em Kuikuro e Makuxi, a ergatividade se expressa como está descrito acima por uma marca de caso explícita, em Bakairi é no sistema referencial de pessoa que iremos encontrar o tipo ergativo, numa situação aparentemente semelhante à que se verifica com as línguas ativas.

Nas línguas Pano, em que também se verifica a tipologia ergativa, há diferenças entre os membros da família e entre estes e as línguas Karibe. Em Kuikúro a marca ergativa só ocorre se o objeto estiver expresso. Já no Marubo (Pano), é possível uma marcação ergativa sem que o objeto esteja presente. Em Kuikuro e Marubo a marcação ergativa não é variável; em Matsés (Pano) o é.

Dentro do estruturalismo, a corrente tipológica me parece mais estimulante por obrigar que se observem os vários domínios da sintaxe: orações dependentes e independentes, construções afirmativas, negativas, interrogativas, causativas, incorporadas, modos e tempos ou aspectos verbais. O resultado me parece mais abrangente, levando a uma descrição mais integrada e completa.

Foram os estudos de natureza tipológica que trouxeram à tona a intrincada questão da ordem sintagmática. Se pelos levantamentos de Greenberg, as línguas em que o objeto precede o sujeito são raras, a pesquisa com línguas indígenas veio engrossar o número de casos e abalar o primeiro universal (ou quase-universal) tipológico. Há, no Brasil, línguas com a estrutura de superfície OSV, VOS e OSV (cf. Derbyshire e Pullum). E há também línguas de ordem sintagmática livre em que a antecedência ou precedência de um argumento com relação ao verbo não implica uma função gramatical.

Porém, mesmo com os parâmetros do modelo tipológico, ainda se está no nível da observação, da constatação e da enumeração de fatos, sem dúvida uma etapa importante da pesquisa que deve, porém, ser ultrapassada.

É no paradigma que se segue ao estruturalismo – a teoria gerativa – que residem as possibilidades de explicação para fatos aparentemente tão caóticos e aleatórios, como os que acabamos de expor. E, parece-nos, o novo paradigma vem dando seus frutos em tempo mais hábil do que o anterior. Já se têm quatro alentadas teses de doutorado nas quais o novo filão é explorado versando sobre as línguas Pirahã (D. Everett), Tikuna (M. Facó Soares), Asurini (Marcia D. Vieira) e Bakairi (Tania C.C. Souza).

E, embora o foco das atenções tenha mudado, com a teoria gerativa, da fonologia para a sintaxe, já se tem uma coletânea de artigos, organizada por Leo Wetzel, *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*, na qual nove línguas são apresentadas, segundo modelos não-lineares.

Apesar disso, continua o paralelismo de posições e de enfoques. Há quem não concorde com o paradigma gerativista e ache prematuro aplicá-lo às línguas indígenas brasileiras. Segundo essa corrente, ao invés de se "teorizar" sobre essas línguas deve-se-ia antes coletar dados para documentá-las em profundidade. Por documentação se entende, me parece, um modelo "neutro", em que os dados sejam segmentados e catalogados. Os únicos procedimentos válidos seriam o contraste e a distribuição complementar.

A meu ver qualquer trabalho passará necessariamente por essas etapas. Há que se registrar a língua por meio de uma transcrição fonética, há que se segmentar os morfemas, há que se estabelecer uma representação fonológica. Só que não se deve parar aí. Pode-se ir mais longe.

Se o programa estruturalista consistia em fazer uma gramática, o desiderato dos lingüistas atuais é o de inscrever as línguas indígenas brasileiras nas discussões sobre os modelos lingüísticos e, assim, contribuir para a construção de teorias. Parece-me que tal objetivo só será alcançado se a produção for feita em inglês. E aí reside o nosso ponto fraco: a falta de visibilidade. Publicamos pouco, os resultados

da pesquisa estão encerrados nas teses, artigos em Atas de Congresso ou revistas de Universidade de circulação restrita. Será preciso mais agressividade e um programa para desencapsular esses resultados de pesquisa. E a tarefa é dupla. Somos poucos e há muito a fazer. Ainda há várias línguas pouco descritas e algumas totalmente desconhecidas. Urge que se formem mais pessoas e que, ao mesmo tempo, ao lado da produção para o mundo acadêmico, se produza também, em linguagem acessível, para os professores, os médicos, os antropólogos, para o leitor comum, a fim de que esse mundo tão rico, parte de nossa riqueza cultural, possa ser compartilhado. O conhecimento é a melhor e talvez a única, forma de se vencer o preconceito. E ainda há muitos equívocos e preconceitos com relação às línguas indígenas. Assim ao lado de um programa que intensifique a pesquisa, é preciso um esforço em termos de se publicarem gramáticas passíveis de serem usadas por um não-especialista.

As tarefas de qualquer um que queira se aventurar nesse maravilhoso novo mundo são, pois, variadas. O perfil do linguísta continua o mesmo: é preciso fazer trabalho de campo, saber fonética, fonologia, morfologia sintaxe. É preciso conhecer os procedimentos de descoberta, lidar tanto com o estruturalismo, com o gerativismo, com a teoria do discurso. É preciso entender o outro, respeitá-lo. É preciso dançar com eles em suas festas, chorar com eles os seus mortos, servir de professor, e ser seu embaixador nos intrincados caminhos da burocracia e política nacional para que seus direitos sejam respeitados.

E qualquer um que tenha passado por algumas dessas experiências tornou-se sempre uma pessoa melhor, com a "cabeça feita" e com um programa de vida com muitas obrigações. Jamais haverá para nós um lugar para o tédio ou para o desalento, pois sempre haverá o que descobrir ou o que redescobrir.

\*\*\*

# O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DAS VARIANTES E DAS FORMAS PARALELAS

Antônio Geraldo da Cunha  
Fundação Casa de Rui Barbosa

**1. PRELIMINARES.** Estudaremos aqui tão-somente os critérios de registro das variantes e das formas paralelas na elaboração de trabalhos lexicográficos de natureza histórica. Convém, de início, distinguir entre variantes e formas paralelas, tal como as concebemos e vamos expor neste pequeno artigo.

**1.1** São variantes os diferentes registros dos vocábulos que apresentam particularidades ortográficas distintas, como, por exemplo, *abstinência*, *absteença*, *asteença*, *estença* etc. É claro que estas diferenças na grafia do mesmo vocábulo podem indicar que houve interferências diversas na formação de cada uma delas. Muitas vezes, com efeito, é possível classificá-las em dois ou mais grupos, de acordo com certas características comuns a cada um dos grupos e que, consequentemente, as diferenciam das características do(s) outro(s) grupo(s).

**1.2** São formas paralelas vocábulos como *abundado/ abundante/ abundoso*, de mesmo significado, mas de formação distinta.

**2. VARIANTES.** No preparo de um vocabulário de uma fase histórica da língua (como o período medieval), ou de um glossário de uma determinada obra (como *Os Lusíadas*), convém que se adote o critério de abrir cada verbete com a grafia atual do vocábulo, ou, no caso de ele já se ter arcaizado, com a grafia da variante mais próxima da atual documentada nos textos consultados. As outras variantes que porventura se documentem na mesma época, ou no mesmo texto, devem ser registradas no seu respectivo lugar alfabético e remetidas para a forma atual, onde se fará o seu estudo.

**2.1** Com efeito, um consulente que não disponha de conhecimentos básicos do português medieval, ou que, embora disponha destes conhecimentos, não tenha tempo material para pesquisas muito demoradas, dificilmente se lembraria de pro-

curar, num glossário de determinado texto, o vocábulo *abstinência*, caso seu registro fosse feito apenas na variante *estença* (ou *steença*).

**2.2** Este processo de registro, em que só a variante encabeça o verbete, poderia levar o consulente a supor que o vocábulo *abstinência* não ocorreria no texto consultado. No *Glossário* (cf. Magne, vol. III, pág. 199, s.v. *estença*) da *Demanda do Santo Graal*, o Pe. Augusto Magne consigna a variante *estença*, mas não registra, no respectivo lugar alfabético, o verbete *abstinência*. O mesmo ocorre no *Glossário* (cf. Cintra, pág. 173, s.v. *steença*) do *Livro de Solilóquio de Santo Agostinho*, onde a Prof<sup>a</sup> Maria Adelaide Valle Cintra registra unicamente a variante *steença*. Aliás, este processo de registro vem sendo adotado em muitos glossários medievais. Os autores de glossários de textos antigos partem do pressuposto de que, se a forma atual não ocorre no texto examinado, então seu registro não poderá ser feito nesta forma. Ora, admitindo ser válida esta opinião, poderia o autor do glossário abrir o verbete com a grafia moderna, colocando-a, por exemplo, entre colchetes (ou entre chaves, ou entre barras, etc.), a fim de chamar a atenção do consulente para a sua inexistência no texto em causa. É curioso assinalar que a Prof<sup>a</sup> M. A. Valle Cintra adotou este processo de registro para os verbos; diz ela, nas páginas 89-90, da sua bela edição: “No caso dos verbos, quando a forma do infinito se encontra no texto, encabecei com ela o artigo. Quando não aparece, encabecei-o, para maior clareza, com a forma de infinito que fornecem outros textos da época, incluindo-a entre parênteses quadrados.”

**2.3** No prestimoso *Dicionário d’Os Lusíadas* (cf. Peixoto-Pinto, pág. 82, s.v. *Alifante*), publicado em 1924, os ilustres camonistas brasileiros, Afrânio Peixoto e Pedro A. Pinto, consignam *alifante*, mas não registram *elefante*. Observe-se que na 1<sup>a</sup> edição do Poema a variante que aí se documenta é *Aliphantes*, com inicial maiúscula e *-ph-* (cf. IAVL, s.v. *elefante*). Quem pretendesse fazer a história do vocábulo *elefante* talvez não se apercebesse, consultando esse dicionário, da sua ocorrência em *Os Lusíadas*.

**2.4** Convém observar que o vocabulário de qualquer período histórico (medieval, quinhentista, seiscentista, etc.) deve ser concebido como parte integrante do vocabulário da Língua Portuguesa de todas as épocas, desde suas origens até nossos dias. As diferentes fases históricas da língua não justificam tratamentos lexicográficos muito diferenciados. As variantes devem, portanto, ser englobadas num único verbete, a fim de que o estudioso possa verificar, facilmente e com presteza, a evolução do léxico, observando, por exemplo, que determinada forma popular ou semi-erudita, que se documenta em épocas remotas, foi posteriormente refeita por influência erudita.

**2.5** Qualquer trabalho lexicográfico de caráter histórico (glossários, índices vocabulares, vocabulários, etc.) deve ser preparado com vistas ao futuro dicionário

da língua, baseado em princípios históricos. Não podemos prescindir das preciosas informações que estes trabalhos preliminares poderão fornecer às futuras gerações, as quais, um dia, farão o levantamento e a ordenação de todo esse material, para levarem a bom termo a elaboração do tão almejado *Dicionário da Língua Portuguesa, baseado em princípios históricos*.

**2.6** Estendemos nosso critério de registro a todas as variantes documentadas nos textos da língua, até mesmo àquelas que só se distinguem por pequeníssimas oscilações de grafia, tais como, por exemplo: *derradeiro / deradeiro / deradejro / deradeyro / derradeyro / derredeyro / dirradeyro* (cf. IVPM, vol. 3, s.v. *derradeiro*).

**2.7** Pode parecer a alguns estudiosos que esta preocupação com o registro das variantes não contribua, de forma efetiva, para o maior conhecimento da história do vocábulo e para a determinação da sua etimologia. Concordamos, em parte, com esta tese, mas como não podemos, *a priori*, determinar para cada vocábulo as causas internas e externas que interferiram na sua formação, julgamos prudente consignar (e datar) todas as variantes que se nos depararem nos textos consultados.

**2.8** Um tratamento lexicográfico bastante complexo oferece, por exemplo, o vocábulo *caleça* “antiga carruagem de duas ou quatro rodas e de tração animal”, a qual ainda trafegava no princípio deste século. As variantes do vocábulo, documentadas a partir do século XVII, atestam a influência do francês e do italiano. Um estudo algo minucioso da formação dessas variantes em português e das variantes correspondentes em castelhano, catalão, francês, italiano e, bem assim, nas línguas germânicas e eslavicas, foi por nós desenvolvido na redação do verbete *caleça*, nas *Influências Eslávicas na Língua Portuguesa* (cf. IELP, s.v. *caleça*). As variantes aí arroladas foram distribuídas em quatro grupos:  $\alpha$ . *caleço* (de 1697), *calessa* (1739), *calleça* (1739), *caleça* (1794);  $\beta$ . *caleja* (1677), *calleja* (1677), *calege* (1699);  $\gamma$ . *calego* (variante duvidosa, registrada por Cândido de Figueiredo, na 2ª edição, de 1913, do seu *Dicionário*, que atribui seu emprego ao Pe. Manuel Bernardes, nas *Armas da Castidade*, onde, todavia, não a encontramos nas três primeiras edições, de 1699, 1737 e 1758, que consultamos);  $\delta$ . *calèxe* (1712), *caleche* (1717). O vocábulo remonta ao tcheco *kolesa*, através do francês e do italiano, de acordo com as variantes acima referidas, as quais foram de grande utilidade para a determinação da etimologia próxima e remota de *caleça* e da sua difusão em português.

**2.9** Importante, também, foi o tratamento lexicográfico que mereceram as variantes do vocábulo *cosaco*, estudadas naquele nosso trabalho (cf. IELP, s.v. *cosaco*). Aqui, porém, o estudo das variantes foi centrado no levantamento estatístico da frequência de uso dos três grupos de variantes:  $\alpha$ ,  $\beta$  e  $\gamma$ . Com efeito, os textos consultados patenteiam a existência de 11 variantes ortográficas distintas, distribuídas naqueles três grupos, de acordo com a diferenciação característica na repre-

sentação gráfica do fonema consonântico da segunda sílaba do vocábulo: -s-, -ss- e -z-. São as seguintes as variantes ali registradas e abundantemente documentadas: α. *cosaco* (de 1656), *cosako* (1688), *kosako* (1717); β. *cossaco* (1656), *cossako* (1716), *kossako* (1716); γ. *cozaco* (1693), *cozako* (1716), *kozakko* (1716), *kozako* (1721), *cozaque* (1760).

**2.10** Poderíamos aumentar o número de exemplos que comprovam a importância das variantes para a fixação dos étimos de numerosos vocábulos e, principalmente, dos aspectos históricos que interferiram na formação de cada um deles. Pareceu-nos, contudo, que os que aqui apresentamos já são suficientes.

**3. FORMAS PARALELAS.** O tratamento lexicográfico das formas paralelas obedece a critérios diferentes do das variantes. No português medieval, por exemplo, para o conceito de *abundante*, registram-se três formas paralelas: *abundado*, *abundante* e *abundoso*; cada uma delas deve ser registrada em verbete próprio, em cada um dos quais vão incluídas as respectivas variantes. É interessante referir que, em face da copiosa documentação coligida para o nosso *Índice do Vocabulário do Português Medieval* (cf. IVPM, vol.I, págs. 8-9), pudemos comprovar que *abundado*, *abundante* e *abundoso* ocorrem numa ordem de frequência bem diversa da que hoje se observa; assim, das três formas, a mais freqüente é *abundoso*, seguindo-se-lhe *abundado* e *abundante*. Os advérbios correspondentes mantêm a mesma ordem de frequência: em primeiro lugar vem *abundosamente*, seguindo-se-lhe *abundadamente* (não ocorre nos textos consultados o advérbio *abundantemente*, o único que é hoje normalmente empregado). No IVPM, l.c., depois de registradas as três formas em verbetes próprios, estabelecemos as seguintes referências cruzadas:

**abundado** p.adj. ABUNDANTE.

**abundante** adj. Cp. ABUNDADO, ABUNDOSO

**abundoso** adj. ABUNDANTE.

Este processo de inter-referências afigura-se-nos muito importante, pois permite ao consulente assenhorear-se, rápida e concisamente, da existência das três formas registradas.

**3.1** Ainda no português medieval, o conceito expresso pelo adjetivo *direito* “honesto, justo, correto” vem indicado por nada menos de cinco formas diferentes (cf. IVPM, vol. 3, págs. 49-50):

**direiteiro** adj. DIREITO, honesto, justo; cp. DIREITOSO, DIREITUREIRO, DIREITURO.

**direito** *adj.sm.* Honesto, justo, correto; cp. DIREITEIRO, DIREITOSO, DIREITUREIRO, DIREITURO.

**direitoso** *adj.* DIREITO, justo, correto; cp. DIREITEIRO, DIREITUREIRO, DIREITURO.

**direitureiro** *adj.* DIREITO, justo, correto; cp. DIREITEIRO, DIREITOSO, DIREITURO.

**direituro** *adj.* DIREITO; cp. DIREITEIRO, DIREITOSO, DIREITUREIRO.

Em cada um dos cinco verbetes vão registradas no IVPM, *l.c.*, as respectivas variantes, pelo que o consulente poderá verificar que destas cinco formas aquela que apresenta um maior número de variantes é, precisamente, a forma atual *direito*, que se documenta com o expressivo número de 18 variantes.

**3.2** Mas não é só no português medieval que a pluralidade de formas se verifica. Assim, por exemplo, para designar o habitante da Croácia, os textos dos séculos XVII e XVIII (cf. IELP, IV. págs. 285-286) documentam as formas: *croaciano* (de 1717), *croácio* (1686), *croata* (1643) e *croato* (1650). Das quatro formas a que mais se difundiu nos últimos anos e que vem consignada nos dicionários contemporâneos é *croata*; alguns dicionários registram ainda *croaciano* e *croácio*, remetendo estas duas formas para o verbete *croata*, onde o vocábulo é definido.

**4. CONCLUSÃO.** Apresentamos, em sucinta exposição, os critérios básicos que, a nosso ver, devem ser seguidos em trabalhos lexicográficos de natureza histórica, particularmente no que diz respeito ao registro das variantes e das formas paralelas. Cumpre-nos agora ressaltar que este interesse pelo assunto decorre do nosso firme propósito de oferecer aos estudiosos uma pequena contribuição para a elaboração de glossários de obras de todos os períodos da história da língua portuguesa, de vocabulários diversos, de índices analíticos, enfim, de trabalhos lexicográficos de vária natureza. Só de posse destes trabalhos preliminares é que, num futuro não muito remoto, poderemos dar início à obra monumental, digna do nosso tão rico e formoso idioma, que será o grande e majestoso *Dicionário da Língua Portuguesa, baseado em princípios históricos*.

#### OBRAS CITADAS

- CINTRA, Maria Adelaide Valle. *Livro de Soliloquio de Sancto Agostinho* (Cód. Alcob. CLXXIII 198). Edição crítica e glossário [completo] por -. Publicação do Centro de Estudos Filológicos. Lisboa, 1957.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 vols. Lisboa, 1899. - 2ª ed. 1913. - 3ª ed.. 1922. - 4ª ed. 1926.
- IAVL = Antônio Geraldo da Cunha. *Índice Analítico do Vocabulário de "Os Lusíadas"*. Rio de Janeiro, 1966. - 2ª ed., Rio de Janeiro, 1980.



- IELP = A. G. Cunha *Influências Eslávicas na Língua Portuguesa* [Separatas dos vols. VI, VII, VIII e IX da “Revista da Academia Fluminense de Letras”] . Niterói, 1953-1956.
- IVPM = Antônio Geraldo da Cunha. *Índice do Vocabulário do Português Medieval* vols. 1 [A], 2 [B e C] e 3 [D]. Ministério da Cultura. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 1986, 1988 e 1994.
- MAGNE, Augusto. *A Demanda do Santo Graal*. Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro. 3 vols. [2 de texto e 1 de glossário]. Rio de Janeiro, 1944. [Em 1955 e 1970, respectivamente, foi publicada, também pelo Instituto Nacional do Livro, uma 2ª edição do texto da *Demanda*, em dois volumes, com a reprodução fac-similar do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena; entre estas duas datas, em 1967, foi publicada uma 2ª edição parcial do *Glossário*, contendo apenas as palavras de A a D].
- PEIXOTO-PINTO. *Dicionário d'Os Lusíadas de Luis de Camões* por Afrânio Peixoto & Pedro A. Pinto. Impresso no Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves casa de Paulo de Azevedo & Cia. 1924.

\*\*\*

## A TRADIÇÃO GRAMATICAL LUSO-BRASILEIRA \*

Evanildo Bechara  
UFF/UERJ

Está assente em trabalhos especializados que os estudos lingüísticos de feição científica só começaram nos inícios do século XIX, com a introdução do método comparativo, isto é, com a gramática comparada, que se ocupava com o estudo sistemático das estreitas relações entre línguas de uma mesma família histórica, sobretudo como gramática comparada das línguas indo-européias, com particular atenção para as línguas clássicas, germânicas e românicas.

Na verdade, como lembra Coseriu<sup>1</sup>, o método histórico-comparativo – e também o que em nossos dias se entende por lingüística moderna – não estão à margem da tradição nem deixam de entrecruzar-se com preocupações próprias de outros períodos, embora faltem os traços de ligação de uma tradição ininterrupta.

A "ideologia positivista" na lingüística dessa época está assentada em quatro princípios, ora explicitamente indicados, ora só implícitos em todas as disciplinas específicas, cultivadas nessa época: o *princípio do indivíduo* ou "atomismo" científico, o *princípio da substância*, o *princípio do evolucionismo* e o *princípio do naturalismo*<sup>2</sup>. O princípio do indivíduo privilegia cada fato de fala, cada som ou cada acepção de tal ou qual forma em vários textos; o princípio da substância se caracteriza por não se considerarem os fatos nas suas relações funcionais, mas, sim, pelo que são na fala, pela sua substância, e substância material, se se trata de aspectos materiais da linguagem; o princípio do evolucionismo se manifesta na predileção absoluta da "história" em vez da descrição; finalmente o princípio do naturalismo se denuncia ao se considerarem as línguas como objetos ou organismos naturais dotados de "evolução" própria.

Aponta-se, com inteira justiça, como introdutor do método histórico-comparativo em Portugal e, por extensão, no Brasil, Francisco Adolfo Coelho, com um pequeno mas revolucionário volume intitulado *A Língua Portuguesa* (Coimbra, 1868), de que apenas saiu a primeira parte, onde se aplicavam ao nosso idioma os princípios expostos por Frederico Diez na sua *Gramática das Línguas Românicas*, de 1836 a 1843.

---

\* Palestra proferida no Congresso Internacional sobre o Português (Lisboa, 11 a 15 de abril de 1994).

Pondo de lado a importância com que os trabalhos de Adolfo Coelho iniciavam ou davam orientação científica a vários campos da investigação – como os estudos sobre línguas pré-romanas da Lusitânia e da Península, sobre creoulos, sobre etnografia e etimologia, sobre pedagogia, sobre folclore, sobre língua dos ciganos e ainda no campo da fisiopsicologia e da lingüística geral ou teórica, fixar-me-ei no domínio propriamente da gramática portuguesa para ressaltar seu maior empenho numa nova visão da fonética e morfologia históricas e, a partir daí, na conseqüente fundamentação da etimologia da língua portuguesa, dentro do constante modelo do genial Diez, esquecido por uns tempos, mas hoje reabilitado em pesquisas como as que levaram a efeito os competentes romanistas Harri Meier e Joseph M. Piel, nas suas discussões etimológicas.

Como Adolfo Coelho não chegou a escrever a gramática completa que tinha engenho e arte para fazer, embora nos deixasse muito material neste sentido, compêndios gramaticais escritos para outras línguas românicas, especialmente para o francês, com a mesma inspiração histórico-comparativa, vieram a preencher essa lacuna e a exercer extraordinária influência na elaboração de gramáticas destinadas às escolas secundárias e liceais em Portugal e no Brasil. Dentre estes compêndios estrangeiros, merecem referência especial os escritos por August Brachet – tradutor de Diez –, Ferdinand Brunot e Cyprien Ayer. Assim é que, em 1876, publicava Teófilo Braga a sua *Gramática Portuguesa Elementar*, fundada sobre o método histórico-comparativo, à imitação, segundo afirmativa do próprio autor, do que para o francês escreveu Brachet.

Os trabalhos de Adolfo Coelho foram fonte de inspiração, em 1881, para Júlio Ribeiro elaborar sua *Gramática Portuguesa*, obra com que o brasileiro pretendeu romper com a tradição gramatical então vigente. Dedica o *Gramática* a Friedrich Diez, Emile Littré, Michel Bréal e Adolfo Coelho; curiosamente, Júlio Ribeiro não reverencia, na dedicatória, nenhuma de suas fontes de língua inglesa em que a obra, pelo conselho e até empréstimo do historiador e lingüista J. Capistrano de Abreu, também firmemente se baseia, segundo explicita no prefácio da 2ª edição.

Dez anos mais tarde, em 1891, ao escrever as suas *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*, Adolfo Coelho refere-se nestes termos ao trabalho de Júlio Ribeiro:

Aproveitamo-nos para o nosso trabalho das publicações das gramáticas que têm tido por objetivo a língua portuguesa e das quais mencionaremos em particular os Srs. Epifânio Dias e Júlio Ribeiro, conquanto as doutrinas que eles adotaram nos fossem pela maior parte conhecidas há muito das fontes a que recorreram; é certo porém que esses dois autores averiguaram muitos fatos da língua de modo mais completo que seus predecessores e que o primeiro apresentou pela primeira vez entre nós modos de ver que se opunham à velha rotina em que se immobilizara o ensino gramatical e contribuiu sobretudo para a organização da sintaxe (pág. VI).

O método histórico-comparativo, não só pela leitura das obras que se iam publicando em Portugal, mas também pelo contacto direto com os trabalhos dos autores estrangeiros representativos das novas orientações, norteou a remodelação e plano de ensino de preparatórias, especialmente elaborado por Fausto Barreto. Catedrático do Colégio Pedro II, constitui-se esse professor no centro irradiador das modernas idéias e o programa que organizou para o ensino do idioma, serviu de fonte e estímulo ao aparecimento de gramáticas tão seriamente elaboradas, que ainda hoje são lidas com proveito.

Maximino Maciel, testemunha ocular desse movimento e autor de uma das melhores gramáticas para atender ao referido programa, assim se manifesta:

O que foi este programa, a influência que exerceu, o efeito que produziu pela orientação que paleava, desviando o álveo do curso das línguas, agitando questões a que se achavam alheios muitos dos docentes, é mister assergurarmo-lo: assinalou nova época na docência das línguas e, quanto à vernácula, a emancipava das retrógradas doutrinas dos autores portugueses que esposávamos (*Gramática Descritiva*, pág. 444).

Desta atuação de Fausto Barreto saíram as gramáticas de João Ribeiro, Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade, de Alfredo Gomes, de Maximino Maciel. Deste grupo cabe destacar as figuras de João Ribeiro e de Pacheco da Silva Júnior; o primeiro, entre outros campos da erudição, cultivou a fraseologia e, nesse domínio, publicou as *Frases Feitas*, com duas edições. O segundo, então jovem talentoso do corpo docente do Colégio Pedro II, leitor da melhor bibliografia estrangeira, trabalhou a semântica contemporaneamente a Michel Bréal, tendo saído postumamente as *Noções de Semântica*, em 1903.

Para atender à letra dos programas do ensino secundário oficial em Portugal, Antônio Garcia Ribeiro de Vasconcelos, catedrático da Universidade de Coimbra e erudito em tantas áreas do saber, redigiu em 1897, publicada no ano seguinte, uma *Gramática Portuguesa* destinada à terceira classe, reformulada um ano e pouco depois, já endereçada aos alunos de todo o liceu, elaborada nos moldes dos melhores estudos que se faziam em Portugal (Adolfo Coelho, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana, entre outros) e no estrangeiro, (Diez, Cornu, Meyer-Lübke), para colaborar no aperfeiçoamento do ensino gramatical nas escolas que, segundo seu parecer, "ainda geralmente se faz pelos velhos processos, incoerentes, arbitrários, metafísicos, que longe de imprimirem conveniente orientação ao espírito do adolescente, lhe dão uma noção falsa da língua e da gramática, e apenas servem para lhe fatigar sem proveito a memória com a fixação de paradigmas e regras, cujo fundamento fica sendo uma incógnita para o aluno, como para toda a gente, e cuja exatidão é muitas vezes desmentida pelos fatos" (pág. 5 do Prólogo). A excelência de doutrina dessa *Gramática Portuguesa* parece ter caído num imerecido esquecimento, tanto em Portugal quanto no Brasil, mas os que a leram com atenção, não deixaram de reputar-lhe o valor e considerá-la dos melhores compêndios gramaticais já elaborados para a nossa língua. Martinz de Aguiar, catedrático de português no Ceará e dos que melhor conheceram o idioma entre os

modernos professores brasileiros, tinha Ribeiro de Vasconcelos como nosso melhor gramático. Também Mattoso Câmara<sup>3</sup> chamou a atenção para o fato de que, entre portugueses e brasileiros, foi ele o único que enfrentou uma descrição dos padrões da flexão verbal, e o resultado só não foi aproveitável porque, seguindo o estilo teórico da sua época, "executou uma análise diacrônica, partindo dos constituintes em latim para depreender os seus aspectos na língua portuguesa atual".

Escreveu ainda Ribeiro de Vasconcelos uma síntese preciosa de Gramática histórica, que continuava a revelar os dotes científicos e didáticos do erudito cate-drático de Coimbra.

Neste movimento renovador desempenha papel de relevo a figura extraordinária de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, cuja atividade se dividiu principalmente entre a Filologia e a História da literatura, tendo neste campo, com menor embasamento teórico para tais estudos, mas extremamente laboriosa, a companhia de Teófilo Braga. No Brasil, onde o acesso a textos antigos era difícil, não surgiu, por aquela época, nenhum investigador que estivesse à altura do que publicaram estes dois mestres, exceção feita ao labor do filólogo alemão radicado em São Paulo, Oskar Nobile, que preparou uma importante edição crítica de *As Cantigas do Trovador Joan Garcia de Guilhade*, com que, se não estou enganado, concorreu à cátedra de Filologia Românica da Universidade de Bonn, juntamente com W. Meyer-Lübke. Temos a atividade de editor do Pe. Augusto Magne da *Demanda do S. Graal*, *Boosco Deleitoso*, e parte do *Castelo Perigoso* e *Vita Christi*. Mais recente, ainda no campo da edição de textos, é justo lembrar entre brasileiros os trabalhos de Celso Cunha e Serafim da Silva Neto.

A fonética experimental foi uma disciplina que muito se desenvolveu nesta época, imbuída que estava esta disciplina do princípio do indivíduo ou do "atomismo" científico, pelo qual se estabelecia que cada som efetivamente pronunciado é diferente de qualquer outro, de modo que não há duas vogais *a* iguais, ainda no mesmo falante. Em Portugal, a fonética experimental encontrou em Gonçalves Viana seu iniciador; dono de um ouvido apuradíssimo, conseguiu elencar sons que só mais tarde, com a introdução de aparelhos sensíveis, puderam ser materialmente registrados. Além deste dote excepcional, possuía um extenso conhecimento de línguas estrangeiras, entre modernas e antigas. Seus estudos podiam ombrear-se com o que de melhor se fazia no estrangeiro, nos grandes centros universitários. O caminho aberto por Gonçalves Viana estimulou o aparecimento de alguns pouquíssimos seguidores em Portugal e no Brasil, entre os quais merecem referência Oliveira Guimarães e, mais recentemente, Armando Lacerda, José Oiticica e Antenor Nascentes.

Devotou-se ainda Gonçalves Viana a estudos lexicográficos, em cujo domínio escreveu as preciosas *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, campo em que trabalhou também A.A. Cortesão, com seus *Subsídios*. Sua aptidão de foneticista levou Gonçalves Viana naturalmente a enfrentar o problema da unificação ortográfica do português, sendo, neste aspecto, o mestre incomparável a quem todos devemos a parte melhor que hoje vige do nosso sistema de grafia. Seu esforço neste

sentido encontrou competente companheiro de luta no filólogo clássico Rebelo Gonçalves.

Pela extensão de seu saber, pelo polifacetado horizonte de sua curiosidade intelectual e pela operosidade, José Leite de Vasconcelos poderia, com toda a justiça, dizer de si aquilo a que respondeu Gastou Paris, quando lhe perguntaram *o que é Filologia*. *Filologia*, concluiu, *Filologia é o que eu faço*. Realmente a Filologia Portuguesa dessa época, em todas as suas variedades de disciplinas e subdisciplinas, é o que Leite de Vasconcelos fazia nos seus livros e artigos, ou estimulava a fazer nas publicações que dirigia, com particular atenção a *Revista Lusitana*, hoje revivida graças à devoção e carinho de antigos discípulos e atuais admiradores. Podemos dizer que, se Adolfo Coelho foi o introdutor dos novos modelos teóricos que dominaram a lingüística histórico-comparativa do séc. XIX, coube a Leite de Vasconcelos assentar definitivamente suas bases no âmbito universitário e inocular no homem estudioso da sociedade o respeito por esse gênero de investigação, reafirmando pela sua ação que se tratava de uma ciência e não de passatempo de ociosos. Em Portugal e no Brasil exerceu influência tão eficaz e decisiva, que dele se pode afirmar que tudo o que se escreveu sobre nossa língua ou partia de suas lições ou a elas chegava como garantia de alicerce teórico. Falecido em 1938, ainda hoje se publicam os materiais recolhidos de uma vida toda dedicada à ciência e ao desvendamento da cultura do seu país e da sua gente.

Muitos mestres herdaram o honroso compromisso de levar avante a bandeira deixada por Leite de Vasconcelos: João da Silva Correia, cuja morte prematura roubou às letras um talento em plena ascensão; o competente e combativo Manuel Rodrigues Lapa, repartido entre a História Literária e a Filologia, a quem o embate das idéias injustamente impediu de alçar à cátedra universitária; mas felizmente essa bandeira acabou sendo de direito arrebatada por essa figura de cientista e de homem que encarnou L.F. Lindley Cintra, cujas lições e cujo exemplo ainda por muito tempo nortearão as investigações lingüísticas e filológicas de sua predileção.

A pesquisa dialectológica empreendida por Leite de Vasconcelos e depois, com objetivos e métodos mais rigorosos, na geografia lingüística, encontrou em Lindley Cintra e Manuel Paiva Boléo e nos posteriores discípulos o entusiasmo e a competência que fazem da disciplina um dos domínios mais promissores da lingüística portuguesa. A *Revista Portuguesa de Filologia*, fundada e até há pouco dirigida por Paiva Boléo, é um exemplo desse entusiasmo e dessa competência, exemplo que tem de ser prosseguido.

Paralelamente às inovações na investigação lingüística sob o chamado método da gramática comparativa e histórica, chegou a Portugal, pelo talento de um jovem professor de latim, as novas idéias no campo da tradicional filologia clássica, que tinham à frente as figuras de Boecke, Wolff, Lachmann, Ritschal, na Alemanha, e de Madvig, na Dinamarca. Este jovem professor chamava-se Augusto Epifânio da Silva Dias, a quem coube a renovação do estudo do latim, para o que trasladou ao vernáculo a versão alemã da *Gramática Latina* de Madvig e, sob o impulso dessa orientação, a reformulação, em 1876, de sua *Gramática Prática*, editada em 1870,

com o título de *Gramática Portuguesa*, rotulada, a partir da 4ª ed. de 1881, definitivamente, *Gramática Portuguesa Elementar*.

Estudiosos da história das idéias gramaticais no Ocidente, entre eles Sebastião Timpanaro, em *La Genesi del Metodo del Lachmann*, têm insistido na estreita relação, e conseqüente interinfluência dessa corrente renovadora da filologia clássica, em especial das idéias do método da crítica textual de feição lachmanniana, com as idéias da lingüística histórico-comparativa, pois que a busca de classificação genealógica dos códices e da reconstrução da lição do arquétipo se assemelha à busca do lingüista de classificação dos elementos hereditários da língua-mãe, partindo das inovações existentes nas línguas filhas.

Na produção científica de Epifânio, quer no domínio do latim, quer no domínio do português, esta marcante influência se manifesta na particular atenção dada ao registro dos fatos sintáticos e na preocupação da crítica textual, domínios que, em Portugal, Epifânio Dias praticamente inaugurou. Vale a pena registrar que não sendo o Brasil um cultor assíduo da filologia clássica nesta feição aqui assinalada, a influência da obra de Epifânio Dias só se deu em atenção ao domínio da sintaxe, que encontrou em Mario Barreto, e, com, menor extensão, em Sousa da Silveira, entre outros, os seus principais êmulos. A investigação e a produção da crítica textual chegaram ao Brasil desgarradas dessa influência direta do mestre lusitano.

Esta corrente de estudos voltados para a sintaxe, especialmente no registro dos fatos e não na sua tentativa de explicação – como assinalou Paiva Boléo ao ajuizar a obra de natureza sintática de Epifânio Dias e do brasileiro Said Ali, de quem adiante falarei – conta com outro latinista, Júlio Moreira, visivelmente influenciado pelo seu compatriota; deixou-nos os preciosos *Estudos de Língua Portuguesa*, inaugurando a preocupação sistemática com os fatos da língua popular.

Ainda no domínio da filologia clássica podemos citar, nessa ordem de estudos sintáticos e de estudos de crítica textual, especialmente no que toca ao texto camoniano épico e lírico – este com menor assiduidade –, José Maria Rodrigues, cujas notas críticas às duas edições da Epopéia que Epifânio Dias preparou, constituem observações importantíssimas sobre a língua do séc. XVI, mormente no campo da sintaxe.

Outro oriundo da filologia clássica que desempenha, na nossa história das idéias e movimentos gramaticais, papel de relevo é José Joaquim Nunes, que continua a preocupação com a crítica textual, em particular da poesia trovadoresca, mas pelo lado puramente gramatical, está ligado ao movimento inaugurado por Adolfo Coelho, a quem, por sinal, dedica seu *Compêndio de Gramática Histórica*, saído em 1919. Um forte indício dessa dicotomia que assinalo está na intenção de escrever, para essa obra, o capítulo de *sintaxe*. No Prólogo à 1ª edição, justificando a ausência desse capítulo, declara:

(...) verdade seja que, sabendo que o, há pouco falecido, professor Epifânio Dias, preparava um estudo especial dessa parte da gramática, desistira de ocupar-me dela, visto estar entregue a quem melhor do que eu podia desempenhar-se de tal tarefa. Publicado, porém, esse trabalho, reconheci que nele, apesar de excelente, o seu

autor seguira processo diferente do meu e por isso voltei à primeira idéia, mas entre o aparecimento daquele e a publicação deste foi-me impossível tratar desse assunto com a minúcia e extensão que ele requer; ficará portanto para mais tarde, se a vida me não faltar.

Ora a *Sintaxe Histórica* de Epifânio, já que seu autor vinha de uma tradição clássica, foi composta dentro dos modelos que encontrara nessa tradição, por exemplo, a *Syntax* de Dräger para o latim, ou a de Mätzner e de Ploetz para o francês, ambos também latinistas. Note-se até a pouca referência a citações das gramáticas de Diez e de Meyer-Lübke na *Sintaxe Histórica*, a qual pretendeu desde sempre, com esse título, ser uma sintaxe comparada (e não histórica) do latim e do português, intenção visível na constantíssima exemplificação com textos latinos e com remissões ao compêndio gramatical de Madvig que vertera ao vernáculo. As obras do notável latinista sueco Einar Löfstedt sobre a *Peregrinatio Aetherae* e sobre a latinidade posterior chegaram-lhe às mãos já tardiamente e o que delas citou no livro atenta apenas para questões pontuais.

De modo que a sintaxe em que pensara Nunes, deveria ser escrita nos moldes da que publicaram Diez e Meyer-Lübke para as línguas românicas, ou Brunot ou K. Nyrop para o francês. Seria uma obra gigantesca, praticamente impossível àquela época (e o é ainda hoje) para uma língua muito pouco investigada e, portanto, com muito pouco material colhido nessa *selva selvaggia* que é a sintaxe. Justifica-se, assim, que ainda no *Prólogo* da 2ª ed., de 1930, passados 11 anos, J.J. Nunes não pudera cumprir sua intenção:

Contrariamente aos meus desejos, pelas razões expostas ["porque outros trabalhos me têm prendido a atenção e absorvido o tempo"], ainda desta vez me não ocupo da Sintaxe, como prometera; não desisto, porém da primeira intenção, que procurarei pôr em prática, se Deus me der vida e saúde.

Infelizmente, a 3ª edição, em 1945 deste excelente *Compêndio*, quicá o mais rico de nossa língua, saiu depois da morte de seu autor e as anotações do exemplar de mão que os editores acrescentaram ao texto, nada diziam de sintaxe.

Ainda nas pegadas de Epifânio Dias, no domínio da filologia clássica e da portuguesa, ocupa lugar de distinção nessa dupla área de investigação o Doutor Rebelo Gonçalves, preocupado com crítica textual e com aspectos gramaticais da língua no século XVI, em particular de Luís de Camões.

Inserido no contexto do movimento lingüístico e pedagógico do final do século XIX, mas não diretamente ligado à atividade magisterial de língua portuguesa – pois era professor de alemão e de geografia –, vinha marcando seu lugar singular na produção filológica brasileira Manuel Said Ali, autor de três artigos publicados na *Revista Brasileira*, a partir de 1895, nos quais, fazendo aplicação de teorias lingüísticas de autores alemães, particularmente de Sievers, Brugmann, Delbrück, H. Paul, denunciava uma nova orientação no enfoque e tratamento de problemas específicos do idioma, como a colocação dos pronomes oblíquos átonos (problema que começou na gramaticografia portuguesa com as críticas ao romancista José de Alencar), os verbos impessoais e o emprego do infinitivo flexionado e não flexiona-



do. No primeiro tema, reforçou de Leite de Vasconcelos a classificação do português do Brasil como um dialeto, e como tal podia apresentar particularidades que o distinguam do falar geral lusitano. No segundo, tratou a impessoalização com vistas de um linguísta e não de um gramático, e acerca do infinitivo, procurou mostrar que além das normas idiomáticas, há um espaço de uso sujeito à criatividade do utente, em que prevalecem as intenções da ênfases e do realce. Começava, assim, no Brasil, com parcimônia é verdade, pela interveniência de Said Ali, uma nova orientação em que não se separam a língua do homem que a fala, e aparecia aqui a influência de Saussure. Num livro saído no início da década de 20, a sua *Lexeologia do Português Histórico*, afirmava que:

É a psicologia elemento essencial e indispensável à investigação de pontos obscuros. As mesmas leis fonéticas seriam inexistentes sem os processos da memória e da analogia. Até o esquecimento, a memória negativa, é fator, e dos mais importantes, na evolução e progresso de qualquer língua.

Sinto aqui, além da idéia de progresso lingüístico de Otto Jespersen, a ressonância da lição de Saussure:

Au fond tout est psychologique dans la langue, y compris ses manifestations matérielles et mécaniques, comme les changements de sons (*Cours*, pág. 21)

O *Cours* saiu em 1916 e já na 2ª ed. (1919) das *Dificuldades da Língua Portuguesa* Said Ali se referia à dicotomia operacional da investigação lingüística de *sincronia e diacronia*:

Levei sempre em conta, nas diversas questões de que me ocupei, o elemento psicológico como fator importantíssimo das alterações de linguagem e, inquirindo a persistência ou instabilidade dos fatos lingüísticos, tomei para campo de pesquisas não somente o português do período literário que se estende de João de Barros a Manuel Bernardes, mas ainda o falar hodierno e, por outra parte, o menos estudado falar medieval. Pude assim colher resultados que dão regular idéia da evolução do idioma português desde a sua existência até o momento presente, de onde se vê a razão de certas dicções duplas, coexistentes ora, e ora sucessivas, fontes muitas vezes de renhidas e fúteis controvérsias. Nesses fatos encontraria F. de Saussure, creio eu, matéria bastante com que reforçar suas luminosas apreciações sobre lingüística sincrônica e lingüística diacrônica (pág. XVII da 5ª ed., 1957).

Se isso anunciava em 1919, na *Lexeologia*, que deve ter começado a redigir entre 1919 e 1920, optou por inovar nas pegadas do genial genebrino, e em vez de palmilhar, em obras do gênero "gramática histórica" a tradicional caminhada do latim ao português, elegeu duas sincronias mais próximas, as do português antigo e português moderno, para "colher resultados que dão regular idéia da evolução do idioma português desde a sua existência até o momento presente".

A novidade, apesar de rigorosamente científica, não foi compreendida na época; a crítica estranhava "uma gramática histórica sem latim" e a condenou a apenas duas edições em vida do autor. Só com o desenvolvimento da Lingüística no Brasil e com a iniciativa pioneira da Universidade de Brasília de propor a reedição de obras importantes é que as gramáticas de Said Ali reataram seus vínculos com a geração nova de estudiosos da língua portuguesa.

Além de operar com a distinção entre estudo sincrônico e estudo diacrônico dos fatos lingüísticos, Said Ali intuiu os conceitos de sistema, norma e fala, em vários momentos de suas pesquisas, como se pode depreender, por exemplo, dessa afirmação em *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*, ao referir-se ao emprego lusitano do pronome *si* em função não reflexiva:

Explicar um fenômeno lingüístico não significa recomendar a sua aceitação no falar das pessoas cultas. Isto não é da jurisdição do lingüista.

Dentro dessa visão, muito cedo apoiado em Sayce, insiste na distinção entre gramática descritiva, de caráter científico, e a gramática normativa, mera escolha de fatos tidos como recomendáveis na língua *standard*.

Outra intuição do mestre brasileiro diz respeito a compreender a linguagem e, portanto, uma língua como um objeto cultural, pertencente ao mundo das atividades e criações do homem e, assim, não está determinada por causas, mas que se produz com vistas a uma finalidade. É o princípio da *cultura*, que se opõe ao princípio positivista do naturalismo.

Estas antecipações na obra de Said Ali anunciando um movimento de trânsito entre uma visão exclusivamente historicista para outra em que encarecia o estudo sincrônico dos fatos lingüísticos, não passaram despercebidas a um lingüista da autoridade de J. Mattoso Câmara Jr.<sup>4</sup>, que afirma:

E em verdade se pode dizer que o seu campo de interesse foi a descrição sincrônica da língua, nos moldes propugnados por Saussure. Assim, a *gramática histórica* (...) não é o que por esse nome entendiam os seus contemporâneos, os mestres neogramáticos alemães, e que se entende ainda hoje: um estudo da cadeia de mudanças, a partir do latim vulgar, dos sons vocais, das formas gramaticais e das construções sintáticas. É no fundo uma gramática expositiva, complementada por um cotejo com as antigas fases da língua.

Em Portugal, uma autoridade da competência de Manuel Paiva Boléo também reconhecia a superioridade dos estudos de sintaxe do mestre brasileiro, que já caminhavam no sentido das explicações do domínio da Estilística.

Estabelecido este elo de ligação entre os estudos lingüísticos de caráter histórico e comparativo e a descrição de caráter sincrônico, estrutural, ver-se-á surgir para a língua portuguesa florescente período do estruturalismo e das correntes pós-estruturalistas de que dá conta o aparecimento de obras do maior interesse científico e encontros altamente estimulantes e proveitosos, como é mostra o que aqui esta

semana se realiza pela operosidade e dinamismo da Associação Portuguesa de Lingüística.

Iniciam-se os estudos lingüísticos da 2ª metade deste século sob a égide do método sincrônico sobre o diacrônico, de tal forma, que ainda hoje ou se faz exclusivamente descrição, ou se faz primeiro descrição e depois história.

Há, todavia, um grupo de lingüistas neste final de século que pretende defender não um retorno da primazia da história nem, muito menos, negar a validade da descrição estrutural, que, para seu objetivo, é o único método adequado. O que Coseriu pretende – como acentuou numa recente comunicação a um congresso cujo tema era "A posição atual da lingüística histórica no âmbito das disciplinas lingüísticas" (Roma, 1992) – "é tão somente procurar deixar patente que a história (compreendidas também aqui as descrições estruturais, já que a descrição de um objeto, ainda que seja em um momento da sua história, é uma parte desta história), longe de ser, como freqüentemente se diz, uma ciência híbrida e incoerente (estrutural e atomizante ao mesmo tempo, sincrônica, lingüística e também não lingüística, etc.) é a ciência lingüística integral, que aspira a considerar os seus objetos, as línguas, em todos os seus aspectos e com todas as suas determinações internas e externas".

## NOTAS

- 1- E. Coseriu, *Lecciones de Lingüística General*, pág. 15 e ss.
- 2- E. Coseriu, *ibid*; págs. 33 e ss.
- 3- J. Mattoso Câmara Jr., *Estrutura da Língua Portuguesa*, pág. 95.
- 4- J. Mattoso Câmara Jr., "Said Ali e a língua portuguesa" in *Dispensos* pág. 187.
- 5- E. Coseriu, "Lingüística storica e storia delle lingue" (in *La Posizione della Linguistica Storica nell' Ambito delle Discipline Linguistiche*, Roma, 1992, pág. 20).

\*\*\*

## SOBRE A CRÍTICA GENÉTICA

### II

Sílvio Elia  
UFF

GRÉSILLON, Almuth (1994). *Eléments de critique génétique* (Lire les manuscrits modernes), Paris, PUF.

1. Este novo capítulo da Ecdótica é mais uma contribuição da cultura francesa ao progresso dos estudos filológicos. Surgiu, se julgarmos necessários uma data e um nome, em 1968, quando foi lançada em Paris a semente do que viria a ser o *Instituto dos Textos e Manuscritos Modernos*. E o nome a citar é o de Louis Hay, de cuja "paixão intelectual, consciência do patrimônio literário e talento", diz Grésillon, "foi que nasceu a crítica genética francesa" (p. 4). O movimento tinha o caráter das coisas predestinadas, de algo que já dispunha de um espaço à sua espera. Por certo não se criou do nada e teve predecessores. O próprio Louis Hay, em comunicação apresentada a um dos Seminários Internacionais de Paris e Porto (maio de 84 e março de 86), intitulada "L'ancien et le Nouveau Monde: l'édition du texte", referiu-se ao alemão Beissner nestes termos: "O primeiro aparato crítico especificamente adaptado à apresentação de manuscritos de autor foi posto em dia na Alemanha nos anos quarenta de nosso século. Concebeu-a F. Beissner para a edição das *Obras Completas* do poeta Friedrich Hölderlin (dita a "Stuttgarter Ausgabe)" (1988:91). As ondas do movimento vieram ter ao Brasil, e, no *Instituto de Estudos Brasileiros*, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP), já existe uma *Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário*, que tem a dirigi-la o Prof. Dr. Philippe Willemart. Também o Rio de Janeiro não está ausente desses contatos, pois teve, em setembro de 1994, a feliz oportunidade de ouvir, na benemérita Fundação Casa de Rui Barbosa, em mesa-redonda, a palavra dos professores Louis Hay e Almuth Grésillon, do *Institut des textes et manuscrits*, do CNRS, e Pierre Rivas, da Universidade Paris X. O movimento está em plena expansão e crescimento, razão pela qual pareceu-nos de interesse trazer para aqui os dados principais para a configuração dessa corrente em ascensão, extraídos do recente livro do Prof. Grésillon, que encabeça estas linhas. Tão claro, preciso e rigorosamente fundamentado, que se tornará um clássico na bibliografia geneticista. Não fôra o trabalho fruto de vinte anos de pesquisa (p. 2).

## 2. Grésillon assim define a natureza do seu trabalho:

Escrevi este livro para fazer compreender e compartilhar o interesse e o prazer que tenho em adivinhar, descobrir, desconstruir e reconstruir os "caminhos da criação". Mas, atrás dessa posição de aparência estritamente lúdica, revela-se uma convicção mais fundamental. À literatura entendida como um conjunto fechado de textos canônicos, tornados tais graças a processos de recepção, vem se acrescentar o conjunto aberto dos processos de escrita. Aberta sobre o possível, o ambivalente, mesmo o inacabável, a crítica genética é também uma maneira de pensar a literatura nas categorias intelectuais do nosso tempo. (p. 6)

Nesse trecho se entremostam algumas das particularidades que irão marcar a crítica genética. As expressões "conjunto aberto dos processos de escrita", o *possível*, o *inacabável*, o *ambivalente* já nos fazem sentir que estamos em outro ambiente conceptual, o do *devenir*, do vir-a-ser, do múltiplo e não do uno, ao contrário do que vinha fazendo a Crítica Textual, que buscava o uno, o texto "definitivo", o arquétipo, enfim. Quanto ao "pensar a literatura nas categorias intelectuais do nosso tempo", há dois traços a sublinhar: o da maior aproximação com a literatura – a crítica "tradicional" era predominantemente filológico-lingüística –, e a colocação do pensamento crítico-genético nas categorias intelectuais *do nosso tempo*. O que revela uma posição relativista em face do problema do conhecimento.

Esses caracteres se tornam mais explícitos na página seguinte:

Opondo-se à fixidez e à clausura textual do estruturalismo, do qual, entretanto, herdou os métodos de análise e as reflexões sobre a textualidade, dando a réplica à estética da *recepção* ao definir os eixos do ato da *produção*, a crítica genética instaura novo olhar sobre a literatura. (p. 7)

Outras oposições da mesma página: produção x produto, escritura x escrito, textualização x texto, múltiplo x único, possível x finito, virtual x *ne varietur*, dinâmico x estático, operação x *opus*, gênese x estrutura, enunciação x enunciado. Como se vê, estamos mais para Humboldt do que para Saussure, mais para o Idealismo do que para o Estruturalismo, mais para o substancial do que para o formal.

3. Contudo todo esse entusiasmo criativista logo encontra sua contrapartida, pois não tarda entrar em ação a componente mecanicista. É então que surgem expressões como *fabricar*, *cálculo*, *construção*. Grésillon fala a respeito em *conjunção* e não em *disjunção* e refere-se até a uma fórmula do alemão Martin Walser, que qualifica de "lapidar": "a escritura é uma espontaneidade organizada" (p. 10). Mais adiante (p. 14), ainda contrapõe o "pulsional-organicista" ao "artificial-constitutivo", ambos necessários.

De fato, temos aqui, como sempre, os dois patamares da pesquisa: a *recolha* dos fatos e a sua *interpretação*. Vossler distinguia entre um positivismo metodológico (a base factual da pesquisa) e um idealismo interpretativo, que não se limitasse

a classificar, comparar e generalizar os fatos, mas fosse buscar a sua força criativa na própria dinâmica do espírito humano. Chomsky também distinguia entre uma *teoria explicativa* (explanatory) e uma *teoria descritiva* da gramática em *Aspects*, p. ex.). Descrição e explicação. E, como se sabe, opunha ao *mecanicismo* de Bloomfield o seu *mentalismo* (que, afinal, nunca realizou).

4. No tocante à maior familiaridade dos geneticistas com a Literatura, bem expressivo é o seguinte texto:

A crítica genética não provê automaticamente parâmetros de literariedade, critérios de avaliação. Até o presente não revelou qualquer obra-prima desconhecida, nem contestou o que a instituição literária já tinha consagrado ou rejeitado, muito ao contrário, ela não se tem voltado senão para os valores seguros dos "grandes autores" – censura muito repetida. Entretanto sua capacidade de intervenção existe. Ela passa por uma reflexão sobre o conceito de escritura e de elaboração de uma estética da produção. (p. 18)

Neste ponto a crítica genética já confina com a crítica literária. Convém ainda chamar a atenção para a distinção entre *escritura* e *texto*. A escritura são os escritos de um autor, os seus rascunhos, emendas, esquemas, mesmo desenhos que se lhe encontram entre os papéis; integra o *antetexto*. O texto, por assim dizer, é a escritura depois de preparada para a leitura. "A crítica genética tem por objeto o *antetexto*, a edição crítica tem por objeto o *texto*" (p. 177).

5. Temos visto a insistência com que aparece em crítica genética o termo "manuscrito", a ponto de praticamente as duas coisas quase se identificarem. Cabe aqui distinguir entre manuscritos *antigos* (ou seja, medievais) e manuscritos *modernos*. Os manuscritos medievais são, em sua quase totalidade, apógrafos; demais, como salienta Tavani, "as obras da Idade Média que nos chegaram num só exemplar contam-se por centenas" (em Segala, 1988:29). Portanto crítica genética com base em manuscritos antigos, nem pensar ("não se pode fazer crítica genética em sentido estrito senão a partir de manuscritos modernos", diz Grésillon, p. 78). Mas, pergunta-se o mesmo Grésillon: "desde quando um manuscrito passa a ser moderno?". O primeiro impulso, e não desarrazoado, é o de fazê-lo contemporâneo do aparecimento das edições impressas, pois o texto impresso pressupõe o manuscrito. Por certo não se trata da "invenção" do manuscrito, que coexiste com a invenção (esta, sim) do alfabeto, e sim, mais propriamente da sua difusão, facilitada graças à utilização de outro invento, o papel. Por outro lado, como salienta Grésillon, são duas coisas distintas *produção* e *conservação* do manuscrito. Devia ser habitual, p. ex., a destruição do texto dado para impressão depois de ter cumprido o seu destino. Guardaria o autor cópia(s)? "O problema não está em saber desde quando se fazem rascunhos e sim desde quando são conservados" (p. 79). Para Grésillon, trata-se não apenas de um progresso tecnológico, mas principalmente de uma nova atitude cultural: "O homem da Cidade de Deus torna-se progressivamente indivíduo dotado de

liberdade, cidadão da Cidade dos homens" (p. 81). Por outras palavras, a preocupação com os manuscritos decorre da emergência da figura do *autor*.

Acompanhando resumidamente a Grésillon e procurando não comprometer-lhe o pensamento, rastreemos, particularmente para a França, a partir do Humanismo, as vicissitudes do manuscrito:

... na França do séc. XVI, vale dizer, com a existência do livro impresso, o manuscrito dado para impressão, maculado pelas marcações dos impressores e investido de nenhum valor, estava votado ao desaparecimento puro e simples. (p. 81).

E, quanto ao séc. XVII, foi "um século em que as artes poéticas e a retórica contavam mais do que a originalidade de uma criação" (p. 82).

Em França, foi necessária a experiência das Luzes para que o reconhecimento de fato se tornasse um reconhecimento de *direito*, para que o escritor se tornasse autor, autor que detém direitos garantidos pela lei, e para que o estatuto social se torne estatuto jurídico-económico. (p. 82)

Contudo é no séc. XIX que o manuscrito irá encontrar o seu habitat científico:

Assim, o séc. XIX, "século de ouro da Filologia" (Jean Glénisson), é igualmente a época da emergência do manuscrito, antigo ou moderno. (p. 83)

Afirmção reforçada com o que se lê na p. 215:

Até o presente, os geneticistas franceses concentraram seus trabalhos nos prontuários de gênese dos séculos XIX e XX, porque na França poucos manuscritos de trabalho anteriores a essa época foram conservados.

6. Mas agora põe-se nova questão: que fazer com esses manuscritos? Os geneticistas, desde logo, afastam a tentação de pensar no antetexto como fase preparatória do texto, entendido este como termo ideal de uma edição crítica. O *percurso* importa mais que a *chegada*. A bem dizer, desta nem há que cogitar. Temos aqui o perigo da "linearidade", que tanto assusta os geneticistas, o engodo do *telos*, a confusão de cronologia com perfectibilidade. Ou, para falar com Grésillon:

O olhar teleológico perverte a interpretação, torna-a cega para o acidente, para a perda, para o estado de suspensão, para a alternativa aberta, em resumo para todas essas formas de escritura que se afastam da linha reta. (p. 138)

Avulta aqui uma das facetas do espírito deste *fin de siècle*. A exaustão do séc. XX quer a quebra da unidade, delicia-se com os fragmentos da diversidade, busca a desconstrução, a indecisão, a permissividade mais que a liberdade (é proibido proibir), todo esse caos em que estamos mergulhando e que se vem chamando vagamente *pós-modernidade*. Nada mais inaceitável, p. ex., para um geneticista

que o texto *ne varietur* das tradicionais edições críticas. A repulsa está no próprio Grésillon, quando se refere à "fecunda desordem", de que fala Valéry (p. 141) ou "aos caminhos caóticos do antetexto" (p. 161).

Pode-se, sem erro, apresentar como o objeto último da crítica antetextual: "a aproximação da língua em ato" (p. 147). É a isso que Grésillon denomina "Uma tomada de posição (*parti pris*) pela língua", que assim desdobra: *paráfrase, instância enunciativa, tempo, topoi sintáticos, topoi discursivos*.

Essa tomada de posição é anti-saussuriana, pelo menos em sua versão estruturalista. Grésillon traz em seu apoio a Culioli (lingüística das operações) e Benveniste (lingüística da enunciação), principalmente este. Convém, no entanto, registrar que Benveniste não é um anti-saussuriano; muito pelo contrário. Em *Problèmes de Linguistique Générale*, 1966, Benveniste exalta Saussure e o situa muito bem no concerto da Lingüística Moderna. Considerem-se estas palavras:

A Lingüística tornou-se uma ciência maior entre as que se ocupam do homem e da sociedade, uma das mais ativas tanto no campo das indagações teóricas, quanto no de seus desenvolvimentos técnicos. Ora essa lingüística renovada é em Saussure que tem origem, é em Saussure que ela se reconhece e se concentra. (p. 45)

Na verdade o que Benveniste fez foi percorrer um outro caminho, dentro do quadro teórico saussuriano, o da *subjetividade* (daí a teoria da enunciação), que o mestre suíço indicou com o nome de Lingüística da parole, mas não teve tempo de aprofundar, em virtude da sua confessada preferência pela *langue*; se é que não julgou ter de ceder metodologicamente à maior urgência da conceituação de *lan-que*. No estudo "Freud e a linguagem", inserto igualmente em *Problèmes*, Benveniste foi muito claro: "Em primeira instância, reencontramos o universo da *parole*, que é o da subjetividade" (p. 77).

Sei que não estou a trazer novidade, mas pareceu-me pertinente reviver certas noções, num momento em que ondas renovadoras estão ultrapassando os limites de uma crítica historicamente fundada.

7. Para atingir o seu objetivo de surpreender *in actu exercito* o processo da criação, recorre Grésillon a um princípio dinâmico, que assim especifica:

É aí que dois princípios devem intervir para tornar a análise possível. Consiste o primeiro em admitir que a "retornada genética" não visa atingir o "funcionamento real", mas é no máximo uma simulação, um ato de construção científica, no qual, a partir de um observável, o pesquisador formula hipóteses com que analisar e interpretar um processo de escritura. O segundo princípio consiste em recorrer às especificidades do escrito, que ajudam de fato a traduzir traços materiais em operações. (p. 149)

Para isso, como já dissemos, vale-se Grésillon de cinco dispositivos explicativos: *paráfrase, instância enunciativa, tempo, topoi sintáticos e topoi discursivos*.



A paráfrase diz respeito às várias versões que, de um mesmo tópico, se encontram em rascunhos manuscritos. O geneticista irá em busca do motivo das oscilações e deverá interpretar a opção final.

A instância enunciativa pode ser a chave das paráfrases. No caso anterior, as paráfrases eram de Proust e se referiam ao estado de espírito, ainda nebuloso, de quem passa do sono para o despertar. Comparando as várias redações, conclui Grésillon que "o problema não era claramente encontrar o melhor enunciado para o adormecido, mas antes saber *quem* devia assim dormir e despertar" (p. 155).

A idéia de tempo, contida em advérbios e formas verbais, depende assaz do tema em desenvolvimento. É muito importante, p. ex., em Proust, cujo livro de maior repercussão se intitula exatamente *À la recherche du temps perdu* (ou, entre nós, mais pela visão interior que pela temática, a obra maior de Machado de Assis, já estudada sob esse ângulo, por Dirce Riedel e Wilton Cardoso).

Com os topoi sintáticos estamos com as frases e não com as paráfrases. A sintaxe, a *constructio*, de há muito atrai os teóricos das línguas e das literaturas; foi, e é, um dos objetos privilegiados da Estilística. É na armação da frase e na seleção do vocabulário que melhor se define o estilo. E, como se sabe, numa Estilística humanista e não puramente formalista, interpretações psicanalíticas já foram tentadas.

Os topoi discursivos confinam com a teoria da enunciação, onde entra a subjetividade do enunciador, traduzida, no enunciado, nos pronomes pessoais, nos tempos verbais, nos determinantes, em certos advérbios, na tipologia lexical, nas formas de modalidades. Nome obrigatório a recordar: Emile Benveniste.

Estes poucos exemplos concretos quiseram ser ilustrativos de uma tomada de posição em favor da língua e de um método que se foi elaborando de passagem. (p. 161)

Em oposição ao método interpretativo fundado no "princípio dinâmico", podemos talvez classificar como fundados no "princípio estático" os métodos que Grésillon alinha sob a designação de "Outros horizontes teóricos", a saber: *narratologia, temática, psicanálise, sociocrítica*.

A narratologia se baseia na noção de "estrutura", ao passo que a genética elege a de "movimento". Nesse caso, observa Grésillon, a estrutura narrativa só ganha clareza quando se completa com o movimento narrativo. Grésillon exemplifica com a análise do conto de Flaubert, *Un coeur simple*, realizada por Raymond de Debray Genette. Uma pobre criada, que tudo perdeu em relações humanas, não lhe resta senão também morrer. O texto parece contar somente com a morte física. Mas o antetexto, os manuscritos, nos revelam que o conto visa a duas mortes, a do corpo e (sem dúvida, a que mais importa, a da sua presença no mundo) a da sua alma: "a ordem da caridade contra a ordem da carne, a da santidade contra a da sensualidade" (p. 162). "Nada, no fundo, que fizesse cessar esse jogo de oposições – senão o achado de um terceiro termo: o coração, como síntese entre a alma e o corpo" (ib.). Recordemos o título do conto.

O tema é a idéia que o autor realiza no texto. Já foi comparado a uma estrutura profunda, ou seja, à própria mente humana. Mas o tema *bouge* (a não ser no conto) particularmente em nossas novelas televisivas, que se remodelam ao sabor dos humores da recepção. Do ponto de vista da crítica genética, o autor não altera o tema, mas procura, às vezes obsessiva e angustiadamente, o *verbum* capaz de materializar em palavras a concepção que gerou na mente. Releia-se, de Machado de Assis, "O cônego ou a metafísica do estilo". É essa busca ansiada e ansiosa do termo próprio que pode ligar a crítica genética à leitura temática.

A leitura psicanalítica, hoje mais do que nunca enfeudada aos ditames lacanianos, pressupõe, para falar com Bellemin-Noel, um *inconsciente do texto* (p. 169). Observa Grésillon que "o textoanalista" lê ... os rascunhos em todos os sentidos, neles compreendidos os que surgem por ricochete" (ib.). E também, a nosso ver, na interpretação do textoanalista, é preciso contar com o seu inconsciente. Nessa linha de estudos, não se pode omitir o nome do professor Philippe Willemart, atualmente integrando o quadro docente da Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

8. Dos cinco horizontes teóricos alinhados por Grésillon, o que nos pareceu de maior relevo crítico foi justamente o último, dedicado à "sóciocrítica". É que aqui nos sentimos mais próximos do solo do qual o subjetivismo e a psicanálise nos haviam afastado, sem, contudo, qualquer subordinação ao positivismo. Grésillon começa dizendo que "a crítica genética contribuiu para restituir aos estudos literários uma certa dimensão histórica que o formalismo estruturalista tinha sistematicamente esvaziado" (p. 171). Afasta, porém, desde logo, o perigo de uma confusão entre "diacronia genética" e "acontecimento histórico" (ib.) Esclarece que a "dimensão realmente histórica dos estudos de gênese" é a que é explorada pela aproximação sociocrítica dos manuscritos. Tal sociocrítica vai investigar o "pré-construído" (Mitterrand) ou o "pré-escrito", como prefere Grésillon, no qual interfere o *intertexto*, sob a forma de "coisas lidas, sabidas, vistas e ouvidas numa cultura de época: doxa literária, saberes acumulados, idéias recebidas, código de representações, lembranças, impressões de leitura – em resumo, o ar do tempo" (p. 172). Convém neste ponto transcrever um texto mais longo, em que Grésillon nos diz como vê a distinção entre crítica sociogenética e sociocrítica:

A crítica das fontes, como o nome indica, contenta-se em elaborar uma lista que mostra que tal obra procede "logicamente" de tal outra, de tal corrente, acontecimento real ou referente. A crítica sociogenética, no que lhe diz respeito, recusa-se a ficar na oposição positivista entre fontes e obra; faz, ao contrário, trabalhar a tensão que existe entre a pulsão documental e a pulsão escritural, entre o real da história e o imaginário da escritura, estudando, materiais em mão, as diferentes fases de citação, transformação, integração ou rejeição do discurso alheio. (p. 173)

Todas essas reflexões o levam a concluir que "Esse jogo de impedimentos (*contraintes*), impostos pela letra do antetexto, e de liberdade, escolhida por uma

visão interpretativa, indica muito exatamente o espaço onde a crítica genética pode mover-se" (p. 175)

9. É no capítulo V, intitulado "Crítica Genética e Edição" – com o qual iremos finalizar esta recensão –, que Grésillon se ocupa com o árduo problema edição genética x edição crítica.

O ponto de partida para a correta visualização do conflito está nesta sentença de Grésillon, aqui repetida: "A crítica genética tem por objeto o *antetexto*, a edição crítica tem por objeto o *texto*" (p. 177). Desenvolvamos a distinção, que, ao cabo, se desfará, pois Grésillon logo fala numa "feliz complementaridade entre edição e gênese" (p. 178). E a seguir dá mais uma pista:

De seu lado, a crítica genética exige por certo o rigor filológico para a constituição do antetexto, mas o estabelecimento de uma edição crítica é a seus olhos não seu primeiro objetivo nem sua finalidade, mas uma das aplicações possíveis da teoria. (p. 179)

Como se sabe, a crítica textual tem o seu nome símbolo no alemão Karl Lachmann, que fundou o método positivista da edição crítica, ainda hoje praticado, com esta ou aquela alteração ou aperfeiçoamento. Por tal razão, parece-me, é que o confronto selecionado por Grésillon foi com a escola alemã. Curiosamente, é no terreno germânico que vê Grésillon germinarem as primeiras sementes da crítica genética. Já nos referimos a Beissner que, segundo Gr. "lançou em 1937 uma nova concepção de edição crítica." Essa "nova concepção" consistia no recurso aos manuscritos, na utilização das variantes estruturalmente apresentadas e não mais como um conjunto de formas isoladas e sim a obra vista como um processo e não como um produto. Essa renovação alemã não deixou de florescer na França, onde se publicaram notáveis edições críticas ou semicríticas. Todavia, lamenta Gr.. "No que concerne à História, a gênese ou fixação dos textos foi reduzida ao silêncio pela vaga estruturalista" (p. 187). Contudo, logo a seguir se recupera: "Entretanto foi de certo modo sobre o fundo estruturalista que nos inícios dos anos 70 a crítica genética tomou impulso" (ib.). E logo a seguir:

Mas, em vez de se deixar prender na camisa-de-força de uma edição crítica, os geneticistas, aliás no início quase todos germanistas senão germanófonos, fizeram do estudo dos manuscritos seu principal objeto de estudo.

E ainda:

Apenas, já se terá compreendido, o objetivo principal não é mais a edição do texto, senão pôr em evidência mecanismos de escritura, o conhecimento racionalizado dos atos materiais e intelectuais da criatividade verbal.

Cabe então uma definição mais particularizada do que seja uma edição genética:

Entende-se pelo termo "edição genética" uma edição que apresenta exaustivamente e em ordem cronológica de seu aparecimento os testemunhos de uma gênese. Na concepção francesa, não se trata da fixação de uma edição sinóptica (que reúne várias camadas numa só), mas da reprodução, um a um, de todos os manuscritos do antetexto. (p. 188)

Em prosseguimento, refere-se Gr. às edições fac-similadas, nas quais distingue dois tipos: "as destinadas antes aos bibliófilos que aos pesquisadores" e as de cunho científico, que têm por função "entregar ao leitor o manuscrito em sua forma autêntica".

Sob a rubrica genérica de "edição genética", engloba Gr. quatro tipos, a saber: a) *livro para ler*; b) *instrumento de pesquisa*; c) *percurso genético integral*; d) *edição eletrônica*.

O tipo a) abre mão de certos requisitos que devem integrar uma edição de caráter científico, a fim de aliviar o texto e organizá-lo "em séries de caracteres inteligíveis, apresentadas numa linearidade ininterrompida e dotadas de coesão e coerência" (p. 190). Esse tipo não serve para os pesquisadores e os obriga a recorrer ao manuscrito.

O tipo b) compreende dois subtipos: edição de uma fase particular da gênese e edição de um percurso genético integral.

O primeiro subtipo utiliza-se de blocos de anotações, cadernos, diários, planos e cenários do autor estudado (quando os houver, claro está). O uso de fac-símiles com transcrição em certos casos é o ideal.

O segundo subtipo "visa a apresentar todas as peças do *dossier* genético de uma obra, desde o primeiro esboço até o texto impresso, passando por todas as fases genéticas conservadas. *É naturalmente a edição genética por excelência*" (p. 192). O grifo é meu. Para se ter uma idéia de como se pode apresentar esse subtipo de edição genética, valha este exemplo de um conto de Flaubert: trinta páginas impressas passam a perto de setecentas numa edição genética. A fim de evitar tais excessos, pode o editor limitar-se a uma parte da obra. Assim fez Philippe Willemart, com a sua publicação exaustiva do primeiro capítulo de *Hérodias*. Entra igualmente em linha de conta a diferença entre prosa e poesia. "A força da edição genética reside no fato de deslocar resolutamente o timbre do escrito para a escritura, do produto para o processo" (p. 195).

A respeito desse tipo de edição já surgiram sem dúvida algumas críticas, particularmente do lado alemão, como esta: as edições genéticas não merecem o nome de edições: "elas se contentariam com reproduzir a matéria bruta, sem a ordenar, sem fazer aparecer imediatamente, como nos aparatos sinópticos, os lugares variantes ou paradigmas de variantes, sem colacionar as diferenças entre as versões sucessivas e, principalmente, sem fazer o trabalho de estabelecimento do texto" (p. 195).

Para Gr. existe apenas um malentendido, porque cada tipo de edição, a alemã e a francesa, cumpre funções diferentes. "A edição alemã *inclui* a análise, o comentário e interpretação genéticas e condensa os resultados dessas investigações em

seus aparatos sinópticos para chegar em fim de conta ao estabelecimento do texto definitivo" (ib.). E, no que tange à edição francesa, assim se exprime: "Considerando que nenhuma representação sinóptica pode dispensar o geneticista do retorno aos manuscritos (originais ou fac-similados), ela [a edição genética francesa] procura fornecer ao pesquisador um instrumento simples, apresentando na ordem da gênese os testemunhos transcritos e providos de um comentário escritural do *dossier* em apreço" (p. 198). Continua, porém, a flutuar a indagação inicial: "a edição genética merece o nome de edição"? Talvez fôra mais conveniente distinguir (*distinguo!*) entre a *edição* do texto, seguindo a tradição ecdótica, e a *publicação* (ou publicações) do antetexto (ou dos antetextos). Adverte ainda Gr., e cremos que não se há de contestá-lo, na necessidade de dissociar a apresentação da gênese da sua interpretação.

Passa por fim Gr. a ocupar-se com a "edição genética eletrônica". Como era de esperar, a grande contribuição desse tipo de "edição" é o seu caráter tecnológico. A memória poderosa do computador, as possibilidades do fácil confronto de numerosos manuscritos, a oportunidade de presenciar em desfile todos os cenários de uma obra, tudo isso permite que, enfim, "seja restituída essa dinâmica da escritura que nenhuma edição-papel pôde realizar" (p. 200). Se o computador é uma ameaça de golpe mortal na escrita manuscrita, por outro lado permite suprir deficiências que a indústria do livro não conseguiu vencer. Com a invenção do logicial (*logiciel*) *Hypercard* [que estaria para a edição eletrônica como o *hipertexto* de Gérard Genette para a edição-papel genética] "a Informática traz na verdade soluções para os problemas da edição genética para cuja solução não ousaríamos sonhar dez anos atrás" (p. 199). Não caímos, porém, na tentação de sobrepor a técnica ao homem:

Entretanto, como sempre em Informática, a máquina é um instrumento (e um instrumento de uma capacidade de memória de rapidez e eficácia inauditas), mas não saberia substituir os comandos do pesquisador. Até o presente, o computador é incapaz de ler a complexidade da escritura manuscrita que caracteriza os *dossiers* genéticos literários, é, pois, sempre o pesquisador que estabelece as transcrições. (p. 201).

E ouçamos uma vez mais a Grésillon, para concluir este tópico:

Editores e geneticistas vão enfim poder trabalhar de mãos dadas e sobre dados idênticos: uns para fabricar tal edição de texto conforme a sua conveniência, aperfeiçoável a cada nova tiragem, outros para ir buscar ao computador a visualização de todas as aproximações textuais que alimentam sua reflexão genética" (p. 202).

10. Cremos já ser possível, com base nestes *Eléments*, tão claramente expostos, tirar algumas conclusões a respeito da natureza, objetivos e métodos da Crítica Genética.

I – Para melhor entender as razões que fizeram emergir a Crítica Genética na segunda metade deste século XX, particularmente nos anos 70, cumpre situá-la em

relação com a forma como vinha sendo praticada a Crítica Textual. E então desde logo salta aos olhos a radical oposição entre esses dois tipos de Crítica. Não é que a Crítica-Genética pretenda negar à Crítica Textual o direito que lhe assiste de trabalhar em sentido diferente do seu. Mas o fato é que se trata de caminhos divergentes.

A Crítica Textual, em sua feição canônica, tem em vista a fixação do texto desejadamente "definitivo", também dito *ne varietur*, o mais fidedigno, o que melhor represente a última vontade do autor. Para o fim colimado, o método dominante é o lachmanniano ou neolachmanniano, que passa pelas fases tradicionais da *recensio*, *collatio*, *examinatio*, *emendatio*, *constitutio stemmatis* e *constitutio textus*. Constituído o texto final, a edição crítica o faz acompanhar de um aparato de variantes, que não acharam lugar no texto apurado.

A Crítica Genética opera com outro espírito. Não é o texto final que a orienta e sim os vários textos que foram gerando a obra que o autor, afinal, entregou à impressão. O que a solicita não é o ponto de chegada, mas o percurso, os percalços da caminhada, a luta do autor consigo mesmo, no afã de encontrar o verbo ideal para a *cosa mentale* que lhe baila no espírito. É o que Grésillon chama a textualidade *in statu nascendi*.

A Crítica Genética não visa, pois, à produção de um texto modelar, chamado "edição crítica", e sim ao estudo interpretativo (como estamos longe de *recensere sine interpretatione* lachmanniano!) dos textos que constituem as fases da gestação de uma obra, por assim dizer. A Crítica Genética não é, pois, uma Crítica Textual e sim uma Crítica Pré-Textual.

II – Essa Crítica Pré-Textual é uma crítica de manuscritos e de manuscritos autógrafos. Por isso é uma crítica que se aplica a autores modernos. Na Idade Média não há como falar em manuscritos autógrafos; são todos ou quase (raros, e somente na Baixa Idade Média) apógrafos, ou *alógrafos*, como prefere dizer Grésillon. Aqui Tavani:

Assim sendo, não se pode, obviamente, senão lamentar a escassez de autógrafos medievais, e desejar que se venham a descobrir alguns mais, ou, pelo menos, que se reconheça se um dos testemunhos disponíveis de um texto medieval não seja por acaso o autógrafo desse texto, ainda não identificado como tal. ("Teoría y metodología de la edición crítica", em *Litterature latino-américaine et des caraïbes du XXe. siècle*, 1988: 38)

A esse respeito, vamos apresentar, em ordem de aparição no texto, alguns fragmentos da exposição de Grésillon, procurando-lhes dar o necessário encadeamento de idéias:

Logo de saída uma constatação: o manuscrito moderno é diferente em todos os pontos do manuscrito antigo. O primeiro é um manuscrito de "autor", o segundo, em sua maior parte, um manuscrito estabelecido por um copista. (p. 77)

O primeiro é um documento de criação, o segundo, um documento de reprodução e de transmissão. Daí decorre que não se pode fazer crítica genética em sentido estrito senão a partir dos manuscritos modernos. (p. 78)

Segundo ponto, muito mais espinhoso: desde quando existe esse tipo de documentos que chamamos "manuscrito moderno"? (p. 78)

O problema não é, pois, o de saber desde quando se escrevem rascunhos, mas desde quando são eles conservados. (p. 79)

O espírito humanista fez nascer uma certa idéia do homem enquanto indivíduo, consciente e responsável dos seus atos. O sujeito da Cidade de Deus torna-se progressivamente indivíduo dotado de liberdade, cidadão da Cidade dos homens. Em vez de escrever para testemunhar da grandeza dos Antigos, ou *ad maiorem Dei gloriam*, ou para enriquecer uma biblioteca ou um mosteiro que se tornavam proprietários de seu produto, o autor escreverá *porque* faz *autoridade* e *porque* é escritor ou *para que* seja reconhecido como tal. (p. 81)

III – Se não é a fixação de um texto ótimo, *ne varietur*, o mais fiel à última intenção do autor, então que mais cabe a esse novo tipo de crítica, além de marcar as etapas do percurso genético da obra? Neste ponto a Crítica Genética volta a ligar o autor à obra, afasta-se do formalismo estrutural, que vê mais a letra do que o espírito e que tenta estabelecer critérios de "literariedade", capazes de revelar o mecanismo através do qual o autor fabricou o seu produto de arte verbal. Para o estruturalista, tema em si não é o que importa e sim o saber formal que o criou. Contudo o ato de leitura, diz Grésillon, "é uma conjunção permanente de duas atividades solidárias: decifrar e compreender" (p. 141). Leitura objetiva e leitura subjetiva. Duas práticas distintas, sem dúvida. Distintas, sim, porém *solidárias*; e isto é o que sobreleva. *Distigner pour unir*, para lembrar mote de Jacques Maritain. Contudo essa leitura interpretativa não deve ser confundida com o "comentário filológico" do texto, que se destina a fornecer *informações* de ordem gramatical, literária, mitológica, histórica, geográfica e outras do gênero, as quais permitam tornar *claro* o texto para o entendimento atual do leitor medianamente culto. É que a Crítica Genética é essencialmente uma crítica de gestação. Procura surpreender as dores e as alegrias de suas fases criativas. Não oferece, porém, uma técnica obstétrica; os laboratórios de análise não obedecem aos mesmos enfoques teóricos. Grésillon depõe sem reboços: "Com efeito, eu poderia citar numerosos trabalhos genéticos dos quais uns se reclamam da poética, outros da psicanálise, outros da lingüística, outros ainda da sociocrítica ou da crítica temática" (p. 146).

Grésillon declara tomar partido pela *langue*. Não será, porém, a *langue* sauriana, estática, formal, estrutural, mas, ao contrário, a língua dinâmica, *in statu nascendi*, a língua do movimento e dos atos de fala. Numa palavra, a língua da *Lingüística da enunciação* e não do *enunciado*. Neste ponto, Grésillon aproxima Benveniste dos mestres ingleses fundadores da filosofia analítica da linguagem:

"Aliando assim a teoria da enunciação e as regularidades da produção escrita e inspirando-se dos títulos de Searle (*Atos de fala*) e de Austin (*Como fazer coisas com palavras*), a análise dos manuscritos poderia contribuir para uma teoria lingüística dos *atos de escritura*, que teria como divisa *escrever é fazer*" (p. 150). Estranho que, neste ponto, não se faça nenhuma menção à Estilística de Vossler-Spitzer, pois é sabido que esses dois autores, partindo de particularidades da linguagem dos escritores, procuraram chegar ao estado de espírito que as geraram, poderíamos mesmo dizer à *forma mentis* de onde brotaram. Em "Perspectivismo lingüístico no Quixote", Spitzer assim explicita, mais uma vez, o seu método de trabalho:

De acordo com isso, escolherei alguns fenômenos lingüísticos (de escassa importância, à primeira vista, para o mundo artístico de Cervantes), os quais tentarei primeiro reduzir a um denominador comum e relacionar depois com a *Weltanschauung* ou pensamento de Cervantes. (1961: 137)

Grésillon ainda enumera outras modalidades interpretativas a que denomina "horizontes teóricos", às quais dá menor importância e a que já fizemos referência. E sua conclusão é esta:

Através de algumas perfurações nas bases do antetexto, ficou patente que, se a fase de *constituição* do *dossier* genético é relativamente homogênea, a da sua *interpretação* é múltipla. (p. 175)

IV – Finalmente convém relacionar a Crítica Genética com o *Zeitgeist*, o espírito do nosso tempo.

Este nosso *fin de siècle*, mais especificamente *fin d'un millénaire*, à falta de coisa melhor, recebeu a chancela de "pós-moderno". O que é a pós-modernidade ninguém consegue definir. O pós-moderno não tem cara, porque seu outro nome é caos. Ihab Hassan, em artigo de 1987 – "Toward a Concept of Postmodernism" –, alinha uma série de diferenças entre Modernismo e Pós-Modernismo, o que lhe permite afirmar que

o pós-modernismo volta-se para formas abertas, divertidas, optativas, transitórias (abertas no tempo tanto quanto na estrutura ou no espaço), disjuntivas ou indeterminadas, um discurso de ironias e fragmentos, uma "ideologia branca" de ausências e fraturas, um desejo de difrações, uma invocação de silêncios, complexos, articulados. (1993: 283)

É que o séc. XX presenciou o maior desmoronamento ideológico da centúria: a implosão do império soviético. Ao contrário da pós-modernidade, a modernidade se caracterizou pela busca do *uno* e não do *múltiplo*. Os regimes políticos marcantes do século foram totalitários e não pluralistas: fascismo, nazismo, comunismo, todos eles estruturados na base de um partido único, sob a férrea e carismática inspiração de um guia infalível. As democracias ocidentais resistiram sem dúvida, mas a derrota do nazifascismo nos campos de batalha parecia assegurar a emergência fatal do socialismo vermelho, predita pelos teóricos do marxismo-lenin-



nismo. As esquerdas, que hoje parecem burras, viveram seus momentos de radioso triunfalismo, e não faltava quem, para posar de intelectual, fizesse questão de ostentar o seu velho ou recente marxismo. Mas sobreveio o que todos sabemos, e as esquerdas, de repente, perderam a dialética de seu discurso revolucionário. Por outro lado, as democracias vitoriosas mas doutrinariamente despreparadas (só haviam cuidado dos avanços tecnológicos) não tinham muito que dizer. Despontou assim um *neoliberalismo*, ainda indefinido e inconcluso. Desarmados e perplexos, buscaram os marxistas um ponto de apoio para o caos ideológico que então se instaurou. E julgaram tê-lo encontrado na *utopia*. Se fracassaram ideologicamente, se foram utópicos, então é porque tudo o mais não passa de utopia. Daí a onda de utopismo que anda grassando na *intelligenza* nossa e alheia. Desaparece destarte a verdade; volta-se ao relativismo especulativo. Retorna-se à grande dúvida de Pilatos: *quid est veritas?* A esta pergunta do procurador da Judéia, sucedeu, para falar com o saudoso Néelson Rodrigues, um silêncio ensurdecedor.

Grésillon, p. ex., traz à colação um conto de Borges, que diz ser "maravilhoso", intitulado "O jardim das veredas que bifurcam". Na verdade mais propriamente trata-se de um labirinto. E comenta Grésillon:

Os manuscritos literários nos confrontam com efeito muito freqüentemente com essa imagem das veredas que se bifurcam indefinidamente, criando *redes* e *tramas*, abraçando todas as possibilidades, todas as virtualidades, todos os excessos jubilatórios que existiram durante o tempo da escritura e que teriam podido, não fosse a funesta rasura, converter-se em texto. (p. 12)

E mais adiante:

A linearidade inicial, reconstruída e necessária, mas parcial e lacunar, transforma-se sob o olhar do leitor-intérprete em sinuosidades e em movimento sempre assintótico. A taxionomia da classificação cede lugar aos meandros da significação, que são processos sem fim. (p. 140)

Veja-se ainda esta indagação:

Uma época que tomou gosto pelo fragmento e pelo inacabado, pelas variações da recepção e pelos excessos da desconstrução, por que não iria até incluir os traços da gênese em seus julgamentos estéticos? (p. 206)

Essa referência à *desconstrução* nos leva a salientar como um dos traços do magma pós-modernista a profusão de palavras formadas com o prefixo negativo *des-*. A obsessão de desconstruir permitirá o movimento reverso da reconstrução? Perdida a unidade, perde-se a bússola que dá sentido à sucessão dos tempos. *E la nave va...* Passageiros sem tripulação. O ponto de equilíbrio continua sendo a busca incansável do homem no percurso transcendente pela face da Terra.

\*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, É. (1966). *Problèmes de linguistique générale*, Paris, Gallimard.

HASSAN, Ihab (1987). "Toward a Concept of Postmodernism", em *A Postmodern Reader*, State University of New York Press, Albany, 1933 (editado por Joseph Natoli e Linda Hutcheon).

TAVANI, G. (1988). "Le texte: son importance, son intangibilité", em *Littérature latino-américaine et des caraïbes du XXe. siècle*, Bulzoni Editore.

\_\_\_\_\_ (1988). "Teoría y metodología de la edición crítica", ut supra.

OBS.: A tradução para o português de transcrições de texto em língua estrangeira é da responsabilidade do autor do presente artigo.

\*\*\*

# TRANSCRIÇÕES

## VARIANTES E VARIAÇÕES \*

JACINTO DO PRADO COELHO

Para Luciana Stegagno Picchio  
e Cleonice Berardinelli,  
recordando o Congresso de Niterói

### 1. Uma questão prévia: a das relações entre filologia e literatura.

*Filologia*, como se sabe, é uma palavra polissémica. Segundo Matoso Câmara, no seu *Dicionário de Filologia e Gramática* referente à língua portuguesa (2ª ed., 1964), designa hoje, "estritamente, o estudo da língua na literatura, distinto portanto da linguística". No verbete "Literatura" do mesmo *Dicionário*, confirma-se: "O uso da língua na literatura culta cria a chamada língua literária, cujo estudo é o objecto da filologia *stricto sensu*." Mas, perante estes conceitos, não se vê claramente que fronteiras separam a filologia da linguística. Pois não se inclui hoje no campo da linguística, além da língua pragmática, falada ou escrita, a língua na sua realização literária? Não cura o linguista actual do que Jakobson chama a "função poética"? Parece-me necessário distinguir entre filologia e linguística pela intenção com que se estuda a língua na literatura. Assim procede, ao definir *filologia*, Lázaro Carreter no *Diccionario de Términos Filológicos* (Madrid, 1953): "Ambas as ciências [Linguística e Filologia] estudam a linguagem [*linguagem*, outro lexema ambíguo], mas de modo diferente. A Filologia estuda-a com vista à melhor compreensão e fixação dum texto; a Linguística, pelo contrário, concentra exclusivamente o seu interesse na língua, falada ou escrita, utilizando os textos quando existem e deles precisa, apenas como meio para a conhecer melhor." Aqui empregarei *filologia* na acepção que nos é dada no *Dictionnaire de Linguistique* da Larousse, de Jean Dubois e outros (Paris, 1973): "A filologia é crítica dos textos; procura 'estabelecer o texto' mediante critérios internos e externos que lhe são a um tempo fornecidos pelas suas técnicas próprias (comparação dos textos, das variantes, história dos manuscritos) e pelos dados externos que lhe facultam outras técnicas [...] A tarefa principal dos filólogos é pois a

---

\* Texto da comunicação intitulada "Filologia e Literatura: o Estado de Variantes", lida e debatida na sessão de 13 de novembro de 1973 do Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, em Niterói (como parte do Programa Especial sob o patrocínio da Universidade Federal Fluminense e da Fundação Casa de Rui Barbosa e a direção do professor Maximiano de Carvalho e Silva). Publicado com pequenas alterações, inclusive no título, como capítulo inicial do livro *Ao Contrário de Penélope*, de Jacinto do Prado Coelho (Amadora, Livraria Bertrand, 1976, p. 15-44), e aqui transcrito na ortografia oficial portuguesa.

edição de textos." O âmbito da filologia assim entendida foi parcialmente ocupado por uma disciplina recente: a textologia, cuja finalidade é estudar "as condições gerais da existência dos textos". O neologismo com que foi baptizada, corrente nos países de línguas eslavas, deve-se a Tomachevski e remonta à década de 1920, como informa Roger Laufer na *Introduction à la Textologie – Vérification, Établissement, Édition des Textes* (Paris, 1972). O objecto específico da textologia, mais circunscrito que o da filologia, é "o sentido operatório dos signos enquanto constituem o espaço da textualidade" (ob. cit., p.9).

Quanto à literatura, considerada na sua literariedade, na sua dimensão estética, podemos talvez afirmar que os estudos literários são servidos pela filologia, mas começam propriamente onde ela se detém. "As regras da leitura", acentuou Roland Barthes em *Critique et Vérité* (Paris, 1966), "não são as da letra, mas as da alusão: são regras linguísticas, são regras filológicas"; e precisou: "À filologia compete com efeito fixar o sentido literal dum enunciado, mas não tem qualquer poder sobre os sentidos segundos. Pelo contrário, a linguística aplica-se não a reduzir as ambiguidades da linguagem, mas a compreendê-las e, se é lícito assim falar, a instituí-las" (p. 33). Relegada a filologia ao nível de actividade ancilar, a verdadeira ciência da literatura, na óptica barthiana, trata das "variações de sentidos engendradas e, por assim dizer, engendráveis pelas obras" (p. 57).

2. Ocorreram já nas citações que me permiti fazer os termos *variante* e *variação*. No sentido corrente, variante é uma unidade textual menor: período, frase, parte duma frase. É ainda Lázaro Carreter que define: "Cada uma das diversas formas que aparecem nos manuscritos ou edições dum mesmo texto correspondentes a um mesmo passo." Em particular é a forma ou uma das formas não pertencentes à versão tida por genuína; como diz o *Petit Larousse*: "texto dum autor que diverge da lição comumente admitida". Só que não se trata dum texto (dizemos neste caso *versão*), mas dum segmento mais ou menos breve.

*Variação* é a lei da linguagem, inclusive da literária: criatividade incessante, desentranhar de inúmeras metamorfoses. Mas algo permanece em relação ao qual a variação ganha sentido: são as invariantes implícitas em cada discurso, literário ou não. Mudança na reiteração. O estudo das variantes poderíamos imaginá-lo inserido num estudo mais amplo, imenso, que seria o da língua nas suas indefinidas possibilidades de realização. Uma ciência a que daríamos o nome de *metabologia*, com dois ramos – linguístico e literário – e em ambos a dimensão teórica (mutabilidade, leis da mutação) e a dimensão descritiva e analítica (mutações ocorridas). Tomar-se-iam em conta variações temáticas, estruturais e formais, operadas na mesma língua e em línguas diferentes, *sem alteração dos respectivos sistemas*. As influências caberiam assim no âmbito das variações. As glosas a motes, na lírica, entrariam no quadro da metabologia literária.

Seremos, claro está, mais realistas se limitarmos neste momento a atenção às variantes textuais. Não tão modestos, porém, como à primeira vista se julgará. A pesquisa sobre variantes parece trabalho de filólogos miudinhos, curiosos de nugas. Ora, pelo contrário, essa pesquisa é susceptível de múltiplas perspectivas e dá para vários e amplos domínios. Diz respeito: 1º) à filologia ou, se quiserem, à textologia e à ecdótica; 2º) à estilística literária; 3º) à teoria da literatura; 4º) à crítica literária; 5º) à linguística, designadamente à estruturalista e gerativa. No desdobramento do texto em variantes surpreendemos não só as virtualidades da linguagem como a literatura no seu *fieri*, naquela "prolongada hesitação entre o sentido e o som" que, para Valéry, caracterizava a poesia, naquela busca de que nasce a pluralidade semântica. Quem analisa variantes depara com toda a complexa aventura da *praxis* literária, onde convergem tantos factores e condicionalismos (o "referente", a visão pessoal, a gramática, o léxico, o tema, a "fábula", o género, a estrutura fixa, que sei eu?).

3. Humilde, aparentemente inofensivo, o registo de variantes tem contudo os seus inimigos. São duas as principais objecções: uma de ordem ética, outra de carácter hedonístico, em defesa da literatura como prazer. Dizem uns que, sendo a obra literária propriedade do autor, não há o direito de pôr em foco as versões, manuscritas ou impressas, que ele rejeitou. Como se o interesse de conhecer o que é património comum – o processo da criação estética pelo qual o homem se ultrapassa – não devesse sobrepor-se ao amor-próprio individual do escritor. Dizem outros que o aparato duma edição crítica repugna ao leitor-padrão, prejudica a recepção da obra enquanto pura mensagem de arte. João Gaspar Simões, por exemplo, observou no *Diário de Notícias*, a respeito do 2º volume das *Obras Completas de Teixeira de Pascoais*, por mim organizado (Lisboa, s/d [1966]): "Qual a finalidade de uma edição crítica como aquela a que presentemente se consagra Jacinto do Prado Coelho? O conhecimento mais aprofundado dos processos de trabalho do escritor. Só isso justifica a publicação de uma das mais belas composições de Teixeira de Pascoais – a "Elegia do Amor" –, marginada por algarismos referenciais das notas ao pé da página. Do ponto de vista científico, está certo. Está certo do ponto de vista escolar. Mas do ponto de vista estético, talvez não. Ninguém que ame com amor de artista a "Elegia do Amor" de Teixeira de Pascoais lerá sem repulsa essa admirável poesia tal como ela nos surge na presente edição das *Obras Completas*. Competentíssima organização crítica da nova edição das obras do grande poeta da *Vida Etérea*, numa coisa claudica: no mau gosto que preside à sua preparação gráfica, pesada, escolar, chata." Ressurge neste comentário o lugar-comum do conflito entre ciência e arte, entre filologia e literatura: os doutores são acusados de fazer dano às musas. Mas – é evidente – a poesia também se estuda, a edição crítica tem o seu lugar, não se dirige ao mesmo tipo de leitores que a edição não-crítica. Aliás, para cada um o seu género de prazer: o leitor culto que estudou longamente um poema, já na sua génese, já sincronicamente, enquanto organismo verbal, poderá relê-lo com gosto dobrado. Dir-se-ia até, valendo-nos da distinção bartiana entre *plaisir* e *jouissance*, ser o conhecimento das variantes um caminho para a *jouissance*, o gozo da obra literária, porque então "l'oeuvre est perçue sous les espèces d'une écriture" (*Le Plaisir du Texte*, Paris, 1973, p.61), a leitura humaniza-se, o leitor comunga com o autor na busca ansiosa, voluptuosa que é o acto da escrita. E refazer essa busca é ainda contemplar as indefinidas possibilidades que se nos abrem entre as leis da linguagem e o silêncio.

4. Tradicionalmente, o estudo das variantes é diacrónico e obedece a um propósito normativo, pedagógico. O velho Albalat, pioneiro na matéria, apontou e comentou variantes para ensinar a escrever bem. "O estudo dos manuscritos", afirma ele no cap. I de *Le Travail du Style* (4ª ed., Paris, 1907), "é o melhor *Curso de Literatura*, pois contém ao mesmo tempo a lição e o exemplo". Na sua óptica, os exemplos realmente autorizados são os dos clássicos, e deles se infere que só com o trabalho árduo se atinge a perfeição. Albalat apenas concebe as variantes como correcções; depois de analisar uma série de variantes de Flaubert, conclui: "Todas estas correcções são justas, necessárias, dum gosto perfeito. É meditando em exemplos assim que se aprende com quanto trabalho, com quanta aplicação se alcança a forte simplicidade do estilo" (pp. 79-80).

Aqui está, porém, um preconceito a evitar: nem sempre a variante posterior é melhor que a anterior – e a perfeição é sempre relativa, relativa à época, ao autor, ao género, à obra. Haverá palavras definitivas? Ou, na exploração da linguagem, o definitivo será sempre adiado, o jogo das possibilidades só provisória, arbitrariamente, dado como findo? Não serão todas as obras escritas glosas imperfeitas da Obra sempre por achar?

A "prolongada hesitação" a que aludia Valéry não é só entre forma e sentido, mas entre forma e forma, entre sentido e sentido. Sucede, por vezes, que a terceira versão constitui um regresso, total ou parcial, à primeira. Um manuscrito que se conserva em Évora mostra como

João de Deus foi elaborando por tentativas a "cançoneta" "Folha Caída". Os versos que primeiro lhe ocorreram, alguns inacabados, foram:

*O espinho e a  
Árida palma  
Têm verde cor  
Têm como a alma  
Tem seu amor  
O musgo e  
Têm como a hera  
Tem seu abril  
O verme e fera  
Têm seu covil*

Pela sucessiva rejeição de parte destas propostas, a poesia, em versão ainda autógrafa, ficou assim:

*Espinho e palma  
Têm verde cor  
E corpo e alma  
Têm seu amor  
E musgo e hera  
Têm seu abril;  
E verme e fera  
Têm seu covil*

Portanto, de seis ocorrências das formas verbais *têm* e *tem* em início de verso apenas João de Deus aproveita quatro; abandona as comparações "têm como a alma" e "têm como a hera"; adopta quatro frases com dois sujeitos cada ("espinho e palma", "corpo e alma", "musgo e hera", "verme e hera") e sempre o mesmo predicado (plural *têm*) seguido de quatro objectos ("verde cor", "seu amor", "seu abril", "seu covil"). Ora bem: na última versão, o sujeito da primeira frase volta a ser "árida palma", o que reconduz o verbo *ter* para o singular; retomam-se as comparações "como a alma", "como a hera", a que se junta uma terceira, "como a fera"; e a forma *tem* repete-se nada menos que seis vezes, como espécie de eco ou bordão rítmico, restituindo-se à cançoneta, pelo anaforismo, a lúdica musicalidade do primeiro esboço:

*Árida palma  
Tem seu licor;  
Tem, como a alma  
Tem seu amor;  
Tem, como a hera  
Tem seu abril.  
Tem, como a fera  
Tem seu covil.*

(*Campo de Flores*, I, 7<sup>o</sup> ed., p.34)

5. A escolha duma variante envolve obviamente uma **procura no eixo paradigmático** que é, se não exigida, ao menos condicionada pelo contexto, **inclusive, em poesia**, pela medida do verso; tende-se deste modo para um novo equilíbrio **sintagmático**. A procura pode fazer-se por associações de parónimos ou através de nexos **semânticos**. Foi uma semelhança de sons (verificadas certas afinidades semânticas) que sugeriu a **Fernando Pessoa** o título definitivo duma composição da *Mensagem*, por sinal das mais famosas: "O Mostrengo". Na revista *Contemporânea* (1922), a quarta poesia da série "Mar Português" chamava-se "O Morcego". Esta

metamorfose (de animal voador noturno em ser disforme) explica certos atributos e movimentos do "mostrengo": aparece em "noite de breu", "voa", "roçando-se pelas velas", "chia", etc. Ambos os significantes têm três sílabas: a primeira é semelhante (*mor/mos*), a última igual (*go*), na segunda a vogal tônica é um e fechado (*ce/tren*). Suponho que a leitura do "Mostrengo" lucra em saberemos qual a variante inicial. Também, por exemplo, numa ode de Ricardo Reis ("Inutilmente parecemos grandes", ed. Ática, p. 50), o verso "Que fará na alta praia" apresenta três variantes sucessivas, ligadas por semelhanças fônicas: *atra*, *outra*, *alta*<sup>1</sup>.

6. São vários os critérios de classificação. É fácil distinguir do lado externo (fenômenos de substituição, de acrescimento, de supressão; variantes ortográficas, de pontuação, lexicais, gramaticais), mas, à medida que a análise se torna mais subtil, de dentro, que não de fora, o problema complica-se. Antes confinar-se o estudioso ao domínio dos efeitos obtidos, analisando as suas reacções de leitor, que atribuir levemente ao autor determinado propósito. Classificar, pois, pelos efeitos mais que pelas intenções. A "falácia das intenções" é, neste campo, um risco sempre à espreita. Mesmo quanto ao mecanismo psicológico de que resultou esta ou aquela variante, que sabemos nós de ciência firme? Foram preocupações de forma que levaram a alterar o significante, logo o significado? Ou foi o pensamento que impôs uma expressão diferente?

A origem da variante pode estar na adaptação dum texto antigo a uma função nova. Continuando com exemplos de Pessoa, lembro o caso da poesia "Gládio", que vai integrar-se na *Mensagem* sob o título "D. Fernando, Infante de Portugal". Já não é o poeta que se descreve; é o Infante que se retrata; e as palavras "génio" (referida ao poder criador do poeta) e "querer justiça" cedem o lugar a "honra" (3º verso) e "querer grandeza" (9º verso), que se ajustam melhor à definição do herói (cf. J. do Prado Coelho, *A Letra e o Leitor*, Lisboa, 1969, pp. 313-314).

Habitualmente, a análise das variantes faz-se caso por caso, de modo avulso. É mais fácil. Entretanto, de há longos anos Gianfranco Contini, autoridade no assunto, preconiza e ensaia a óptica estruturalista. As alterações – ensina ele nas *Implicazioni Leopardiane* – constituem "deslocações num sistema", envolvendo portanto grande número de nexos com outros elementos do sistema. Há "correções" (não discutamos agora a nomenclatura), "correções que remetem para outros passos, contíguos ou distantes, da mesma composição"; "correções que remetem para trechos do autor fora da composição em estudo, ou por atestarem um esquema afim de reelaboração, ou por nos mostrarem, conforme os casos, o respectivo ponto de partida ou de chegada"; correções, enfim, que apontam para fora da obra do autor, isto é, para os seus "hábitos culturais", para as leituras que lhe estão (ou estavam) "imanentes na consciência" (*Varianti e Altra Linguistica*, Turim, 1970, pp. 41 e 42). Rigorosamente, na análise de variantes, deveríamos ter em conta o sistema da língua em que a obra foi moldada, o sistema da escrita pessoal do autor, o sistema do género literário, o sistema individual da própria obra, em que todas as micro-unidades dependem do conjunto. A cada momento correlacionar, e por, situar<sup>2</sup>.

7. No *Eurico* de Alexandre Herculano, descobrimos, de versão para versão, a procura do termo próprio de maior compreensão lógica; assim, *partir* é substituído, segundo os contextos, por *esmigalhar*, *quebrar*, *estalar*: "*partindo*-lhe o crânio", lê-se na versão da *Revista Universal Lisboense*; "*esmigalhando*-lhe o crânio", na versão definitiva (ed. V. Nemésio, 1944, p. 94); "o golpe *partiu* o escudo" (1ª e 2ª edições) cede o lugar a "o golpe *quebrou* o escudo" (p. 96); em vez de "as pontes [...] tinham-se por vezes *partido*" (1ª e 2ª edições) aparece "as pontes [...] tinham por fim *estalado*" (p.118).

As variantes de Camilo revelam múltiplas tendências ou preocupações. Uma delas (como sublinha Abílio Tavares Cardoso na edição crítica do *Romance dum Homem Rico*, tese de licenciatura, Lisboa, 1973) visa a mais perfeita gramaticalidade. A 1ª edição do *Romance*, um dos livros cuja prosa Camilo mais cuidadosamente apurou, traz por exemplo: "Isso sim, era uma passagem que bastava à reputação da novela, e mais alguns milhares de volumes vendidos" (p.126); a 2ª edição: "Isso sim, era uma passagem que bastava à reputação da novela, e a venderem-se mais alguns milhares de volumes" (p.127). Na 1ª edição lê-se: "e entrou com rogos de antigo e leal criado que o não repelisse, se estava aflita" (p. 236); na 2ª: "e entrou, rogando que não repelisse o seu velho servo, se estava aflita" (idem). É discutível a melhoria quando, pela mesma tendência, o autor corrige "quando a maior parte dos poetas se retiram" (1ª edição, p. 130) para "quando a maior parte dos poetas se retirou" (2ª edição, idem). Até numa fala se sacrifica a naturalidade à ortodoxia gramatical: Mascarenhas, na 1ª edição, dirige-se nestes termos a Leonor: "Que vale um coração dedicado em confronto do bem-estar, da segurança do dia seguinte, das considerações desveladas, que a rodeiam a vossa excelência?" (p. 231); na 2ª edição, omite-se o pronome *a*, evitando a duplicação do complemento: "considerações desveladas, que rodeiam vossa excelência" (idem).

Verifica-se, por outro lado, como também acentua Tavares Cardoso, a procura de formas mais cultas e duma sintaxe mais clássica, a provocar um "distanciamento hierárquico e nobilitante" (p. XXXII). Assim, em vez de *aspecto*, a 2ª edição traz *aspeito* (p. 46); em vez de *entrevista*, *prática* (p. 104); em vez de *muito gentil*, *mui gentil* (p. 119). A frase "isso era não só justo; era dramático" (p. 126) transforma-se em "isso sobre ser justo, era dramático (p.127). Muitas variantes (nada menos que catorze) mostram-nos Camilo a cingir-se, como nele é típico, à ordem de palavras da tradição clássica: verbo + sujeito – o que dá ênfase aos acontecimentos que se sucedem; por exemplo, a 1ª edição traz "Álvaro escutava sua prima", a 2ª edição "Escutava Álvaro sua prima" (p. 169).

O zelo purista comanda, por seu turno, algumas correcções de Raul Brandão na passagem da *História dum Palhaço* (1896) para a versão, amplamente refundida, da mesma obra, sob o título *A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore* (1926). Os galicismos escandalosos, como *ruisselar*, *restar* (na acepção de "ficar") + adjectivo, desaparecem: "*ruissela* como um esguicho de lama" (*H. P.*, p. 92) é substituído por "*corre* como um esguicho de lama" (*M. P.*, p. 47); "o público indiferente *restou* silencioso" (*H. P.*, p. 131) passa, na 2ª versão, a "o público indiferente *ficou* silencioso" (*M. P.*, p. 130).

As variantes do *Camões* de Garrett concernem, algumas vezes, ao conteúdo, introduzindo ou enriquecendo a descrição de situações psicológicas. No Canto V, tirada 7ª, diz a 1ª edição: "Ela me abandonou, ela não vive... / Linda, mimosa flor, à sombra tua", etc. Na 2ª edição Garrett modificou o 1º verso e prolongou-o num verso intercalado: "*Desamparou-me – Triste e sem conforto / Fiquei só, neste vale de amargura. / Linda, mimosa flor, à sombra tua*", etc., rasurando, por outro lado, a sinonímia redundante: "ela não vive". Um caso semelhante se depara no Canto I, tirada 6ª: lê-se na 1ª edição: "Pátria, alfim torno a ver-te? – E ao mudo estado / Recaiu da tristeza taciturna. / De que a ideia da pátria o despertara." O mesmo passo, na 2ª edição, inclui mais dois versos: "Pátria, alfim torno a ver-te". E *lacerando / Entre os lábios mordidos o ai sentido / Que as piedosas palavras lhe seguia, / Recaiu na tristeza*", etc.

Uma classificação de variantes que abranja todas as modalidades e todos os ângulos de que podem ser encaradas é tarefa árdua, se não inexequível<sup>3</sup>. De duas variantes, qual em regra a preferida? A mais precisa? A mais correta? A mais lacónica? A menos ambígua? A mais pertinente? A mais poética? A menos artificial? Depende. É função da estética perfilhada, da cultura e do gosto pessoais, das conveniências do texto. Não raro há prós e contras, o termo mais próprio, suponhamos, é o menos eufónico; o escritor taceia, vacila. Das suas tentativas e perplexidades dão testemunho os autógrafos.



A espontaneidade da escrita em Camilo é relativa: aí estão os originais do *Amor de Perdição* (ainda não aproveitado para a necessária edição crítica), d'*O Romance dum Homem Rio*, d'*O Demónio do Ouro* e das *Novelas do Minho* para o demonstrar. Vejamos, por exemplo, um passo da versão manuscrita de "Gracejos que matam", pertencente às *Novelas do Minho*: "Conheceu todos os salões e todos os antros. Viu a devassidão no espanto das pompas do Louvre, onde as duquesas apresilhavam diamantes nos bicos dos peitos, e remirou-se nos grandes espelhos dos [salões] bordéis, em que as mulheres [brancas como leite], nuas como bacantes, se espreguiçavam sobre divãs" (p. 50 da edição crítica organizada por Maria Helena Mateus, Lisboa, 1961). O autor substituiu *salões* por *bordéis*, e *brancas como leite* por *nuas como bacantes*. Adivinhamos as razões: 1º já atrás se falara em salões; 2º se "as pompas do Louvre" correspondem a "salões", a "antros" corresponderiam mais logicamente "bordéis"; 3º "nuas como bacantes" é a expressão que melhor se adequa a uma atmosfera de devassidão e que melhor a sugere. Acresce, como nota Maria Helena Mateus, que estes dados descritivos servem o programa "realista" de Camilo em 1875.

Com frequência, nas *Novelas do Minho*, as variantes que já no manuscrito o autor adoptou são mais "expressivas", mais ricas de elementos conotativos, mais capazes de sugerir um ambiente local e popular. É outra face do "realismo" de Camilo no momento de viragem em que escreveu essa obra. Utilizo exemplos que, em parte, já foram realçados na introdução da edição crítica. Em vez de *bebeu* (1ª variante) e *gorgolejou* (2ª variante), *gargalçou* (variante definitiva, p. 310); em vez de "não sei que *diabo* de xaropadas", "não sei que *barzabum* de xaropadas" (p. 317); em vez de *arripiada*, *esmaleitada* (p. 337); em vez de "não faça *bulha*", "não *barregue*" (p.338); quando a acção decorre no Brasil, em vez de *patroa*, *sinhá* (p.127). Em certo passo o autor riscou *rapariga* e pôs *cachopa* (p.340). *Começou a chorar* foi substituído por *desatou a chorar* (p.307), acrescentando-se, para caracterizar melhor: "com a maior boca e bulha que podia fazer". *Agachado*, mais descritivo, sucedeu a *sentado*: "*agachado* na raiz de um castanheiro" (p. 308). À palavra *cor* preferiu Camilo um bonito regionalismo: "Tem [outra *cor*] outro *doairo* na cara" (p. 339). No lugar da conjunção e colocou a *mais*, forma retintamente popular: "Andaram por aí os fidalgos de Agunchos [e] a *mais* os filhos do sr. capitão-mor" (p. 339). Duma das alterações (*derreter* por *pintar*) resulta caricatural a referência ao autor de *Iracema*: "cenas de amor brasileiro [...] como tão [*morbidamente as pinta*] *languidamente as derrete* o sr. J. de Alencar" (p. 126). Outro toque original de ironia numa simples mas astuta mudança de prefixo: "Excelente senhora que se *manteve* viúva desde os trinta e dois anos" (p. 8), em "Gracejos que matam" transforma-se em "Excelente senhora que se *conteve* viúva desde os trinta e dois anos". Discretamente, fugindo à sintaxe convencional, o emprego de *conter* por *manter* diz-nos todo o conflito entre o instinto ("trinta e dois anos viçosos") e o amor de mãe (trata-se de D. Helena, que não quis "dar padraço à filha única").

Alguns autores norteiam-se pelo ideal clássico da concisão, da brevidade. Outros, ao contrário, desenvolvem, acumulam, alongam. Aquilino Ribeiro, espantosamente fecundo quer pelo número de livros quer pelo desvelo com que os refundiu para cada nova edição, tenta caracterizar melhor não só substituindo como acrescentando palavras. Confrontem-se as duas versões deste trecho do *Jardim das Tormentas*: 1ª ed., p. 66: "Numa das tardes suaves e gris do Outono, quando no Luxemburgo as folhas voam"; última ed., p. 70: "[...] quando no Luxemburgo as folhas voam, de modo que parecem bandos de aves migradoras e são as únicas asas que se vêem voar". A metáfora desmotivada *voar* em "as folhas voam" desencadeou a imagem poética das "aves migradoras", que lhe veio restituir a motivação. Outro exemplo de transformação, que envolve, aliás, tanto a forma como o conteúdo (a hora do dia), é o seguinte: 1ª ed., p.9: "Estava uma manhã clara e branda, como se o ar fosse um vapor translúcido de alvaiade"; 2ª ed., p. 29: "Estava uma manhã clara e branda, como se o céu fosse todo uma açucena sem mácula"; última ed., p. 33: "Para Oriente anunciava-se um dia claro e brandinho e já o céu parecia uma vaga açucena de prata." A metamorfose apenas ainge na 2ª versão a oração com-

parativa, estendendo-se à oração principal na última versão. Eis como se repartem as variantes:

Estava	manhã clara e branda	como se fosse
Estava	manhã clara e branda	como se fosse
Para Oriente anunciava-se	dia claro e brandinho	e já parecia
	ar	vapor translúcido de alvaiade
	céu + todo	açucena sem mácula
	céu	vaga açucena de prata

Além do recuo no tempo (da manhã para a antemanhã) cumpre assinalar a deslocação no espaço (ar – céu); a descrição do céu tem, na 2ª versão, algo de expressamente simbólico ("sem mácula"), uma ideia de pureza, já insinuada na 1ª versão ("vapor translúcido de alvaiade", isto é, transparência e brancura); na última versão prefere-se outra vez a simbolismo implícito; ao mesmo tempo se precisa (*de prata*) e se esfuma (*vaga*), conseguindo-se um feliz equilíbrio e, com a dupla imagem (*açucena; de prata*), um efeito mais intensamente poético.

Em Ricardo Reis, heterónimo de Fernando Pessoa, o trabalho da linguagem processa-se noutra direcção: tende para um estilo denso, elíptico, alatinado, com vocábulos guindados, solenes, infracções sintácticas, hipérbatos que obrigam a um esforço de leitura. O artifício engenhoso é que será fonte de prazer. A ode que começa "Pesa o decreto atroz" (ed. Ática, p. 116) apresenta duas versões: a primeira: "Pesa o decreto atroz do fim diverso. / Pesa a sentença igual do juiz ignoto / Em cada cerviz viva. É entrudo e riem." Na segunda versão: em vez de "fim diverso", "fim certo"; em vez de "cerviz viva", "cerviz néscia". Com efeito, *certo* é logicamente melhor que *diverso*, é mais coerente, pois a ideia dominante reside na igualdade, não na diversidade, do fim de todos os mortais; e *viva* de nulo valor informativo (está implícito no contexto que se fala de homens enquanto vivos), ao passo que *néscio*, no sentido latino de insciente, mas, parece-me, contagiado pela conotação de termo na acepção actual (restituição da motivação em regime de certa ambiguidade), introduz no discurso um elemento sémico novo, que prepara e, de certo modo, ilumina as frases subsequentes: "É entrudo e riem. / Felizes, porque neles pensa e sente / A vida, que não eles!"

Os últimos quatro versos da ode de Ricardo Reis "A flor que és, não a que dás, eu quero" (p. 86) têm duas versões. A primeira: "Flor vives, vã, porque te flor não cumpres? / Se te sorver esquivo o falso abismo, / Perene velarás, absurda sombra, / O que não deu buscando." A segunda: "Flor, sê-me flor! Se te colher avaro / A mão de infausta esfinge, tu perene / Sombra errarás absurda, / Buscando o que não deste." Cada uma das versões ostenta os seus méritos; designadamente, a 1ª versão, no primeiro verso, apresenta rasgos típicos do estilo do autor: a aliteração "vives, vã" e duas vezes o nome *flor* como caracterizador simultaneamente do sujeito e da acção. Na 2ª versão, porém, encontramos artifícios que faltam na 1ª: o dativo ético ("sê-me flor"), o transporte do 3º para o 4º verso ("perene / sombra"); além disso, o símbolo da morte, menos impressionante mas sorventura mais pertinente, na linha da alegoria que vem de "flor" (em vez do "abismo" que "sorve", a "mão da infausta esfinge" que "colhe"); de mais imediata apreensão agora o último verso: "Buscando o que não deste", em vez de "o que não deu buscando", em que o sujeito de *deu* era "sombra", logo o fulcro se deslocava da 2ª para a 3ª pessoa, isto é, da pessoa invocada para a imagem que se lhe aplica.

Ainda neste heterónimo de Pessoa, a procura da expressão insólita, concentrada, transparece das variantes da ode (p. 95) cujos dois primeiros versos eram "Não pra mim mas pra ti teço as grinaldas / Que de hera e rosas eu na frente ponho", versos assim modificados na versão definitiva: "Tuas, não minhas, teço estas grinaldas / Que em minha frente renovadas ponho." É assim o pronome possessivo que passa a indicar o destinatário. Adiante, na mesma ode, os versos "Um para o outro, mancebo, realizemos / A beleza improfcua mas bastante /

De agradecer um ao outro / Pelo prazer dado aos olhos" são totalmente refundidos, transformando-se em: "Se não pesar na vida melhor gozo / Que o vermo-nos, vejamo-nos, e, vendo, / Surdos conciliemos / O insubistente surdo", expressão muito mais elaborada, onde avultam as repetições lúdicas (três vezes consecutivas *ver*, duas o adjectivo *surdo*) e, como seu resultado, as aliterações, desenhando-se um quiasmo na parte final.

Mas neste último exemplo há um fenómeno que suscita particular reparo: a diluição da personagem invocada. Desaparecendo, na forma definitiva, o vocábulo *mancebo*, deixamos de pressentir na ode o amor homossexual, que se deseja (ou admite) platónico<sup>4</sup>.

Também num soneto de *Almas Cativas* de Roberto de Mesquita (2ª ed., Lisboa, 1973, p. 38) – soneto intitulado "Tarde Sonhadora" –, a figura da personagem a quem o poeta se dirige se esbate da 1ª para a 2ª versão: "Que *de ti* me fala" muda para "Que do Ausente, do Além me fala"; em "E eu sinto, *amor*, na tarde de veludo" a palavra *amor* é suprimida: "E eu sinto errar na tarde de veludo"; por fim, nos versos 12º e 13º, "o *teu ser* angélico" cede o lugar a "um ser feminino, num sonho imerso". O apagamento da personagem (por detrás da qual pode estar o referente) é, pois, no estudo das variantes, uma das perspectivas a ter em conta.

O trabalho da expressão pode realizar-se no sentido de poetizar ou despoetizar o discurso. A imagem é um dos processos de poetização, como no passo do *Romance dum Homem Rico* em que o autor substitui "violência dum temporal" por "asa negra duma tormenta". Toda a frase, aliás, era já figurada, de tom poético: "As primaveras da alma, se a violência dum vendaval as esfolha, nunca mais reverdecem" (ed. crítica, p. 131). Suprimir o *como* comparativo ou expressão equivalente (*parecer*, etc.) ergue o discurso a um grau maior de poeticidade. Enquanto a comparação é "relativamente simples" e "analítica" (observa Albert Henry em "Natura e meccanismo creatore", artigo de *Strumenti Critici*, V, 1, Fev. de 1971, p. 86), a metáfora é "complexa e sintética", ignora as fronteiras reconhecidas pela razão. Recordo uma variante de Raul Brandão, que implica também um novo arranjo frásico; "ninguém se deitava à sua sombra e *parece que nem o sol lhe dava*, estarrecida e fria, a árvore enorme que havia séculos servia de forca" (*História dum Palhaço*, p. 147); "ninguém se deitava à sua sombra, e *até o sol fugia* da árvore estarrecida e hirta que havia séculos servia de forca" (*A Morte do Palhaço*, p. 249). Agora já não parece, é: o sol surge animizado. Num exemplar de *O Pobre Tolo* destinado a 2ª ed., p. 50, há uma correcção manuscrita de Pascoais em que o verbo-cópula substitui *lembrar*: "as florinhas [...] *lembram* flocos de neve" – "as florinhas [...] *são* flocos de neve". Outro exemplo pertence a Aquilino Ribeiro: "grandes vagas de sombra passavam sobre a terra *como asas* de corvos descomunais" (*Jardim das Tormentas*, 2ª e 3ª edições, p. 195); "grandes vagas de sombra *arrastavam* pela terra *suas asas* de corvos descomunais" (última ed., p. 188). A animização das vagas de sombra consumou-se.

Mas também o processo contrário se documenta com trechos de Aquilino, onde um *como*, um *parece*, um *dir-se-ia* acabam por separar os dois elementos identificados pela metáfora: "As naves *eram* áleas orladas de lírios gigantes" (*Jardim das Tormentas*, 2ª ed., p. 38), "As naves *dir-se-iam* áleas de lírios gigantes" (última ed., p.41); "enxerguei através das persianas rotas do quarto alugado uma silhueta fina" (1ª ed., p.74), "enxerguei [...] um corpinho de Gérome perpassando" (2ª ed., p. 89), "enxerguei por entre os reposteiros rotos do quarto alugado como que um corpinho de Gérome perpassando" (última ed., p.78).

Aliciente, quanto a mim, é o confronto da 1ª e 4ª edições (respectivamente 1953 e 1969) do romance *Uma Abelha na Chuva*, de Carlos de Oliveira. Entre essas datas situa-se a experiência do *nouveau roman*. Na 4ª ed., o autor ensaia técnicas recentes, omite certos dados e explicações, convida mais o leitor a uma colaboração activa, inteligente. Veja-se, por exemplo, no capítulo IV a supressão do tempo. Referências cronológicas, tais como "Há trinta anos atrás" (1ª ed., p. 28) faltam na 4ª edição. Refundir é aqui seleccionar, cortar, concentrar. Um trecho que excedia nove linhas fica reduzido a pouco mais de quatro: "Mas a viagem conti-

nuou e D. Maria dos Prazeres sempre conseguiu reatar o discurso. Um casamento como o seu amargava, ia pensando ela. Era ácido, corrosivo. Avançava insaciavelmente para as fontes mais íntimas. Turvava, sujava, destruía. A um casamento assim não era possível resistir senão enquistando numa casca de hábito o gosto de amar, as emoções, os desejos, a alegria. Para ficar dentro do que mandava a decência. Uma tortura. Ou então..." (1ª ed., p. 26); "mas a viagem continuou, *agora e no passado*: não era possível resistir a um casamento como o seu senão enquistando numa casca de hábito o gosto de viver, as emoções, os desejos, o amor, ou então..." (4ª ed., p. 28). Em vez de oito períodos, um só; apenas se diz o necessário, concedendo à sugestão um papel maior; o "ou então..." final é mais ambíguo que na versão de 1953, onde a frase "Para ficar dentro do que mandava a decência", depois de obliterada, contribuía para lhe precisar o sentido; a expressão *agora e no passado*, introduzida posteriormente, esbate as fronteiras do tempo, tendo aqui *viajar*, cumulativamente, um sentido literal e outro metafórico. As alterações observadas neste passo cumpre, aliás, relacioná-las com as produzidas no trecho final do capítulo: 1ª ed., p. 28: "Tinha a certeza de que ia a sorrir, mas dentro de si nascia um grito, um grito sempre reprimido. E agora, volvidos vinte anos, sentia bem que ainda o não soltara"; 4ª ed., p. 30: "sorria, mas dentro de si ia nascendo um grito, um grito sempre reprimido; a chuva caía, caía com certeza, *no passado e agora*". Sublinhei, nos lugares respectivos, *agora e no passado e no passado e agora*: de facto, estas expressões acrescentadas (a mesma, no fim de contas, com inversão da ordem das palavras, espécie de quiasmo a distância, para variedade na repetição) funcionam como *leit-motiv*, princípio de organização do capítulo enquanto unidade semiautónoma, conferindo-lhe uma tonalidade poética. Opera-se a osmose do objectivo e do subjectivo: se chovia *no passado e agora*, é porque não há solução de continuidade entre o vivido (evocado) e o real presente.

Também a supressão do *como* comparativo é um traço de poetização em Carlos de Oliveira: na 1ª ed. d' *Uma Abelha na Chuva* lê-se (p. 24): "Um tumultuar de coisas fundas acordava nela, *como* uma fonte que começa a brotar tenuemente e muito ao longe, na infância"; na 4ª ed. (p. 26), irrompe na sequência narrativa a fonte como imagem simbólica, provocando um efeito de surpresa e expectativa: "Primeiro, a fonte brotou tenuemente, muito ao longe, na infância".

As inovações da técnica narrativa situam melhor o leitor no campo subjectivo da personagem. Sem transição, justapõem-se agora o discurso indirecto livre e o monólogo interior, em que a personagem "fala" no presente e na primeira pessoa: "Se lhe ficava de olho! Não, que os desabafos indiscretos comprometiam-na também a ela" (1ª ed., p. 34); "Se lhe ficava de olho! Não, que os desabafos indiscretos comprometem-me também a mim", etc. (4ª ed., p. 36). Há um capítulo – XXIII – em que a narração passa a ser feita no imperativo, dirigindo-se o narrador à personagem. Enquanto na 1ª ed. se lia "Puxou a gola do capote sobre a nuca e alapou-se" (p. 144), "Apavorado, levantou uma aba do capote e agasalhou rapidamente o ferido" (p. 146), etc., na 4ª ed. lemos: "puxe a gola do capote para a nuca, mestre António, encolha-se mais" (p. 137), "levante a aba do capote, mestre António, e agasalhe o ruivo" (p. 139).

À interiorização da narrativa associa-se uma sistemática mudança de ritmo; os períodos relativamente longos da 4ª ed. absorvem muitas vezes quatro, cinco, seis períodos mais ou menos curtos da primeira: "Álvaro Silvestre vendeu. Mas passados tempos (há quinze dias precisamente, pensou D. Maria dos Prazeres) chegavam ao Montouro notícias do vagabundo. Uma carta do seu próprio punho anunciando o regresso. Nem de propósito, voltava o estoiravergas. Riquíssimo, dizia ele. Descobrira umas minas fabulosas, não explicava onde nem de quê, mas era coisa para comprar a Gândara em peso, não esquecendo o belo fêmeaço de Corgos" (1ª ed., p. 31); "Vendeu, mas passados tempos, faz hoje precisamente quinze dias, chegavam ao Montouro notícias do vagabundo, uma carta do seu próprio punho anunciando o regresso, nem de propósito, volta o estoiravergas, riquíssimo diz ele, descobriu umas minas fabulosas, não explica onde nem de quê, mas é coisa para comprar a Gândara em peso, sem

esquecer o belo fêmeaço de Corgos" (4ª ed., p. 33). Esfumam-se nestes períodos mais longos certas distinções da narrativa tradicional, "realista" (objectivo / subjectivo, discurso directo / discurso indirecto livre, presente / passado, etc.), expressas no enunciado ou marcadas por sinais gráficos (pontuação, uso do itálico).

8. Até aqui, ocupei-me das variantes de que o próprio autor é responsável. Mas também sucede serem as variantes intromissões doutras pessoas que, por diversos motivos, alteram um texto alheio. E tais modificações podem assumir valor documental para a história da cultura, a história social, a história política. Por exemplo: na edição de Ferrara da *Menina e Moça* (1554), "agora de novo estampada e com summa deligencia emendada", a invocação "Santa Maria val-me", de Avalor náufrago, a qual se encontra nas versões de Madrid e Évora, foi substituída por "Valha-me Deus" (p. 125 da edição crítica, organizada por Dorothee Groenker, Lisboa, 1947). Ora, como acentua Eugénio Asensio, só os editores de Ferrara, os Usques, na sua condição de judeus, achariam necessário "emendar" este passo (cf. *Revista Brasileira de Filologia*, 1957). Outra variante curiosa, ditada, esta, por uma nova conjuntura histórica, a um século de distância da redacção do texto, é a que nos oferece a *Miscelânea* de Garcia de Resende, dada a lume em 1554, na edição de 1622. A estância 36 terminava com os versos "portugueses, castelhanos / ñ hos quer deos jutos ver". Pois o editor de 1622 decidiu acomodá-los ao tempo do domínio filipino, e, como é sabido, inverteu-lhes o sentido: "Portugueses, Castelhanos, / Já os quer Deos juntos ver."

Caso diferente o dum original que um escritor, interrompido pela morte, não pôde limar, e que amigos dedicados "melhoram" com vista à publicação. Eça de Queirós pertence ao número de autores assim "melhorados". Graças a Helena Cidade Moura, a quem já fazemos uma boa edição crítica d'*O Crime do Padre Amaro*, é-nos dado actualmente ler *A Cidade e as Serras* no texto genuíno (ed. Livros do Brasil) e compará-lo com a versão convencional, "revista" por um amigo de Eça, aliás escritor notável também: Ramalho Ortigão (porventura substituído, a certa altura, por Luís de Magalhães). Cito algumas variantes póstumas que me parecem menos felizes.

Eça escreveu: "E eis que um abortozinho [o revisor acrescentou *de rapaz*, com uma preocupação de clareza], amarelo e sebento, de longas melenas, umas enormes lunetas rebrilhantes, se arrebita, me fita e me grita: – Sale maure!" [o revisor emendou: "se arrebita, me fita e me berra: – Sale maure!"] (p. 244). Pergunto: a série de três formas verbais com *i* tónico não seria intencional? Não seria um modo de, pela fonética expressiva, caracterizar ainda jocosamente o "abortozinho"? Não poderíamos aproximar o passo daquele de Garrett nas *Viagens* que nos fala duma *Fleur de Marie* a "fazer pieguices com uma roseirinha pequenina, bonita, que morreu – coitadinha"? (ed. Sá da Costa, p. 28).

Da pena de Eça ficou: "Paguei por grossos preços garrafas do nosso rascante e rústico vinho de Torres, enobrecido com o título de Château Isto, Château Aquilo" (p. 242). Ramalho, ou alguém por ele, querendo nobilitar o estilo, substituiu *rascante* por *adstringente*. Perdeu-se a conotação de gíria de rascante, a expressividade do termo, e, com ele, a alteração, decerto premeditada (*rascante* / *rústico*). Além disso, afouçou o contraste entre o alto preço, o nome requintado – e a baixa categoria do vinho.

Ainda a queirosiana frase "Pálidos e finos choupos, em renques pautados e finos, bordavam canaizinhos muito direitos e claros" (p. 234). Pois o revisor cortou o adjetivo *finos* na sua primeira ocorrência, para evitar a repetição! Que Ramalho me perdoe: esta brada aos céus! O quiasmo (*finos choupos, renques finos*) não é uma negligência, é uma prova do gosto, um requinte de arte impressionista. Ernesto Guerra Da Cal estudou em Eça os efeitos estilísticos da repetição, apontando frases como "Dois poços fundos não luziam mais *negra* e *taciturnamente* que os seus o-lhos *taciturnos* e *negros*" (*Língua e Estilo de Eça de Queirós – I Elementos*).

*tos Básicos*, Rio, 1969, p. 254), em que também o quiasmo (embora imperfeito: adjetivo + advérbio + adjetivo + adjetivo) comparece.

9. Finalmente – e seria este um terceiro capítulo no estudo das variantes – há casos em que as variantes não são datáveis, em que não podemos reconstituir uma sucessão, e em que, portanto, se impõe a óptica sincrónica, tornando-se descabida a concepção de variante como progresso. Exemplo: a própria *Menina e Moça*, entre cujas versões manuscritas e impressas se descobrem importantes diferenças. E logo na frase do começo tão célebre: "Menina e moça me levaram de minha mãe para muito longe", reza a edição de Ferrara; "Menina e moça me levaram de casa de meu pai pera longes terras", traz a edição de Évora. Não há razões filológicas, tanto quanto sei, que nos levem a preferir qualquer das variantes; apenas razões estilísticas, a sensibilidade, o prazer do leitor. Na edição de Ferrara (p. 28 da edição de Grokenberger) lê-se: "deixaram-se os seus olhos cansadamente cerrar para sempre". Na edição de Évora a perífrase reforça a expressão durativa: "deixaram-se-lhe os seus olhos hir cansadamente cerrando pera sempre". Serão ambas as versões de Bernardim? E qual a mais antiga?

Dorothee Grokenberger notou uma tendência sistemática em variantes da edição de Évora: "A aposição de expressões sinónimas parece uma peculiaridade do estilo responsável pela edição de Évora" ("Variantes quinhentistas da *Menina e Moça*", in *Boletim de Filologia*, XI [1950], p. 76). Com efeito, Ferrara - Madrid trazem "mesuradamente entrou" (p. 40), Évora "muito mesurada e humildemente entrou"; em Ferrara - Madrid lê-se "encobertamente" (p. 103), na edição de Évora "encoberta e muito secretamente"; em Ferrara - Madrid "me lembra que" (p. 59), na edição de Évora "me vem na memória e lembra que"; e assim por diante. Por hipótese, o estudo das variantes levaria, em dadas circunstâncias, a identificar um "revisor" de boa vontade ou um continuador.

Sector, neste domínio, privilegiado é o da literatura oral, em que a mesma espécie se apresenta, por vezes, numa dezena, ou mais, de versões. No *Romanceiro Português* de Leite de Vasconcelos, manancial espantoso, colhi variantes dum passo do romance "O Lavrador" (vol. II, Coimbra, 1960, pp. 329 e ss.):

*Penafiel:*

Levantou-se o lavrador, – foi ver o que o pobre tinha:  
Viu o Senhor crucificado – numa cruz de prata fina.

*Rebordainhos, concelho de Bragança:*

Levantou-se o lavrador – a ver o pobre que tinha.  
Achou-o crucificado – numa cruz de prata fina.

*Parada, concelho de Bragança:*

Levantou-se o lavrador – a ver o pobre que tinha.  
Achou-o disciplinado – numa cruz de prata fina.

*Alfaião, concelho de Bragança:*

Levantou-se o lavrador – a ver o pobre que tinha.  
Achou-o disciplinado – com uma cruel disciplina.

*Nogueira, concelho de Bragança:*

O lavrador levantou-se – a ver o pobrezinho que tinha.  
Encontrou-o espolinhando – numa cruz que a sala tinha.

*Concelho de Bragança:*

Levanta-se o lavrador – a ver o pobre que tinha.  
Achou-o *cepelinado* – c'ũa grande *cepelina*.

*Concelho de Bragança* (recolhida pelo Abade de Baçal):

Levantou-se o lavrador – a ver o que o pobre tinha.  
Achou-o disciplinando-se – c'uma grande disciplina.

*Cinães:*

Ergueu-se o lavrador, – ver o qu' o *probe* tinha:  
Achou-o crucificado – numa cruz de prata fina.

*Rapa, concelho de Celorico da Beira:*

Levantou-s' o lavrador – [a] prèguntar o que tinha;  
Achou-o crucificado – numa cruz de prata fina.

*Cadafás, concelho de Celorico da Beira:*

Levantou-s' o lavrador, – foi ver o que o pobre tinha.  
Achou Deus crucificado – numa cruz de prata fina.

Cada unidade frásica menor apresenta variantes, repartindo-se estas, em consequência, pelos vários compartimentos da língua.

Temos assim:

1º) No sector do vocabulário, as expressões alternantes *levantou-se / ergueu-se; ver / prèguntar; achou / encontrou / viu; crucificado / disciplinado / disciplinando-se / espolinhando; cruz / disciplina; grande / cruel; cruz de prata fina / cruz que a sala tinha; o Senhor / Deus*. Estas variantes atingem, por vezes, a estrutura profunda e envolvem substituição do referente (*cruz / disciplina*). Algumas radicam-se em associações paradigmáticas: as expressões alternantes ou apresentam semelhanças de forma (*cruz de prata fina / cruz que a sala tinha*, em que *prata / sala e fina / tinha* se relacionam pela assonância) ou se caracterizam por equivalência ou afinidades semânticas (*ver / prèguntar; disciplinando-se / espolinhando; cruel [disciplina] / grande [disciplina]*). São de considerar à parte as variedades geográficas ou culturais dum mesmo significante (*disciplina / cepelina*).

2º) Tempos verbais: *levantou-se / levanta-se; achou-o / achara-o*.

3º) Sintaxe: expressão da finalidade: *foi ver / ver / a ver*. Organização sintáctico-narrativa: alternância do pronome pessoal e do nome: *o* [referido a pobre], *o Senhor / Deus*. Interrogativa indirecta: *o pobre que tinha / o que o pobre tinha*.

4º) Ordem das palavras: *levantou-se o lavrador / o lavrador levantou-se*.

Quando, no início desta exposição, aludia ao interesse linguístico do estudo das variantes, designadamente para a gramática gerativa, pensava, em particular, nas variantes, tão copiosas e tão diversas, que se nos deparam nos romances tradicionais. É um acervo imenso de transformações que dizem respeito não só a estruturas de superfície como a estruturas pro-

fundas e à própria diegese. O admirável aspecto criador da actividade linguística, posto em relevo por Chomsky (cf., por exemplo, "Form and Meaning in Natural Languages", in *Language and Mind*, edição aumentada, Nova Iorque, 1972, pp. 100 e ss.), está aqui bem patente. E quem diz actividade linguística diz, neste caso, actividade literária daqueles que transmitem um romance reinventando em certos passos a "fábula". É sabido: quem conta um conto acrescenta um ponto; aqui, porém, não se trata só de acrescentar, mas de transformar. É a grande ciência das metamorfoses que está em jogo.

10. Propus atrás, como utensílio operatório, um conceito de *variação* conexo com o de *variante*, mas apenas o deixei vagamente enunciado. Para terminar, gostaria de fazer a esse respeito algumas observações mais.

Definição de Matoso Câmara referida à língua: "Consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso. Esta variação real é compensada por uma invariabilidade permanente, que faz de cada realização, a rigor diferente de qualquer outra, a apresentação de uma invariante que é o seu padrão" (in *Dicionário de Filologia e Gramática*). A literatura, como a língua, participa desta lei do mundo e da vida: cada rosto, cada árvore, etc., são a emergência individual dum modelo, que o espírito humano, abstraindo, constrói; de igual modo cada romance é um avatar do Romance, cada epopeia uma realização original da Épica; por detrás de cada metáfora se desenha, esquemática, a Metáfora. O diferente aparece como variante (ou variação?) duma constante. Quando vivemos ou pensamos entramos no jogo dialéctivo do mutável e do permanente (aliás, mutabilidade já implica em permanência).

Porque o uso dos termos *variante* e *variação* não está ainda disciplinado, torna-se mais difícil marcar fronteiras entre os dois conceitos. Preservando o sentido de *variante* consagrado em filologia, poderíamos, creio eu, fixar uma distribuição das duas palavras por áreas semânticas contíguas e dizer que a variante é uma hipótese, escolhida ou rejeitada, de solução expressional única; feita a escolha, a solução adoptada substitui (condena) as outras. As variações, essas não são permutáveis nem se excluem mutuamente: coexistem no texto, cada um no seu lugar, como partes dum todo orgânico. E o simples facto de se repetir uma palavra (ou um grupo de palavras ou uma frase) comporta a variação no sentido de se tirarem dessas unidades efeitos diferentes em momentos ou contextos diferentes; que mais não seja um efeito de intensificação.

A variante, na acepção tradicional, define-se sintagmaticamente, por oposição a outras unidades. A variação, pelo contrário, se não erro, define-se em função dum paradigma, de algo que não está junto dela mas sim implícito nela, bem como noutra ou noutras variações que com ela constituem uma série<sup>5</sup>.

Busquemos, para maior clareza, o apoio do concreto. De Fernando Pessoa, por exemplo, lê-se nas *Poesias Inéditas* (vol. VII das *Obras Completas*, ed. Ática, p. 52): "Ah, tudo é igualdade e analogia! / O vento que passa, esta noite fria". E no *Primeiro Fausto* (vol. VI das *Obras Completas*, p. 76): "Ah, tudo é símbolo e analogia! / O vento que passa, a noite que esfria". Os respectivos poemas, por sinal, estão datados: o primeiro de 1923, o segundo de 1932. Não parece tratar-se dum aproveitamento intencional; terá sido a memória involuntária do poeta que lhe trouxe à pena, com leves modificações, a mesma ideia vertida em idêntica expressão. Uma variação, quanto a mim, que não uma variante.

Cotejemos agora dois passos de Raul Brandão em *A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore* (Lisboa, 1926): "É por isto que eu fujo de conversar. / Sou tão comediante que nunca digo o que penso e o que sinto. Também nunca ouço o que os outros dizem, e, enquanto finjo escutar atento, *penso no que vou dizer*. Assim o que digo são restos de frases, palavras que



trago na cabeça. E da conversa saio sempre humilhado e irritado" (p. 158, I. 1-9); "É por isto que eu fujo de conversar: / *Não é por ser comediante* que nunca digo o que penso e o que sinto. Também nunca ouço o que os outros dizem e, enquanto finjo escutar atento, *penso em ti – vivo para ti...* Assim o que digo são restos de frases, palavras que eu trago na cabeça. E da conversa saio sempre humilhado e irritado" (p. 179, I. 6-14). Variantes? Eu direi antes que são variações. Quase completamente iguais, os dois passos só divergem nos traços que me permiti sublinhar. O sujeito do discurso elege sucessivamente, à distância de vinte páginas, duas possibilidades que, se logicamente se contrariam, em alternância psicológica podem coexistir. Afirma, pois, no decurso da obra, uma coisa e o seu oposto. Se quando conversa não é sincero, é porque: 1º) é um comediante que pensa no que vai dizer; 2º) não sendo um comediante, só pensa na pessoa a quem se dirige. Em torno do mesmo eixo giram as duas alternativas que constituem as variações. O que se glosa é o porquê da insinceridade na conversa. As variações ressaltam por se recortarem no mesmo fundo de permanência.

As cantigas paralelísticas da lírica medieval dão-nos outro bom exemplo. A reiteração, aqui imposta por um modelo aceite, logo premeditada, é o princípio de organização que a elas preside. "Os usos práticos do poema – a dança, a magia, o trabalho, a competição entre cantadores – tendem a fixar um paralelismo literal, com fórmulas estabilizadas e variações reduzidas" (Eugenio Asensio, *Poética y Realidad en el Cancionero Peninsular de la Edad Media*, Madrid, 1957, p. 81). Se não há propriamente imobilidade, a progressão é lenta, pelo constante repetir e retomar do já dito:

*Per ribeyra do rio  
vi remar o navio,  
e sabor ey da ribeyra.*

*Per ribeyra do alto  
vi remar o barco  
e sabor ey da ribeyra.*

*Vi remar o navio:  
i vay o meu amigo,  
e sabor ey da ribeyra.*

*Vi remar o barco:  
i vay o meu amado,  
e sabor ey da ribeyra.*

*I vay o meu amigo,  
quer-me levar consigo,  
e sabor ey da ribeyra.*

*I vay o meu amado,  
quer-me levar de grado,  
e sabor ey da ribeyra.*

(in Celso Ferreira da Cunha,  
*O Cancioneiro de Joan Zorro*,  
Rio de Janeiro, 1949, p. 53).

O corpo narrativo desta barcarola reduz-se a quatro frases – "Per ribeyra do rio / vi remar o navio, / i vay o meu amigo, / quer-me levar consigo" – a que se junta o refrão, que

exprime a alegria da moça: "e sabor e y da ribeyra". O resto são repetições: de significantes, de estruturas sintáticas, de rimas, de significados. O paralelismo semântico abrange as seguintes correspondências, quase todas de sinonímia: *rio / alto; navio / barco; amigo / amado; consigo / de grado*. Nos versos paralelos, temos, por conseguinte, como invariantes, a frase (excepcionalmente a última palavra ou unidade lexical), a estrutura do verso (metro, rima) e o sentido. Assim, no verso "I vay o meu amado", a escolha da variável (*amado*) obedece a várias "instruções definitórias", para utilizarmos a nomenclatura de Jiří Levy ("Genesi e ricezione dell'opera d'arte", in *Strumenti Critici*, nº 14, Fev. de 1971, p. 57): a) condição semântica: dizer algo semelhante a *amigo*, em paralelo com o verso "I vay o meu amigo"; b) condição gramatical: ser um nome; c) condição rítmica: ser palavra trissilábica. No caso do último verso, "quer-me levar de grado" (último se excepcionalmente o refrão), a variável não é um sinónimo, pois não significa o mesmo que *consigo*, mas perfaz as condições gramatical e rítmica e enquadra-se no sentido contextual.

Voltemos, para novos exemplos, a Fernando Pessoa, em cuja obra, vasta, múltipla, ocorrem frequentes variações (não merecem esta designação os próprios heterónimos enquanto expressões interdependentes de atitudes temperamentais e mentais perante a vida?). Um dos seus derradeiros poemas, datado de 17-IX-1935, é o que começa "O véu das lágrimas não cega" e vem nas *Novas Poesias Inéditas*, pp. 137-139. Este poema parece (sem o ser) uma versão dum trecho muito conhecido da "Ode Marítima" de Álvaro de Campos, pela expressão da nostalgia da infância mediante a evocação duma doce melodia, a que a mãe tocava ao piano, *Un soir à Lima*: "O que essa música me entrega – / A mãe que eu tinha, o antigo lar [...]". Em Campos era uma tia que cantava romances tradicionais, a "Bela Infanta", a "Nau Catrineta", ou a ária "Que noite serena! / Que lindo luar!", tudo símbolos da infância perdida. O motivo comparece igualmente em trechos da poesia ortónima que são verdadeiras variações: "Pobre velha música! [...] Não sei se te ouvi / Nessa minha infância / Que me lembra em ti" (*Poesias Ortónimas*, p. 98); "Ah, como incerta, na noite em frente, / De uma longínqua tasca vizinha / Uma ária antiga, subitamente, / Me faz saudades do que as não tinha" (*Poesias Inéditas 1930-1935*, p.86). A "pobre ceifeira" que canta "como se tivesse / Mais razões pra cantar que a vida" (*Poesias Ortónimas*, pp. 110-111) e a "lavadeira" que, batendo roupa no tanque, "Canta porque canta e é triste / Porque canta porque existe; / Por isso é alegre também" (*Novas Poesias Inéditas*, p. 83) não passam de variações do motivo, obsessivo em Pessoa, do problema da felicidade, ligado ao dilema consciência / inconsciência. A ideia de que só os outros, porque vistos de fora, são felizes encontra expressões diferentes em Álvaro de Campos ("Na casa defronte de mim e dos meus sonhos / Que felicidade há sempre! [...] / São felizes, porque não são eu", p. 55) e em Pessoa Ortónimo: "Ser feliz é ser aquele. / E aquele não é feliz / Porque pensa dentro dele / E não dentro do que eu quis" (*Poesias Inéditas 1930-1935*, p. 48). Variação pode ser afirmar e negar a mesma coisa: ao "nada vale a pena" da Segunda Veladora d'*O Marinheiro* responde o "tudo vale a pena" da *Mensagem*. Noutra plano, consiste em repetir e combinar diversamente as mesmas palavras: "Há entre quem sou e estou / Uma diferença de verbo / Que corresponde à realidade" (Campos, p. 70); "Entre o que vivo e a vida, / Entre quem estou e sou / Durmo numa descida" (*Poesias Ortónimas*, p. 171); "No intervalo entre o que sou e estou, / A natureza, exterior, tem sol" (*Novas Poesias Inéditas*, p. 68). Reparem nas três modulações: *entre quem sou e estou; entre quem estou e sou; entre o que sou e estou*. Os casos são inesgotáveis, em Pessoa como noutros poetas, cuja obra se apresenta como incessante busca, numa sucessão de incidências do já escrito sobre a escrita.

Outro campo aberto ao estudo do que chamo variações é o das estruturas narrativas, a que se têm aplicado pioneiros como Propp, Souriau, Greimas, Barthes, Claude Bremond, Todorov (cf. *Sémiotique Narrative et Textuelle*, colectânea prefaciada por Claude Chabrol, Paris, 1973). Com efeito, neste nível, os *actores* (personagens) surgem como inúmeras realizações possíveis dos *actantes*, logo como variáveis de invariantes, de acordo com a definição de

Propp: "Os elementos constantes, permanentes, do conto são as funções das personagens, sejam quais forem estas e a maneira como as funções são desempenhadas." Assim, um número indefinido de personagens cabem na categoria do Sujeito, ou na do Objecto, ou na do Adjuvante, ou na do Oponente, etc. Do mesmo modo, na gramática narrativa as acções são redutíveis a uma tipologia, pelo estabelecimento de modelos: perda → recuperação, degradação → reabilitação, etc.

Variações ainda aquilo a que Robert Georjgin, explorando a via psicanalítica, chama *variantes*: "Todos os romances", diz ele, "são as variantes dum esquema estrutural único" (*La Structure et le Style*, 1975, p. 32) – e por esse esquema tenta reconstituir nos textos o "fantasma" do autor.

Qual a pertinência e qual a rendibilidade das perspectivas que sugiro, resultantes da integração do conceito de *variante* no de *variação* e, seguidamente, duma distribuição de empregos pelos dois significantes? Ao leitor e ao tempo caberá decidir.



Congresso Internacional de Filologia Portuguesa. Sessão de 13/11/73, no auditório da Universidade Federal Fluminense, em Niterói - RJ. Comunicação do Prof. Doutor Jacinto do Prado Coelho – "Filologia e Literatura: O Estudo de Variantes". Na foto, da esquerda para a direita: José Blanc de Portugal, Hernâni Cidade, Maria Clara da Gama Monteiro, Cleonice Berardinelli, Ana Maria Serpa Barroso e o orador.

\*

## NOTAS

- 1- Este é um caso que, evidenciando o papel do subconsciente no trabalho da expressão, poderia ilustrar a desconcertante fórmula de I. Fónagy: a forma está para o conteúdo como o inconsciente para o consciente ("Le Language poétique: forme et fonction", in *Problèmes du Langage*, de vários autores, Paris, 1966, p. 100; cit. por Stefano Agosti in *Strumenti Critici*, nº 14, Fev. de 1971, p. 35).

- 2- O tratamento das personagens nas várias edições do *Húmus* de Raul Brandão ilustra bem a ideia duma interdependência: as alterações só ganham pleno sentido numa visão de conjunto. A par das personagens que se mantêm inalteradas, há aquelas que o autor suprime (D. Pavao, D. Pelinrice, D. Engrácia, o Dr. Arrobas e muitas outras, "galeria de personagens psicologicamente mal definidas, sem interesse para a acção, que só iriam sobrecarregar a obra sem a valorizar"), aquelas em que se processa um enriquecimento psicológico (nomeadamente Joana e o filósofo Gabiru, em que o autor se projecta) e, finalmente, aquelas cuja psicologia se torna mais elementar, a fim de melhor desempenharem a função de personagem-tipo, ao serviço dum pensamento condutor (ver Maria da Graça Verschneider Gonçalves, *A Elaboração do "Húmus" de Raul Brandão Através do Estudo das Suas Variantes*, tese de licenciatura, Lisboa, 1971, pp. 151-220). A mesma visão da obra como um todo orgânico, seja em prosa ou em poesia, se impõe na análise de variantes em estratos diferentes, até no tocante a micro-estruturas. Por hipótese: a substituição dum advérbio no terceiro verso dum poema pode relacionar-se com a substituição dum adjectivo no último verso.
- 3- A classificação de L. Vildé-Lot em "André Gide et l'art d'écrire d'après les variantes des *Nourritures Terrestres* et de quelques oeuvres de jeunesse" (*Le Français Moderne*, vols. 28 e 29, 1960 e 1961) é minuciosa mas insuficiente, limitadíssima, se aplicada a outros autores.
- 4- E note-se: já nas duas versões atrás citadas da ode de R. Reis "A flor que és, não a que dás, eu quero" se insinua a relação homossexual, portanto os adjectivos *esquivo* (1ª versão) e *avaro* (2ª versão) qualificam aquele a quem o poeta se dirige, esboçando-nos o perfil dum mancebo que foge a entregar-se, cioso do seu corpo.
- 5- O conceito de variação confundir-se-ia com o de metamorfose, assim definido por Carlos de Oliveira, in *O Aprendiz de Feiticeiro*: "acto de repetir as formas, quer dizer, de criar formas novas mas idênticas".

\*\*\*

## NOTAS E COMENTÁRIOS

### SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA EM ÁFRICA E NO ORIENTE

Antônio Gomes da Costa  
Real Gabinete Português de Leitura  
Liceu Literário Português

Mestres e estudiosos da Língua Portuguesa, vindos de diversas partes do mundo – uns da Europa, outros da África, outros do Extremo Oriente – juntaram-se aos mestres e estudiosos brasileiros para discutir e avaliar o estado do Idioma, refletir sobre os seus contatos com outras línguas, sobre os reflexos das mudanças políticas na evolução e permanência do Idioma e sobre os desafios inerentes ao ensino e à difusão geográfica. Vieram a convite do Liceu Literário Português, para enriquecer mais uma de suas iniciativas, e vieram, acima de tudo, movidos pelo interesse intelectual e pelo carinho que dedicam, todos, há muitos anos, aos estudos, à pesquisa e ao conhecimento da linguagem, nas diversas vertentes e nos seus múltiplos aspectos.

Foram dias de colheita e também de sementeira. De colheita, porque aprendemos muito com as lições e as experiências aqui reveladas, porque confirmamos, ouvindo os depoimentos que cada um trouxe, que nos diversos continentes continua a realizar-se um trabalho admirável por parte de muitos no sentido da Língua não perder domínios, nem prestígio e de continuar a ser o instrumento de fraternidade e de convívio para aqueles povos cujas raízes são comuns e cujas linhas de convergência gostaríamos que nunca fossem, no futuro, quebradas ou rompidas.

As variantes e as particularidades morfossintáticas do Português de Angola ou de Moçambique; a claridade literária de Cabo Verde; o cerco francófono da Guiné-Bissau; a sobrevivência dos crioulos indo-portugueses a lembrar-nos os “patterns” lusíadas deixados em Goa, Damão e Diu; o “papiá-cristão” do “Portuguese Settlement” em Malaca; o esforço fantástico que está a ser feito em Macau para a preservação das raízes portuguesas na Língua, na memória, na arquitetura quando no final do século a administração do território for transferida para a República Popular da China tudo isto, e muito mais, foi objeto de análise e de debate ao correr

deste Simpósio. Uns vieram de além-mar com os traços vivos de sua fidelidade às matrizes do Idioma; outros trouxeram-nos da África de Mia Couto e de Luandino Vieira a magia e o surpreendente da frase; estes falaram-nos das pesquisas e da plasticidade da linguagem de Euclides ou do Guimarães Rosa; aqueles de suas investigações em torno da musicalidade das palavras ou rituais etnolinguísticos de Moçambique; e ainda aqueles outros trouxeram-nos o encantamento do Ocidente, alertaram-nos para o desvio do epicentro da História no próximo milênio, para o “doce falar” daquelas famílias portuguesas que através de gerações sucessivas souberam manter, no foz do Rio das Perólas e perto das muralhas chinesas, uma presença portuguesa, que, quase juramos, não irá extinguir-se, nem escapar pela Porta do Cerco, porque, longe de estarmos no “fim da História”, como alguns pensaram, olhando a ruptura dos regimes políticos e o fim da bipolarização mundial, estamos no início de um novo tempo onde serão importantes os valores de uma cultura por cujo ecumenismo e universalidade havemos de lutar, com as nossas forças, com o nosso trabalho, com o nosso sonho.

Congratulamo-nos com os participantes deste Simpósio e agradecemos a todos o terem vindo, trazendo-nos os seus ensinamentos e honrando-nos com sua participação.

Nada mais justo do que termine esta intervenção com palavras de reconhecimento – este é o dia certo de o fazer. Reconhecimento, que começa, obviamente, pelos que vieram de mais longe, de outros países e de outros Estados. Sabemos o que representou de sacrifício e de esforço para os que vieram de fóra, mas estamos também certos que o fizeram com gosto: primeiro, porque vinham ao Brasil, e esse anúncio, desde a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel, dando conta da boa nova da chegada da frota cabralina a Porto Seguro, sempre suscita interesse e encantamento por esta terra boa e acolhedora; depois, porque outros vieram em missão de serviço, cruzados de uma causa e sacerdotes de uma religião, que é a Língua Portuguesa.

O nosso reconhecimento vai também para as instituições e Universidades, que, solidárias com os nossos propósitos, contribuíram para o êxito deste projeto.

O nosso agradecimento para todos os participantes do Brasil – de S. Paulo e da Paraíba, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro – que com sua competência e participação muito nos ajudaram.

Também uma palavra de muita gratidão ao Presidente e à Diretoria do Liceu Literário Português pelo zelo, empenho e entusiasmo com que conduzem esta Casa e pelos programas de trabalho que vêm sendo cumpridos. Administradores sem remuneração, esquecem o seu próprio negócio, a sua família, as suas horas de lazer, para se dedicarem a esta causa de servir Portugal e o Brasil. Na pessoa do Presidente Edison Chini, queremos testemunhar a todos o reconhecimento da nossa comunidade.

Finalmente, minhas Senhoras e meus Senhores, permitam-me que realce, no encerramento deste Simpósio, a cansaça, o merecimento, a doação, o entusiasmo e o carinho de um grupo de Homens que um dia tive a sorte de conhecer e a coragem de pedir para que colaborassem conosco na criação do Instituto de Língua Portu-

guesa do Liceu Literário Português. Vieram e com sua presença esta Casa ganhou foro e primícias universitárias. Cursos foram organizados; passou a editar-se semestralmente a revista “Confluência”; em 1992 realizou-se o 1º Simpósio Internacional sobre a Língua Literária; sucederam-se debates e mesas-redondas sobre a reforma ortográfica, a gramática, os aspectos da sintaxe, a morfologia e o aprimoramento da linguagem; e agora entregaram-se à organização deste novo Simpósio. Como aumentou a nossa dívida! Já tínhamos antes – pois dobramos o seu tamanho, pela aplicação e pelos cuidados, pela entrega e pela amizade. Ao Prof. Silvio Elia; ao Prof. Evanildo Bechara; ao Prof. Maximiano de Carvalho e Silva; ao Prof. Gladstone Chaves de Mello; ao Prof. Antonio Basilio Rodrigues, com os agradecimentos do Liceu Literário Português, que interpreto nesta hora em nome do Dr. Edison Chini, Presidente da Diretoria, quero acrescentar a minha maior admiração e toda a minha estima.

Com os votos de Feliz regresso e de felicidades para todos, com os nossos agradecimentos e com um “até breve”, declaro encerrado, em nome da Diretoria do Liceu Literário Português, o Simpósio Internacional da Língua Portuguesa em África e no Oriente.

*Liceu Literário Português*

Rio de Janeiro, 28/4/95

(No encerramento do Simpósio Internacional da Língua Portuguesa em África e no Oriente)

\*

**SBLLE SOCIEDADE BRASILEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA  
XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA E LITERATURA  
MESA REDONDA: AS ATUAIS DIMENSÕES DA CRÍTICA GENÉTICA  
(25 DE JULHO DE 1995 - 16:00)**

Philippe Willemart  
USP

Supondo que o público conhece a crítica genética e sabe do que ela trata, vou tentar esboçar os rumos atuais da crítica genética no Brasil, especificando que me deterei mais sobre a crítica genética a partir dos manuscritos literários.

Sem querer capitalizar para a Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário, a APML, tudo o que acontece em crítica genética, é entretanto, que eu

saiba, a única organização que tentou reunir a um nível nacional os pesquisadores do manuscrito literário. Relendo, portanto, a produção escrita da APML e de seus membros, conseguiremos delinear as linhas fundamentais que norteiam a pesquisa.

A APML concentra basicamente sua produção nos cinco números de sua revista *Manuscrita*<sup>1</sup> e nas Atas de seus quatro congressos<sup>2</sup>.

Os temas do último encontro intitulado *Gênese e Memória* resumem bem as tendências atuais da crítica genética, no Brasil: gênese e ciências, manuscrito e documentação, práticas de edição e poética da escritura.

1. Partindo do princípio que os fenômenos de criação que acontecem em todos os campos da atividade científica devem coincidir, a Comissão Científica convidou Nelson F. Ferrara, professor de física na USP para tratar do assunto. Novo para a maioria, esse primeiro tema estabeleceu as relações possíveis entre três modelos para complexidade: o caos determinístico, as estruturas dissipativas e a complexidade a partir do ruído, com elementos do processo de criação literária e de leitura.

2. O segundo tema se referia aos acervos existentes no Brasil. Além da *Fundação Casa de Rui Barbosa* do Rio de Janeiro e do *Instituto de Estudos Brasileiros* de São Paulo, mais conhecidos, destaco o projeto "*Memória do manuscrito literário brasileiro*", dirigido por Roberto de Oliveira Brandão, que pretende catalogar todos os manuscritos literários em posse de instituições, pesquisadores e autores, como forma de auxílio aos especialistas em edição crítica e análise genética do texto literário. Uma primeira catalogação saiu na *Manuscrita* n°5.

3. O terceiro tema, aparentemente mais clássico, demonstrou, no entanto, uma maior articulação possível entre os editores e a crítica genética. As mesas redondas discutindo a edição da *Clavis Prophetarum* e de *Grande Sertão Veredas* não se contentaram em discutir as variantes e estabelecer os estemas, termos consagrados da filologia, mas se sentiram "tomados" pela genética. Estudaram as diferentes versões, o vocabulário, o glossário, as condições culturais, tentaram perceber os processos de criação desses autores e interpretaram.

Isto é, para apresentar uma boa edição crítica, não basta tentar reencontrar o primeiro texto ou estabelecer a integralidade das outras versões; o editor, rico de sua experiência e de seu conhecimento da "obra se fazendo", se sente forçado em entrar na crítica genética.

Da mesma maneira, após a descrição minuciosa dos roteiros de navegação dos séculos XVI e XVII e a sugestão de normas para editá-los, a pesquisadora Célia Telles pretende descobrir as estruturas que regem esses discursos.

Este mesmo tema 3 permitiu ainda a vários participantes mostrar um trabalho que se estende à história da medicina, da lingüística, das ciências, etc.

A edição crítica dá portanto margem a estudos diversificados da cultura brasileira e não se limita à literatura.

O quarto tema tratou em grande parte de assuntos já mais comuns entre nós, a saber os manuscritos relacionados com a literatura; mesmo se a crítica genética



ligada com a literatura ainda é pouco conhecida por pesquisadores e professores em sala de aula, ela é bastante explorada e divulgada entre nós nos anais dos três congressos anteriores e nos cinco números de *Manuscrita*, se detendo em autores clássicos como Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, Pedro Nava, Hermílio Borba Filho, José Lins do Rego, Cláudio Manuel da Costa, etc. sem falar dos clássicos argentinos, uruguaios, portugueses e franceses.

Mas a equipe dirigida por Cecília Almeida Salles apresentou trabalhos inéditos sobre cinema, arquitetura e pintura que revelam a universalidade dos fenômenos da criação e a diversidade dos campos de atuação da crítica genética.

Resumindo, o que pude notar durante esse congresso foi efetivamente *uma invasão do conceito de gênero e dos estudos de gênese* em campos que, até há pouco, ignoravam o termo. Como se ele cimentasse vários campos da ciência, separados até hoje, o conceito de gênese, talvez por ser o título do Congresso, operou como um catalisador e forçou os pesquisadores a um diálogo profícuo.

Outras questões pendentes que afloraram no congresso ou depois tocam a crítica genética propriamente dita. Vou ressaltar somente três que parecem importantes para nossa elaboração teórica.

1) A conferência de Luiz F. Duarte, da Universidade Nova de Lisboa, intitulada "Prática de edição: onde está o autor?" enfatizou a noção de "vontade do autor", exemplificando as dificuldades do editor crítico em determinar essa "vontade" em vários autores já que, após cada rasura ou novo texto, se manifesta uma outra vontade. Outras comunicações dos temas 2 e 3 usaram também esta expressão.

No entanto, um orientando de Cecília A. Salles, Edson do Prado Pfützenreuter, da PUC-SP, contrapõe uma outra vontade que decorre do material usado. Cito:

"a constituição natural diz respeito às características físicas da matéria e estas por se oporem à vontade do artista representam outra vontade. A relação do artista com seu material, por isso, não é dominadora; envolve o que Pareyson<sup>3</sup> chama de "uma espécie de obediência criadora" da qual nasce algo "misto da vontade do produtor e da vontade do meio"<sup>4</sup>.

O que fazer com essas vontades? Podemos mantê-las? Não haveria possibilidade de mudar o termo e por que mudar?

Já tinha abordado a questão em outros trabalhos diretamente<sup>5</sup> ou indiretamente<sup>6</sup>. Dizia que a vontade que manda no texto é a lógica do texto e não a vontade de quem escreve. O autor é certamente a instância que conclui cada rasura, deixando a supressão, substituindo a palavra ou a frase ou deslocando o parágrafo, mas essa instância não pode ser assimilada ao "eu" do escritor. O autor que manda na escritura resulta de uma feliz conjugação entre a linguagem ou, melhor, a escritura e algo não dominado pelo "eu", chamado subconsciente, inconsciente ou eu profundo, pelos próprios escritores.

Por que essa recusa do conceito "eu"?

Não preciso lembrar o avanço trazido por Freud no conhecimento do ser humano e a desconfiança da aparência do sujeito que não reflete sua complexidade. Freud descreve o eu como uma cebola na qual cada camada representa uma projeção-idealização das pessoas que cercaram a criança. Poucas vezes se sabe com qual camada tratamos, porque lidamos freqüentemente com fantasmas e não com o sujeito. A maioria de nossos contactos envolvem um mundo ficcional, já que o sujeito poucas vezes está onde pensamos encontrá-lo: "errando, sua palavra foge do engodo e cai no engano" (Lacan).

Não podemos, portanto, contar com um "eu" tão volúvel e tão dependente das projeções de outrora. Por isso, sugiro o abandono desse conceito tão marcado pela filosofia positivista e por uma psicologia datada que não levam em conta a contribuição da psicanálise.

Usar o conceito "vontade do autor" decorre, a meu ver, da mesma filosofia positivista e da mesma psicologia antefreudiana. "Lógica do texto" ou "lógica do material", no caso de artes não literárias, têm a vantagem de marginalizar, mas não eliminar, a vontade do escritor, porque é claro que essa vontade interfere ainda, mas não mais como uma instância soberana. Em caso de dúvida, o crítico deve recorrer não a testemunho ou textos anteriores, mas primeiramente à crítica interna do texto que lhe indicará o caminho coerente.

2) No debate que se seguiu à conferência de Louis Hay do ITEM-CNRS intitulada "A memória dos signos", uma frase de Valéry, afirmando que a escritura permitia a passagem do caos do pensamento à ordem da escritura foi comentada, mas merece uma explicação maior. Acreditamos<sup>7</sup> facilmente que nossa mente vive em profunda desordem e, portanto, que a função da escritura é colocar ordem em nossas idéias.

Saussure afirmava que "O pensamento, caótico por natureza, é forçado a se determinar, se decompõe"<sup>8</sup>. A expressão "esclarecer as idéias" revela também essa mentalidade.

Pergundo se não é um preconceito decorrente de nossa cultura ocidental que desconfia da mente e do corpo, objetos de paixões, ou melhor, se essa concepção da mente não é uma projeção do nosso "eu" que não entende o trabalho da mente e prefere atribuir esse non-entendimento ao caos das representações mentais do que a um limiar de entendimento difícil de franquear. Parecidos com Hesíodo na *Teogonia*, preferimos batizar de caos o que precedeu a criação do mundo, já que não concebemos o que "existia" antes.

Por que não defender a hipótese de uma lógica nas representações da mente que precede a criação pela escritura? Mesmo, se não a entendemos, por que não aceitar que existe uma coerência na mente? Vejam bem que não defendo aqui a hipótese de alguns pesquisadores em ciências cognitivistas que sustentam a presença no cérebro de estruturas pré-estabelecidas. Refiro-me, pelo contrário, à estrutura do inconsciente singular definido pela teoria lacaniana<sup>9</sup>, baseado na língua materna do sujeito, que dita uma lógica feroz, ilustrada em geral pelo discurso dos analisandos<sup>10</sup>.

Acrescentaria para uma compreensão maior que, por um lado, não posso conceber uma mente sem memória, e que, por outro lado, distingo com Lacan, uma memória vital à base de impressões, chamada por Platão de memória da reminiscência e uma memória simbólica estruturada por significantes<sup>11</sup>.

A questão central para a crítica genética continua sendo o processo de criação no manuscrito, mas, supondo que uma outra lógica funciona antes da escritura, talvez mudemos de perspectiva. Tratando-se, não mais de uma criação na qual o escritor se torna instrumento da linguagem e de sua cultura, mas de um compromisso no qual o escritor "cuida" de uma passagem de uma lógica para outra, a escritura não seria uma ordenação de coisas discordantes, mas o confronto de dois mundos, o mundo da mente e o mundo da linguagem, ou, para retomar a divisão freudiana, o mundo das representações de coisa que inclui as do corpo e das pulsões e o mundo das representações verbais. A origem da criação decorreria deste confronto e não somente do trabalho na página branca ou das operações inconscientes. Lembro que Freud e Lacan já se preocupavam com esta problemática e que podemos, graças ao manuscrito, oferecer subsídios valiosos à discussão.

3) Um terceiro ponto decorre de uma demanda recente de assessoria, depois de um exame da tese de um doutorando da UNICAMP que integrava a equipe fundada por Cláudia Lemos, intitulada "Aquisição da linguagem". Tratava-se do início da escritura em crianças de 6-7 anos. Eduardo Calil que defendeu sua tese em fevereiro deste ano, utilizou os conceitos da crítica genética, para aproximar a criação literária com iniciantes e com escritores, isto é, para reunir a pedagogia da imersão na escritura e a descoberta dos processos de criação em autores conhecidos. Não era novidade na educação em si, já que professores do secundário utilizam conceitos da crítica genética no ensino da redação, mas é a primeira vez no Brasil que eu saiba, que uma equipe de pesquisa articula a crítica genética com a aprendizagem da escritura a um nível acadêmico.

Às vezes, pergunto por que trabalhar com manuscritos de escritores estrangeiros e nacionais, por que fazer estas pesquisas de ponta em um país de tantas outras necessidades.

A resposta me foi dada com esta tese. Descobrir os processos de criação nos escritores pode orientar a imersão na escritura de milhares de crianças, adolescentes e universitários.

Terminarei aqui, esperando que esses três pontos suscitem debates e reflexões inéditas. Agradeço sua atenção.

## NOTAS

- 1- *Manuscrita*, São Paulo, APMML, 1990.1.
- Manuscrita*, São Paulo, APMML, 1991.2
- Manuscrita*, São Paulo, APMML, 1992.3
- Manuscrita*, São Paulo, APMML, 1993.4

- Manuscrita*, São Paulo, APML – Annablume, 1994.5. (distribuidora Odisseia no Rio: 771-0272)
- 2- *O manuscrito moderno e as edições*. São Paulo. FFLCH-USP, 1986.  
*II Encontro ed. crítica e crítica genética: eclosão do manuscrito*. São Paulo, FFLCH-USP, 1990.  
*III Encontro de Ecdótica e crítica genética*. João Pessoa, Idéia, 1993.  
*Gênese e Memória*. (IVº Encontro) São Paulo, ed. Annablume, 1995.
  - 3- Pareyson., Luigi. *Os Problemas da Estética*. 2ª ed. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1989 p. 125
  - 4- Sogabe, Milton. *Material Ymaterial*, 1990, (Dissertação de mestrado – PUC). p. 6.
  - 5- Willemart. Intenção do autor, vontade do autor ou lógica do texto. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 1992. pp. 128-135.
  - 6- Id. *Universo da criação literária*. São Paulo, Edusp, 1993. p. 60-63.
  - 7- Insisto no termo "acreditar" que subentende uma fé.
  - 8- "La pensée, chaotique de sa nature, est forcée de se préciser en se décomposant". Saussure, Ferdinand de. *Cours de Linguistique générale*. Payot, 1969. p. 156.
  - 9- O inconsciente lacaniano reúne os três registros do Real, do Imaginário e do Simbólico e abrange o inconsciente freudiano concentrado no complexo de Édipo.
  - 10- Ver o discurso do pequeno Hans descrito por Freud em *Cinq Psychanalyses*. PUF. 1975. p. 93s e o comentário de Lacan no *Le Séminaire. Livre IV. La relation d'objet*. Paris, Seuil, 1994. p. 199s.
  - 11- "le signifiant est véritablement organisateur de quelque chose d'inhérent à la mémoire humaine. ... pour autant qu'elle implique dans sa trame quelques éléments de signifiant, elle se trouve fondamentalement structurée d'une façon différente de la mémoire vitale dont toute conception repose sur la persistance ou l'effacement d'une impression. Lacan. *Le Séminaire. Livre IV. La relation d'objet*. p. 234.

\*\*\*

## REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

A ACADEMIA CEARENSE DA LÍNGUA PORTUGUESA está comemorando o seu 18º aniversário. Foi seu primeiro presidente o filólogo Hélio Melo, que hoje pode ver frutificada a semente que então plantou, juntamente com outros eminentes confrades. Por isso o último número de seu *Boletim Informativo* é do mesmo dia e mês, 28 de outubro, do ano da fundação.

Por esse *Boletim*, vê-se como a Academia vem cumprindo, fiel e vitoriosamente, a missão a que se impôs. Num momento em que lições mal digeridas, levam professores e até algumas instituições de ensino a investir contra o padrão culto do idioma, é salutar e reconfortante ver como os verdadeiros mestres de todos os recantos do país se unem em torno do melhor conhecimento das generosas raízes de nossa língua materna, para saber usá-la com proficiência, eficiência e amor.

\*

Foi o Prof. Antônio Houaiss, que, mais de uma vez, tem prestigiado, com o brilho de sua cultura e inteligência, várias das realizações do nosso Instituto de Língua Portuguesa, homenageado, pela passagem dos seus oitenta anos, com uma publicação editada pela Civilização Brasileira, intitulada *Antônio Houaiss: uma Vida*. São quarenta os amigos e colaboradores que participam do volume, além de uma *Tabula Gratulatoria*, em que se inscrevem mais de cem nomes ilustres. Honra ao mérito, ao valor e ao desprendimento.

\*

Do Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho temos o prazer de registrar o aparecimento de mais duas obras, fruto do seu constante e fecundo labor intelectual: *Camões, o Desconcerto do Mundo e a Estética da Utopia* e o 3º volume da *Lírica de Camões*, dedicado às *Canções*, editado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de Portugal. Desses volumes trataremos mais extensamente em nosso próximo número.

\*

Do Prof. Hélio Melo, seguro conhecedor do nosso idioma e consagrado batalhador das boas causas que envolvam o prestígio e enobrecimento da língua portuguesa, recebemos *Pronúncias, erudita e vulgar*. Em poucas páginas, o Prof. Hélio Melo se ocupa com várias questões de prosódia da língua, que vêm atormentando a argúcia e ciência de gramáticos e filólogos. *Cleópatra* ou *Cleopatra? júniors* ou *juniores?* (claro que esta é a correta, como ensina o A.), *caráteres* (errado) ou *ca-*

racteres?, *trôpo* ou *trópo*? E assim muitos outros casos. Livrinho para ler e aprender.

\*

*Glotta* é a revista de estudos lingüísticos editada pelo Curso de Pós-Graduação em Letras, da UNESP e é integrada no seu Conselho Editorial pelos professores Ermínio Rodrigues e José Guimarães Mello. O presente número, o 16º 1994-1995, traz os seguintes artigos; "Introdução ao estudo do narratário (1), Gerald Prince", de Cláudia Maria Xatara e Wanda Ap. Leonardo de Oliveira; "Linguagem e caracterização na *Cena Trimalchionis: Hermerote*, de Cláudio Aquati; "O ritmo como agente de sedução e resistência", de Carmen Lúcia Zambon Firmino; "Perspectivas atuais dos estudos literários", de Massaud Moisés; "Pirandello, o humorista da alienação", de Valdemar Munhoz Rodrigues, e "Dicionário de neologismos do português contemporâneo, IV", de Ermírio Rodrigues.

Parabéns à direção da Revista, pois conhecemos as dificuldades que têm de vencer os responsáveis em nosso país por uma publicação de nível universitário, mormente na área de Letras.

\*

*Dicionário de Termos Literários*, por Massaud Moisés. 7ª ed. Editora Cultrix, São Paulo, 1995.

Prestando relevantes serviços desde 1974, chega à sua 7ª edição este instrumento de trabalho, que já marcou seu lugar definitivo entre as obras congêneres. Fruto de uma atividade magisterial sempre preocupada em pôr nas mãos de colegas, alunos e interessados pelo tema o melhor guia, o Prof. Massaud Moisés tem dado aos estudos literários prestimosa colaboração não só no seu ensino em sala de aula de graduação e pós-graduação, como ainda na publicação ininterrupta de importantes obras que o público estudioso vem justamente consagrando através dos anos.

\*

*Função e Dinâmica das Línguas*, por André Martinet. Tradução portuguesa de Jorge Morais Barbosa e Maria Joana Vieira Santos. Livraria Almedina, Coimbra, 1995.

Tradução da obra do notável funcionalista francês André Martinet, saída por Armand Colin Editeur em 1989 e já consagrada na bibliografia lingüística européia, graças à riqueza do pensamento lingüístico do autor. Trata-se de um conjunto de textos que foram inicialmente publicados em francês, inglês e espanhol, e que constituem, segundo Martinet, "uma apresentação bastante completa de uma teoria e prática lingüísticas que se desenvolveram ao longo dos últimos sessenta anos, primeiro em Praga, depois em Paris e Nova Iorque, mas merecedores também de atenção pelo mundo fora, como prova a variedade dos locais de onde provêm" (p.7). O volume consta de seis capítulos, além do Prólogo: *A lingüística funcional; Aprender a falar; aprender a ler; A variedade das línguas; As unidades distintivas; As unidades significativas; O sentido*. Finaliza a obra uma *Bibliografia de André Martinet*

que, entre livros, artigos e entrevistas do mestre francês e de publicações sob sua direção, cobre o período que vai de 1933 a 1991.

A presente tradução abarca todos os capítulos, alterando apenas o segundo (*Aprender a falar; aprender a ler*) que, "conservando todo o seu sentido e utilidade na versão original, os perderia em tradução e deixaria por isso de se justificar aqui", sendo, assim, uma parte pequena "substituída, com a concordância do Autor, por um texto publicado na revista *La Linguistique* (...) e que, assinalado e perfeitamente integrado na devida oportunidade, veio enriquecer a edição portuguesa".

Por fim, a tradução da obra não poderia estar em melhores mãos, especialmente em relação ao Doutor Jorge Morais Barbosa, que divulgou em língua portuguesa os *Éléments de linguistique générale*, de André Martinet, tradução que já vai na 11ª edição, prova cabal de sua excelência.

\*

*Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*, por Jorge Morais Barbosa, Livraria Almedina, Coimbra, 1994.

A obra que ora apresenta o ilustre catedrático de Coimbra é na essência o conteúdo ministrado em cursos universitários sobre o tema, especialmente nos anos letivos de 1991-1992 e 1992-1993, na Madeira, na roupagem de um manual didático elaborado com muita clareza e elegância e muito fiel à orientação doutrinária exposta na sua tese principal de doutoramento de Estado na Sorbona – *Études de Phonologie Portugaise*, 1965, com segunda edição em 1983, hoje ambas praticamente esgotadas. Esta orientação doutrinária prende-se "a Saussure e Trubetsky revista pelo funcionalismo e em especial por André Martinet" (p.VIII). Segundo o Autor, o arcabouço teórico da tese e sua aplicação à descrição da fonologia do português estão presentes na atual *Introdução* porque "nenhuma obra, filiada na mesma ou outra orientação científica, pôs em causa a validade dos resultados expostos na tese de 1965 (...), sem que por isso possa considerar-se uma sua versão reduzida ou simplificada" (p. VIII).

Acresce o Autor à fonologia a parte relativa à morfologia, constante do conteúdo programático dos aludidos cursos universitários; acerca desse acréscimo no novo manual didático declara: "Por maioria de razão, talvez seja tida por novidade a visão aqui apresentada da morfologia em geral e a descrição de largos aspectos da morfologia portuguesa, em particular, em relação aos quais era omissa, na tradição de Praga e deliberadamente excluída a "morfologia", a tese de 1965".

Integram o livro oito capítulos: Conceitos teóricos fundamentais (1-26); O som: natureza e audição (27-36); Princípios de fonética articulatória (37-70); Fonologia (71-126); Acento e sílaba (127-139); Consonantismo (141-159); Vocalismo (161-203); Morfologia (205-252).

Seguem-se Conclusão (253-261), Anexos (263-280), Bibliografia recomendada (265-275), Alfabetos fonéticos (277-280), Bibliografia citada (281-283) e Índices (285-295).

\*

XIX Colóquio Internacional de Lingüística Funcional. Actas: Société Internationale de Linguistique Fonctionnelle. Faculdade de Letras, Coimbra, 1995.

As *Actas* do XIX Colóquio Internacional de Lingüística Funcional, realizado em Coimbra, de 21 a 26 de maio de 1993, são agora publicadas graças à interveniência do funcionalista competente e aguerrido Doutor Jorge Morais Barbosa, apoiado pelas autoridades competentes da Universidade de Coimbra e de sua Faculdade de Letras, da Junta Nacional de Investiga o Científica e Tecnológica, do Instituto Camões e da Funda o Calouste Gulbenkian, tendo a presente edi o sido preparada por Gis le Ducos e Jorge Morais Barbosa. A sessão de abertura do Colóquio foi dedicada à memória de Georges Mounin, falecido em 10 de janeiro de 1993, com as alocu es de A. Martinet e Luc Bouquiaux, havendo ainda uma alocu o do Doutor Aníbal Pinto de Castro em homenagem a Manuel de Paiva Bol o, falecido em 1 de janeiro de 1992, a cuja memória foi dedicado o n  6 da nossa *Confluência*.

O Colóquio dividiu-se por quatro temas: 1) *O português entre as línguas*; 2) *Axiologia das unidades de inventários fechados*; 3) *Teoria lingüística e ensino de línguas*; 4) *A análise sint tica*. Seguiram-se comunica es individuais, um relatório de pesquisas em andamento e um balanço dos vinte anos de colóquios da SILF, devido à competência da Doutora Gis le Ducos. Na sessão de encerramento, usaram da palavra os mestres André Martinet, Luc Bouquiaux e Jorge Morais Barbosa.

Um Colóquio de tal magnitude reúne trabalhos do maior interesse, não são do ponto de vista teórico, mas ainda do ponto de vista descritivo de variadas línguas. Para que o leitor possa ter uma idéia dos assuntos  i tratados, vale a pena inteirar-se pelo menos dos títulos das comunica es relativas aos quatro temas centrais: O português entre as línguas; Axiologia das unidades de inventários fechados; Teoria lingüística e ensino de línguas e A análise sint tica

\*

*Miscelânea em Homenagem ao Prof. Dr. Gladstone Chaves de Melo*. Editora Lucerna, Rio de Janeiro, 1995.

Amigos, discípulos, admiradores e parentes do Prof. Dr. Gladstone Chaves de Melo, reuniram-se nesta coletânea de estudos sobre temas em que trabalhou, na sua extens ssima bibliografia, o notável estudioso da Língua Portuguesa, cujos méritos se atestam não são pelo prestígio de que goza dentro e fora do país, mas ainda na boa acolhida de suas obras, com sucessivas reedi es. Consta a presente *Miscelânea* de treze estudos assinados por especialistas nacionais e estrangeiros onde, com certeza, muitas li es e informa es sobre aspectos lingüísticos, literários, filológicos e de crítica textual encontrarão os estudiosos dessas áreas do conhecimento.

*Confluência* associa-se a esta justa e merecida homenagem ao Prof. Gladstone Chaves de Melo pelo muito que contribuiu e continua a contribuir para o maior e mais profundo conhecimento de nossa língua e de nossa literatura.

\*\*\*



## RESENHAS CRÍTICAS

MESSNER, Dieter. *Dicionário dos Dicionários Portugueses*. II: ABD-ABU. Institut für Romanistik der Universität Salzburg. 1994.

No nº 7 desta Revista, relativo ao 1º semestre de 1994, às págs. 105 e 106, demos notícia do 1º volume desta obra, publicado em 1994. Apraz-nos ressaltar a presteza com que a publicação vem sendo editada: dois volumes em apenas um ano! Aliás, dada a extensão da obra, ainda assim serão necessários muitos anos para a sua conclusão. Como referimos em nossa resenha, em muito boa hora Messner providenciou a publicação da sua obra também em CD-ROM. No prefácio do volume II, seu autor informa: “Ao mesmo tempo em que publicamos o segundo volume do *Dicionário dos Dicionários Portugueses*, está também pronta a disquete do primeiro volume (letras ABA-ABC). Cremos que a publicação electrónica não só constitui um avanço importante para a lexicologia portuguesa, senão também oferece possibilidades até agora desconhecidas nesta disciplina da filologia portuguesa. Cada utente poderá, de maneira autónoma, analisar, com a ajuda de software adequado (programas de pesquisa) o aspecto que lhe interessar.”

Provavelmente, com o intuito de reduzir um pouco o ‘gigantismo do dicionário, o qual, como informamos em nossa resenha ao 1º volume, atingiria a cifra ‘gigantesca de cerca de 200 volumes, Messner resolveu eliminar parte dos dicionários pesquisados e incluídos no 1º volume. Diz ele: “O número de obras registradas no primeiro volume era 61; como já constatámos, no prefácio do primeiro volume, alguns destes livros (sobretudo os dicionários bilíngues) não contribuem para um melhor conhecimento do léxico português: só permitem estudar a estrutura das entradas e a dependência de muitas delas de obras precedentes. Esta temática, importante para a análise histórica da lexicografia da língua portuguesa, pode ser estudada a partir dos exemplos contidos no primeiro volume do *Dicionário dos Dicionários Portugueses*.” Reduzindo de 61 para 36 os dicionários e as obras de interesse lexicológico, o autor procedeu com bastante critério.

No substancioso prefácio deste 2º volume, Messner oferece ao consulente várias informações de alta relevância. Aludindo, por exemplo, ao lamentável atraso da lexicografia portuguesa – assunto este para o qual já temos insistentemente chamado a atenção dos estudiosos, desde o ano de 1953 –, o ilustre romanista, e lusitanista, mostra como o seu dicionário permite a retrodatação de muitíssimos vocábulos estudados nos dicionários etimológicos de J. P. Machado e A. G. Cunha. Sobre a datação do vocabulário português, afigura-se-nos indispensável reunir um grupo de estudiosos, os quais – a exemplo do que vem fazendo Bernard Quemada, para a retrodatação do vocabulário francês, com a publicação, desde 1959, dos *Ma-*

*tériaux pour l'histoire du vocabulaire français* – procederiam à leitura e recolha do abundante material disperso em milhares de obras de língua portuguesa, desde as origens do idioma até os dias de hoje. A propósito, refira-se aqui que Messner já vem trabalhando neste campo com várias publicações, particularmente em revistas européias. Para o progresso da lexicografia portuguesa seria muito importante que uma instituição cultural luso-brasileira assumisse o encargo, tal como ocorreu na França, de uma publicação periódica em que fossem registradas as retrodatações do vocabulário português pesquisadas por estudiosos dos dois países e, bem assim, por lusitanistas estrangeiros. O autor deste *Dicionário dos Dicionários Portugueses* seria convidado, naturalmente, a colaborar com estas pesquisas !

Concluindo seu prefácio, Messner agradece novamente a colaboração do Fonds zur Förderung der wissenschaftlichen Forschung, Wien; a Fundação Calouste Gulbenkian, e a Universidade de Salzburg. E nós também, concluindo esta breve resenha, reiteramos nossos votos para que essas instituições continuem a patrocinar tão grandioso empreendimento, e que o Prof. Dieter Messner tenha forças para levá-lo a bom termo o mais brevemente possível.

A. G. Cunha

## NOTICIÁRIO

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA promoveu, de 24 a 28 de julho último, o seu tradicional *Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*, agora o XXVII! É um verdadeiro *record* em nossa vida universitária a realização anual, sem interrupção, durante quase três décadas, de um encontro dessa natureza. Deve-se essa façanha ao Presidente da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura e Presidente executivo do Congresso, Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho. A Presidência de Honra do Congresso foi conferida ao Dr. Antônio Gomes da Costa, que está renovando e soerguendo as relações culturais luso-brasileiras.

Muitas foram as atividades desenroladas durante o encontro, das quais, por angústia de espaço, só poderemos selecionar algumas. A abertura do Congresso, p. ex., pertenceu ao escritor português Casimiro de Brito, com a conferência *A Poesia à beira do milênio*; ao conferencista foi outorgada, na oportunidade, a *Medalha Oskar Nobiling*. Yonne Leite ocupou-se com *A pesquisa com línguas indígenas brasileiras*; Antônio Sérgio de Mendonça falou sobre *Antonio Houaiss, o teórico da Literatura*; Telênia Hill tratou da relação entre *Tempo e Cultura*; Fátima Helena Azevedo de Oliveira apresentou as características de *O Português de Maputo*. Houve ainda mesas-redondas sobre *A moderna poesia brasileira*, *As atuais dimensões da crítica genética*, *A moderna poesia portuguesa*, *A Literatura Portuguesa na Universidade*, *O discurso feminino na literatura* e *As utopias medievais*.

\*

O REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA, a ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS e a FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL fizeram realizar, nos dias 12, 13 e 14 de setembro deste ano, o II Seminário Camões-Letras, durante o qual se cumpriu a seguinte programação: a) Sessão solene de abertura, presidida pelo Dr. Antônio Gomes da Costa, Presidente do Real Gabinete, na qual falou o Prof. Dr. Eduardo Lourenço, da Universidade de Nice; b) Quatro mesas-redondas: a primeira presidida pela Prof. Margarida A. Ferreira, da UFRJ e com a participação dos professores Beatriz Berrini, PUC/SP, e Carlos Reis, Univ. Coimbra; a segunda sob a presidência do escritor Josué Montello, da ABL, com a participação dos professores Cleonice Berardinelli, da UFRJ e Luís Fagundes Duarte, da Univ. Nova de Lisboa; a terceira sob a presidência da prof. Laura Cavalcanti Padilha, UFF, e a participação das professoras Isabel Pires de Lima, da Univ. do Porto, e Elza Miné, USP; finalmente a quarta e última sob a presidência do Prof. Dr. Affonso Romano de Sant'Anna, Diretor da Fundação Biblioteca Nacional, e a participação do escritor Josué Montello, Presidente da Academia Brasileira de Letras, Leonor Bassères, da TV GLOBO, Luciana Stegagno Picchio, da Univ. de Roma, Marcos Almir Madeira, Presidente do PEN CLUBE DO BRASIL, e Renato Cordeiro Gomes, PUC/RJ.

A representatividade dos participantes serviu para demonstrar mais uma vez, nesse preito ao poeta máximo da língua, a fidelidade brasileira às raízes culturais da nacionalidade.

\*

No 14 de setembro último, a Universidade Federal do Rio de Janeiro concedeu, em sessão solene realizada no Salão Pedro Calmon do Forum de Ciência e Cultura, o título de Doutor Honoris Causa ao Prof. DR. EDUARDO LOURENÇO DE FARIA, da Universidade de Nice, França. O Prof. Eduardo Lourenço nasceu em Portugal, onde atualmente vive e exerce o seu profícuo labor cultural. Autor de numerosas obras, todas de fina e arguta interpretação das linhas de força da cultura moderna, o gesto da nossa UFRJ revela a sensibilidade das Universidades brasileiras para com os valores marcantes da inteligência da grande pátria irmã.

\*

### III Encontro Internacional de Queirosianos

Promovido e organizado pelo Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP – realizou-se de 18 a 24 de setembro o III Encontro Internacional de Queirosianos, comemorativo dos 150 anos de nascimento do autor de *A Relíquia*.

De diversas Universidades de Portugal, Inglaterra, Itália, França, de instituições, como a Biblioteca Nacional de Lisboa e o Gabinete de Estudos Históricos e Documentação de Sintra, acorreram professores, pesquisadores, estudiosos, para além de 150 participantes, para comunicar, intervir, debater, coordenar e relatar.

O programa das sessões compreendia lançamentos, conferências, apresentações, mesas-redondas, comunicações, distribuídas em intensos quatro dias de trabalho, em que Eça foi considerado, revivido, examinado, discutido e projetado nas mais diferentes amplitudes do panorama literário, histórico-sociológico, filosófico e político.

De tão vasto programa torna-se difícil destacar qualquer um dos temas ou particularizar algum dos eminentes especialistas que na tribuna de apresentações ou no convívio deram evidentes mostras de seu conhecimento e de sua dedicação ao "Pobre homem da Póvoa de Varzim".

À frente do evento vale ressaltar a competente coordenação da professora Elza Miné, que contou com a eficiente e correta atuação da professora Benilde Justo Lacorte Caniato.

O Liceu Literário Português fez-se representar no III Encontro Internacional de Queirosianos com a participação sempre competente do nosso colega Antônio Basílio Rodrigues.

\*

Dentro do programa *75 anos da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, incluiu o *Programa 500 Anos de Brasil* uma conferência do Prof. Dr. Sílvio Elia, Vice-Presidente do nosso Instituto de Língua Portuguesa, subordinada ao mesmo título do Programa. Perante seletto auditório, desenvolveu o Prof. Sílvio Elia o tema proposto, concluído com as palmas do auditório. O evento ocorreu no dia 18 de setembro último e se realizou no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ.

\*

A FACULDADE DA CIDADE realizou no período de 27 a 29 de setembro último uma série de conferências sobre o tema geral "Camões e os Descobrimientos Portugueses". A Comissão Diretora esteve assim constituída: Dr. Vasco da Graça Moura, representando a cultura portuguesa, Presidente de Honra; Dr. Carlos Paes, Cônsul Geral de Portugal no Rio de Janeiro, Homenagem Especial; Dr. Antônio Gomes da Costa, Presidente da Federação das Associações Luso-Brasileiras, Homenagem Especial; Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho, Professor Titular da UFRJ, Coordenador. Eis os temas expostos e debatidos e respectivos palestrantes: *Os Descobrimientos Portugueses e a Literatura: um caminho sinuoso e inconcluso*, Prof. Carlos Ascenso André; *Unidade e diversidade do mundo lusofônico*, Prof. Sílvio Elia; *Edições críticas da lírica de Camões*, Prof. Álvaro de Sá; *As Rimas de Camões quatrocentos anos depois de publicadas*, Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho; *Sobre o pensamento utópico na epopéia camoniana*, Prof. Antônio Sérgio de Mendonça; *Camões, o gigante Adamastor e os descobrimientos portugueses*, Prof. Nadiá Paulo Ferreira; *Concerto de Vozes-Desconcerto do Mundo: Camões e Martín Moxa*, Prof. Maria do Amparo Tavares Maleval; *As sete tiragens da 1ª edição da lírica de Camões*, Prof. Marina Machado Rodrigues; *Camões, o Descobridor*, Prof. Marina Cutman Tosta Paranhos.

Esta série de estudos da obra camoniana, promovida pela Faculdade da Cidade, no transcurso da passagem do quarto centenário da primeira edição da Lírica, converteu-se num alto evento comemorativo de tão expressiva data da cultura luso-brasileira.

\*

Com o patrocínio da Câmara Municipal de Vila Nova do Famalicão, o Centro de Estudos Camilianos e a Casa-Museu de Camilo, contando também com o apoio da Fundação Cupertino de Miranda, promoveram um COLÓQUIO sobre *A Mulher na Vida e Obra de Camilo*, no período entre 19 e 21 de outubro do ano em curso. No elenco das eminentes figuras ligadas aos estudos camilianos, que participaram do COLÓQUIO com comunicações, podemos registrar as seguintes: Alexandre Cabral, Aníbal Pinto de Castro, Antônio Cabral, João Bigotte Chorão, José Viale Moutinho, Maria Alzira Seixo, Maria Lúcia Lepecki, Maria Luísa de Paiva Boléo. Durante o COLÓQUIO, foram lançadas as seguintes edições comemorativas: *Roteiro Dramático dum profissional das Letras e Narrador*, *Tempo e Leitor* na novela camiliana, respectivamente de Alexandre Cabral e Aníbal Pinto de Castro; edição fac-similada das seguintes obras de Ana Plácido: *Luz coada por ferros* e *Herança de lágrimas*, acompanhada de um estudo preliminar de Aníbal Pinto de

Castro. Esta iniciativa cultural insere-se no programa das Comemorações Nacionais do Centenário da morte de Ana Augusta Plácido (1895-1995).

\*

Cumprindo a sua missão de manter sempre vivo o conhecimento largo e aprofundado da língua luso-brasileira, "porque quem não sabe não na estima", o Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, promoveu, no período de 24 a 27 de outubro do corrente ano a sua 1ª Semana de Estudos da Língua Portuguesa, sob a presidência do Dr. Edison Chini, Presidente do Liceu. A sessão inaugural foi aberta com a conferência do Dr. Antônio Gomes da Costa, que se ocupou, com a precisão e agudeza de sempre, o tema *A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*. As demais palestras foram proferidas pelos seguintes professores e respectivos temas: Dino Preti (USP) *Diálogo literário e realidade lingüística*; Maria Filomena Gonçalves (Univ. de Évora) *As idéias lingüísticas em Portugal no séc. XVIII*; Heitor Megale (USP) *A post-vulgata arturiana na Península Ibérica*; Leodegário A. de Azevedo Filho (UFRJ) *Algumas questões filológicas na lírica de Camões*; Válder Kehdi (USP) *Diretrizes gerais para elaboração de uma gramática descritiva*; Maximiano de Carvalho e Silva (UFF) *Camões, sempre!*; Antônio Geraldo da Cunha (FCRB) *O vocabulário português: datações e retrodatações*; Evanildo Bechara (UERJ) *A complementação nominal do verbo em português*; Sílvio Elia (ILP) *A negatividade em português*. Houve ainda uma mesa-redonda sobre *O recente acordo ortográfico luso-afro-brasileiro*, com a participação dos professores Adriano da Gama Kury, Manuel Pinto Ribeiro e Dr. João Malaca Casteleiro, sob a presidência do Prof. Evanildo Bechara. Na sessão de encerramento, falou o Dr. João Malaca Casteleiro, da Universidade de Lisboa, sobre *Perspectivas e futuro da lusofonia*, tendo tido oportunidade de esclarecer com dados e pertinentes juízos de valor pontos ainda mal compreendidos ou mal assimilados da questão.

Graças ao apoio que tem recebido, pôde, mais uma vez, o Instituto de Língua Portuguesa cumprir com êxito nova marca na rota que se traçou.

\*

Por haver completado 70 anos de idade, deixou o Prof. Dr. Joaquim Veríssimo Serrão as suas funções de Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Por esse motivo foi-lhe prestada expressiva homenagem pela Academia Portuguesa de História. Estiveram presentes membros do Governo, representações da Academia das Ciências, da Academia Nacional de Belas Artes e da Região da Galiza. O Prof. Veríssimo Serrão termina a sua missão acadêmica consagrado e aplaudido por colegas e alunos, dada a excelência de sua produção científica, do mais alto teor cultural. A sua *História de Portugal*, em doze alentados tomos, reviu e atualizou fatos e fastos de sua pátria e o situou com destaque na galeria dos mestres que fizeram presente o passado português. Justíssima homenagem, não só ao docente universitário, mas também ao homem de princípios e padrão de vida digna, e não é demais sublinhar, sincero amigo do Brasil, país que mais de uma vez visitou.

\*

O Prof. Jean-Michel Massa, da Universidade de Rennes 2, França, está à frente de uma equipe em organização, que conta com o apoio da ULBRA e da FULP, cujo objetivo é a edição das obras completas de Machado de Assis. O Machado de Assis clássico, diz o Prof. Massa, consta de 25 a 30 vols.; a edição prevista irá a um pouco mais, pois conterà "tout le reste", mas os volumes terão outra distribuição: a parte dita clássica será concentrada num só volume, a parte acrescentada ocupará mais de um volume, segundo critério que for adotado. "Não se trata de edição crítica nem apurada (*savante*), mas de uma edição informativa (*informée*). Os primeiros volumes deverão sair até o final do próximo ano de 1996; o final do ciclo está previsto para 1998 ou 1999. O Prof. Massa espera obter recursos dos governos interessados, instituições e fundações nacionais e estrangeiras, grandes empresas industriais. O Prof. Massa calcula em R\$ 500,00 o custo da edição, quantia que julga modesta. É também o que nos parece.

\*

*Confluência* associa-se às justas homenagens à Prof<sup>a</sup> Doutora Maria Helena Rocha Pereira por ocasião de sua aposentadoria, depois de ter exercido uma atividade magisterial digna dos mais altos encômios não só pelo brilho e saber de sua cultura humanística, mas pela bagagem de sua produção acadêmica, reputada por excelente dentro e fora de Portugal. Nascida no Porto, na freguesia da Cedofeita, a 3 de setembro de 1925, formou-se em Clássica em 1947, pela Universidade de Coimbra, com 17 valores e, depois de estudos em Oxford, foi aceita como assistente do catedrático Carlos Ventura, à época em que outro grande mestre de grego e latim de Coimbra, o Doutor Rebelo Gonçalves, se transferia para a Universidade de Lisboa.

Em 1956 doutorou-se e mais adiante se torna a primeira mulher a conquistar a cátedra em Portugal, já que D. Carolina Miachaëlis de Vasconcelos o foi como convidada.

Seu prestígio cultural e acadêmico está consubstanciado nos dois recentes volumes de *Biblos* dedicados em sua homenagem, em que se reúnem trabalhos de seus colegas e discípulos nacionais e internacionais.

Se se admiram na Doutora Rocha Pereira sua profunda erudição e seu magistério exemplar, eles não se avantajam aos dotes de figura humana da Colega e Amiga. Por tudo isto, a reforma vai desobrigá-la de uma atividade mais rotineira para permitir-lhe assumir compromissos culturais dentro e fora do país; assim é que instituições brasileiras já intensificaram seus laços com a Mestra, que nos visitará, com mais frequência, na qualidade de Professor Visitante.

Parabéns, portanto, à Doutora Rocha Pereira!

\*

*Confluência* com grande satisfação registra a notícia de que o Conselho Universitário da Universidade Federal Fluminense, na sessão realizada em 30 de agosto último, aprovou aos Professores Doutores Eugenio Coseriu (catedrático da Universidade de Tübingen), José Gonçalo Herculano de Carvalho (catedrático da Univer-

sidade de Coimbra) e José van den Besselaar (catedrático da Universidade Católica de Nimega), este último postumamente, a indicação do título de "Doutor Honoris Causa".

Já meses antes a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) havia aprovado o mesmo honroso título ao Prof. Doutor Eugenio Coseriu, constituindo-se na primeira Universidade da língua portuguesa em conceder ao ilustre linguista da Universidade de Tübingen a referida distinção acadêmica.

\*

*Confluência* congratula-se com o Prof. Maximiano de Carvalho e Silva pela passagem dos 50 anos de seu magistério. Foi aos 15 de março de 1945, no verdor de seus dezoito anos, que o ilustre colega se iniciou como professor de Português, no Instituto Menino de Jesus, por honroso convite de seu mestre nesse mesmo Instituto, o Prof. Artur Machado Paupério. A chama vocacional do magistério aliou-se a boa formação universitária, haurida na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, por onde se diplomou em 1947, à sombra de professores que lhe marcaram indelevelmente o gosto das disciplinas lingüísticas e os campos de predileção em que se ia de tornar respeitado, Sousa da Silveira e Gladstone Chaves de Melo. Seus dotes de liderança e administrador o levaram a ocupar posições de relevo no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, entre as quais a de diretor do Instituto de Letras, a de Presidente da Comissão de Pós-Graduação e a de coordenador de acordo entre a UFF e a Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto, no Japão. É na Filologia entendida como Crítica Textual, cadeira da qual foi o primeiro titular na UFF, que está o maior campo de atuação do Prof. Maximiano, e nele devemos-lhe edições do mais alto valor pelo método adotado e pelas anotações preciosas. Mais recentemente, convidado pelo Prof. Sílvio Elia e pelo Presidente do Liceu Literário Português, integra desde o início o Instituto de Língua Portuguesa com o verdor dos dezoito anos e com a competência e a dignidade reveladas nessa rica e longa atividade magisterial.

\*\*\*



## COLABORADORES DESTE NÚMERO

**ANTÔNIO GERALDO DA CUNHA.** Lexicógrafo e pesquisador da Fundação Casa de Rui Barbosa. Autor de dicionários histórico-etimológicos, vocabulários e índices vocabulares.

**ANTÔNIO GOMES DA COSTA.** Presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e Presidente do Real Gabinete Português de Leitura e Vice-Presidente do Liceu Literário Português.

**EVANILDO BECHARA.** Professor Titular nos cursos de graduação e pós-graduação dos Institutos de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal Fluminense. Professor *Emérito* pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**JOSUÉ MONTELLO.** Membro da Academia Brasileira de Letras e um dos mais representativos escritores das literaturas de língua portuguesa modernas.

**MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA.** Professor Titular aposentado de Filologia (Crítica Textual) do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Ex-diretor do Instituto de Letras da UFF e do Centro de Pesquisa da Fundação Casa de Rui Barbosa. Membro da Academia Brasileira de Filologia e do Círculo-Linguístico do Rio de Janeiro. Autor de várias obras de sua especialidade.

**SÍLVIO ELIA.** Professor nos cursos de pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Antigo Catedrático de Latim no Colégio Pedro II e Titular de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**YONNE FREITAS LEITE.** Doutora em Linguística pela Universidade do Texas, em Austin e professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Leciona no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ e tem vários artigos publicados em revistas especializadas e, em co-autoria com Dinah Callou, escreveu *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. Atua principalmente no campo de línguas indígenas brasileiras.